



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FE)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGP)

JOSÉ ARNALDO PEREIRA

CLÍNICA ARTIVISTA DECOLONIAL: corpos-telas em cenas
sociais, *storyboards crips* e produção de diferenças

GOIÂNIA
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☒ Dissertação ☐ Tese ☐ Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

JOSÉ ARNALDO PEREIRA

3. Título do trabalho

CLÍNICA ARTIVISTA DECOLONIAL: corpos-telas em cenas sociais, *storyboards crips* e produção de diferenças

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Domenico Uhng Hur, Professor do Magistério Superior**, em 25/09/2024, às 08:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jose Arnaldo Pereira, Discente**, em 25/09/2024, às 11:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4835623** e o código CRC **BCD6696D**.

JOSÉ ARNALDO PEREIRA

CLÍNICA ARTIVISTA DECOLONIAL: corpos-telas em cenas
sociais, *storyboards crips* e produção de diferenças

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade
de Educação, da Universidade Federal de
Goiás (UFG), como requisito para
obtenção do título de mestre em
Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Linha de pesquisa: Processos
Psicossociais e Educacionais.

Orientador: Prof. Dr. Domenico Uhng
Hur

GOIÂNIA
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

PEREIRA, José Arnaldo

CLÍNICA ARTIVISTA DECOLONIAL [manuscrito] : corpos-telas
em cenas sociais, storyboards crips e produção de diferenças / José
Arnaldo PEREIRA. - 2024.

116 f.

Orientador: Profa. Dra. Domenico Uhng Hur.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, Goiânia, 2024.

Bibliografia.

Inclui fotografias.

1. Psicologia. 2. Artivismo. 3. Decolonialidade. 4. Cartografias. 5.
Diferenças. I. Hur, Domenico Uhng , orient. II. Título.

CDU 159.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata Nº 11 da sessão de Defesa de Dissertação de **JOSÉ ARNALDO PEREIRA** que confere o título de **Mestra em Psicologia** pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás-PPGP/FE/UFG, na *área de concentração em Psicologia*.

Aos **vinte e oito dias do mês de junho de dois mil e vinte e quatro (28/06/2024)**, a partir das **17:30h**, nas dependências da Faculdade de Educação da UFG/pela plataforma virtual xxxxxxxxxxxx/em formato híbrido, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada "**CLÍNICA ARTIVISTA DECOLONIAL: corpos-telas em cenas sociais, storyboards crips e produção de diferenças**". Os trabalhos foram instalados pelo Orientador Prof. Dr. **Domenico Uhng Hur (PPGP/FE/UFG)**, doutor em **Psicologia Social** pela **USP**, com a participação dos demais integrantes da Banca Examinadora: Prof^ª. Dr^ª. **Dolores Cristina Gomes Galindo (UFCG)**, doutora em **Psicologia** pela **PUC/SP** - integrante titular externa e Prof. Dr. **Tiago Cassoli (PPGP/FE/UFG)**, doutor em **Psicologia** pela **UNESP/ASSIS** - integrante titular interno. Durante a arguição os integrantes da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus integrantes. Proclamados os resultados pelo Prof. Dr. Domenico Uhng Hur, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Integrantes da Banca Examinadora, aos vinte e oito dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e quatro.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Domenico Uhng Hur

Prof^ª. Dr^ª. Dolores Cristina Gomes Galindo

Prof. Dr. Tiago Cassoli

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Livia Gomes Dos Santos, Coordenadora de Pós-Graduação**, em 19/09/2024, às 09:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Domenico Uhng Hur, Professor do Magistério Superior**, em 25/09/2024, às 08:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jose Arnaldo Pereira, Discente**, em 25/09/2024, às 11:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tiago Cassoli, Usuário Externo**, em 11/10/2024, às 11:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4835534** e o código CRC **186DE598**.

Referência: Processo nº 23070.048477/2024-23

SEI nº 4835534

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa a todas e todos, que acreditam no encontro das psicologias, artes e políticas, como alternativa prática de transformação individual, social, contextual e decolonial. Dedico a todas e todos que se proponham a se incluírem em mobilizações, que querem fazer parte, que acreditam e se mobilizam para construir mundos e realidades respeitosas, justas, solidárias, plurais e diferentes. Dedico este trabalho para que usem como munição na produção de existências diferentes. E que não se cansem. E ao se cansarem, que haja pausa para o descanso. Porém, que não esqueçamos de retornar ao movimento.

AGRADECIMENTOS

Com trilhas sinuosas,
Caminhei entre conflitos, desejos e escolhas,
Desbravando os terrenos do corpo, da política, das artes e da psicologia.
Ao longo dessa jornada,
Encontrei, à Associação Espaço Vida Mais Amor, nas pessoas de Karina Civile e Karla Ismaragda.
Que oportunizaram que esta pesquisa ocorresse em suas dependências.
Grato, por nutrirem minha diversidade de expressões e reflexões,
E por esta instituição ser um refúgio de provocação, alegria, desafios, amor e aceitação.
Foi neste espaço que consegui avançar nas diferenças, contribuir com as diferenças e me fazer
diariamente diferente.
Gratos aos artistas-corpos-participantes-criadores que se fizeram presentes nesta investigação,
muitos deles nomeados ao longo desta pesquisa.
Álvaro, Camila Monego, Pedro, Mayara, João Vitor, Vinicius Marques, Ana Clara, Luana, Asafe,
Isabela Gontijo, Camila Rufino, Yuri, Ana Paula...
Grato aos amigos e colaboradores deste espaço de trabalho e convivência.
Por vocês, suas diferenças e histórias, tenho imenso respeito e admiração.

Gratidão a vocês companheiras e companheiros de jornada,
Que tornaram possível esse sonho se concretizar.

Aos que me cercaram com amor, cuidado e algumas crises,
Minha mãe, Maria do Carmo Pereira,
Arcanjo Moura, Brunna Balbino (Curupira), tantos outros e outras,

Às vozes que me provocam e inspiraram,
Dra. Marlini Dorneles, Dra. Elisa Abraão,
Dr. Rafael Guarato, Dra. Lenise Santana,
Dra. Valéria Figueiredo.
Pelas leituras atentas: Dr. Tiago Cassoli, Dr. Glaucio Batista, Dra. Dolores Galindo.

Grato aos vários diálogos com Gabriel (GGG) nesta trajetória, grande amizade deste período e troca
de afetos-incômodos-conhecimentos.
Grato a coragem e as intensas provocações, que se tornaram amenas do Dr. Domenico Hur, meu
orientador.

Grato à Universidade Federal de Goiás,
Por acolher e incentivar mais uma vez minha pesquisa.
Inclusive, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Por fim, nesse mosaico de experiências,
Encontro minha arte, minha voz e me encontro.
E é com o coração transbordando de gratidão,
Que sigo adiante...

“Repertório de práticas miúdas, cotidianas e contínuas, que serpenteiam no imprevisível e roçam possibilidades para plantar amor, esperanças e liberdade... implicada com a diversidade e o caráter ecológico das existências” Luiz Rufino (2021) em Vence-demanda: educação e descolonização.

Epígrafe

RESUMO

A colonização é um fenômeno que gera opressão, exclusão e injustiças, atuando a partir da supressão das diferenças e corpos que não se enquadram na hegemonia, tendo isto em vista a psicologia, o ativismo e a decolonialidade podem estabelecer alianças para contrapor este sistema. Por este viés, o objetivo desta pesquisa é rastrear como diferentes grupos de pessoas se engajam em experimentações artivistas. Além disso, busca-se discutir a formação do ativismo como uma ferramenta e como pode se integrar como prática clínica e dispositivo decolonial. Para isso, esta pesquisa teve como método uma aliança entre Cartografia, a Performance e o Ativismo, como posicionamento de intervenção social, favorecendo a multiplicação de modos de subjetivação, tensionamentos, ferramentas e transformação social, investido em experimentações realizadas com 10 participantes. Esta pesquisa produziu *storyboards crips* do espetáculo e das curtas cenas, feito pelos participantes da experimentação artivista, ressaltando na sua produção e formulação de uma estética coletiva inscrita a partir das diferenças dos participantes. Bem como, houve invenção da noção *corpo-tela em cenas sociais*, sinalizadas em 8 (oito) intensidades, sendo elas: Construção, distribuição e reconfigurações do poder; Mobilizações entre Autoridade e Submissão: Um Olhar sobre as Dinâmicas do Poder e da Responsabilidade; Sobre os corpos e suas particularidades: as urgências e prioridades são diferentes; Experimentação artivista, as tensões de se estar sendo compreendidos e outras configurações de poder; Vocês planejaram para dar errado? O mundo normativo planeja para que eu, um diferente, seja o erro!; Experimentação artivista, produção de imaginários e impossibilidades impensadas, até então: se há oportunidade, é possível inventar!; Como mobilizar as diferenças em prol de encontros, escutas e diálogos: tentativas de experimentações; e Quando as diferenças atribuem estética, como podem se sentir os normativos?.

Palavras-chaves: Psicologia. Ativismo. Decolonialidade. Cartografias. Diferenças.

ABSTRACT

Colonization is a phenomenon that generates oppression, exclusion and injustice, acting through the suppression of differences and bodies that do not fit into hegemony. With this in mind, psychology, activism and decoloniality can establish alliances to counter this system. From this perspective, the objective of this research is to track how different groups of people engage in activist experiments. Furthermore, we seek to discuss the formation of activism as a tool and how it can be integrated as a clinical practice and decolonial device. To achieve this, this research had as its method an alliance between Cartography, Performance and Activism, as a positioning of social intervention, favoring the multiplication of modes of subjectivation, tensions, tools and social transformation, invested in experiments carried out with 10 participants. This research produced crip storyboards of the show and short scenes, made by participants in the activist experimentation, highlighting in its production and formulation a collective aesthetic inscribed based on the participants' differences. As well, there was an invention of the body-screen notion in social scenes, signaled in 8 (eight) intensities, namely: Construction, distribution and reconfigurations of power; Mobilizations between Authority and Submission: A Look at the Dynamics of Power and Responsibility; About bodies and their particularities: the urgencies and priorities are different; Activist experimentation, the tensions of being understood and other configurations of power; Did you plan to go wrong? The normative world plans for me, someone different, to be the mistake!; Activist experimentation, production of imaginaries and unthought-of impossibilities, until then: if there is an opportunity, it is possible to invent!; How to mobilize differences in favor of meetings, listening and dialogue: attempts at experimentation; and When differences attribute aesthetics, how can normative ones feel?

Keywords: Psychology. Activism. Decoloniality. Cartographies. Differences.

SUMÁRIO

Introdução...	10
1 ...	14
1.1. Cartografia como pesquisa-intervenção	14
1.2. Cartografia como acompanhar processos e movimentos	16
1.3. Análise de implicação, interseccionalidade na cartografia e enfoque no pesquisador.....	17
1.4. Intervir, coimplicar e transversalizar, como produção de conhecimento em cartografia.....	21
1.5. Cartografia e <i>Performance</i> : corpos-telas em cenas sociais e <i>storyboards crips</i>	22
1.6. Cartografia e o Ativismo: como caminho alternativo.....	27
1.7. Como se faz? Pistas para uma Cartografia Performática Artivista no fazer clínico.....	29
1.8. Cartografia e registros	31
2...	33
2.1. O Corpo, a Decolonialidade, o Ativismo e a Clínica: o poder de resistir como alternativa a colonização	33
3...	50
3.1. Artivismos, subjetividades e espaços: modos e formas de produzir diferenças.....	50
3.2. Psicologia, Artes e Políticas: articulações com o ativismo	60
4...	64
4.1. Título do espetáculo – A Tribo.....	66
4.2. Cenas Curtas.....	74
5...	80
5.1. Construção, distribuição e reconfigurações do poder.....	81
5.2. Mobilizações entre Autoridade e Submissão: Um Olhar sobre as Dinâmicas do Poder e da Responsabilidade.....	84
5.3. Sobre os corpos e suas particularidades: as urgências e prioridades são diferentes.....	87
5.4. Experimentação artivista, as tensões de se estar sendo compreendidos e outras configurações de poder.....	89
5.5. Vocês planejaram para dar errado? O mundo normativo planeja para que eu, um diferente, seja o erro!.....	90

5.6.Experimentação artista, produção de imaginários e impossibilidades impensadas, até então: se há oportunidade, é possível inventar!.....	91
5.7.Como mobilizar as diferenças em prol de encontros, escutas e diálogos: tentativas de experimentações.....	94
5.8. Quando as diferenças atribuem estética, como podem se sentir os normativos?.....	95
Considerações Finais.....	97
Referências.....	107

Introdução...

O colonialismo é um processo de captura e domínio, que emerge ao longo da história e na construção no que seria distinguido por humanidade e nomeado como procedimento civilizatório. As dinâmicas do colonialismo são ao longo da historicidade e nas variações socioculturais, constituído por particularidades nos aspectos de operacionalização de seu sistema ético-estético-político e geográfico vigente. Se assim, o colonialismo apresenta variedades de sentidos e efeitos, repercutidos na efetivação material da colonização de saberes, práticas e corpos. O colonialismo, tal qual vivemos apresenta repercussão na colonização moderna, com produções de colonialidades do saber, poder e ser, que assombram, ecoam e geram materialidades que atinge todas as produções de personalidades, sociabilidades e realidades sociais. Desta maneira, afetando todos os modos de subjetivação e invenção, ou não, de mundos. Portanto, temos que considerar que a Psicologia e todas as suas pluralidades, como epistemes, em que seus conhecimentos são atravessados por saberes e práticas, também colaborou e foi produzida, permeada pela matriz colonizadora.

Desta forma, a Psicologia enquanto instituição, foi moldada e favorece o projeto colonizador, juntamente aos conjuntos de saberes PSIS (Hur, 2013; 2021). Assim, ressaltar a responsabilidade da Psicologia, pela produção e manutenção de visões de mundo que acentuam a colonização (Césaire, 2022), é necessário. Inclusive, a negligência e ausência da Psicologia e doutros campos de conhecimento, em não mobilizarem práticas psicológicas focadas especificamente na autorrecuperação de pessoas oprimidas pela colonização (hooks, 2022). Por esta perspectiva, devemos compreender, que a academia não é somente este espaço de erudição, produção de ciência, ensino e pesquisa, porém, também é um espaço de disputa violenta de poderes (Kilomba, 2019). Ao mesmo instante, que também se deve reconhecer que a academia, na representação das universidades, são também espaços potentes de ressignificação e de produção de alternativas de conhecimentos, que podem e devem se aliar as dinâmicas cotidianas, no combate a colonização e a todos seus efeitos nefastos, acionados nas opressões, exclusões, preconceitos, injustiças e desigualdades sociais.

A de considerarmos sobre os efeitos da colonização, que desde 1962 ano da regulamentação da Psicologia no Brasil (Macedo & Dimenstein, 2011; Bicalho et al., 2012; Hur, 2007; 2012a) suas práticas/saberes eram sustentadas na observação e atendimento individual, que gerou um enfoque clínico para a atuação do (a) psicólogo (a) (Azeredo, 2002; Nascimento et al., 2006; Reis & Guareschi, 2010) com direcionamento as elites e poucas ações direcionadas as minorias sociais e/ou pessoas que possuíam menor poder aquisitivo (Yamamoto, 2012). E com o avançar dos anos seguintes, mediadas por muitas crises, questionamentos e reflexões, que inúmeras transformações ocorrerão na intenção de expandir estes caminhos, como exemplo: a Reforma Psiquiátrica; a participação dos profissionais da psicologia nos movimentos de luta social e política, sua inserção na saúde pública e a assistência social. O que sinaliza a partir de 1970, ressignificação lenta desta área de conhecimento, interdisciplinaridade

com outras áreas de saber-fazer e assim um olhar distinto com a noção de políticas para o social (Azeredo, 2002; Macedo & Dimenstein, 2011; Yamamoto, 2012).

Os efeitos da colonização, portanto, se alastra por tudo mesmo, havendo gradientes de transformações nos conhecimentos e na sociedade. Assim, um dos efeitos da colonização é a fragmentação, quebra, cisma e/ou dicotomias. Isto é, a formação *em Psicologia* é pontuada por frequentes dicotomias que opõem objetos, construtos, territórios, saberes e poderes, dentre outros. Dessa maneira, psicologia e política durante muito tempo foram dois construtos tratados por um viés dicotômico, o que teve como efeito esferas de saber e prática, separados e em oposição. Neste interim, por consequência a de se considerar, que pelo contrário, se atravessam e se permeiam (Nascimento et al., 2006). Esta mesma dicotomia, objetivada na separação ocorre com impacto nas pessoas, como tática de manutenção de controle, domínio e poder (Ferdinand, 2022), gerando uma sociedade de inimizades, ameaças, terrorismos, medo de perdas... (Mbembe, 2020; hooks, 2022).

É neste cenário social de colonização, confrontos e lutas, que a Psicologia em sua constituição plural, estabelece alianças com as Políticas e seus embates, bem como, no expandir destas alianças conectasse com as Artes, ora por viés instrumentalista, e as vezes, a serviço da colonização, ora, por uma ótica crítica e comprometida com a transformação social. Esta dissertação se compromete, manifesta e objetiva rastrear, pelo olhar do pesquisador, como heterogeneidades de pessoas se mobilizam em experimentações artivistas, para a produção de outros modos subjetivar, criar realidades éticas-estéticas-políticas e inventividades artísticas-políticas. Para isso, outros objetivos específicos são acionados, dentre eles: discutir a constituição do ativismo como ferramenta; e também, compreender como o ativismo pode se articular como prática clínica e dispositivo decolonial, no intuito de contribuir para a transformação social, reflexão crítica e legitimidade da pluralidade, em consonância a reivindicação de direitos sociais.

Com esses objetivos essa dissertação propõe uma análise profunda sobre as mobilizações em experimentações artivistas e seu impacto na produção de outras formas de subjetividade, criação de realidades, bem como na promoção de inovações artísticas e políticas. Além disso, a dissertação se propõe a discutir a constituição do ativismo como uma ferramenta de transformação social e política. Nesse sentido, busca-se compreender as características do ativismo, suas potencialidades e limitações, bem como seu papel na promoção de mudanças sociais e na resistência a estruturas de poder dominantes. Outro ponto de análise é a articulação do ativismo com a prática clínica e o seu potencial como dispositivo decolonial. Aqui, a dissertação pretende explorar como a arte pode ser utilizada como uma ferramenta terapêutica e de intervenção psicológica, especialmente no contexto da descolonização do conhecimento e da transformação social. Busca-se compreender como o ativismo pode contribuir para a reflexão crítica sobre questões sociais, culturais e políticas, legitimando a pluralidade de experiências e reivindicações de direitos sociais.

Assim, essa dissertação pretende não apenas analisar o fenômeno do ativismo, mas também contribuir para o debate acadêmico sobre suas implicações sociais e políticas, além de oferecer pistas para práticas clínicas mais inclusivas e socialmente engajadas. Por meio de uma abordagem reflexiva e crítica, busca-se promover uma sociedade mais justa e plural, onde a arte e a política sejam ferramentas eficazes para a transformação social.

Se assim, o viés de articulação aqui acionado na Psicologia, é o da arte em movimento contínuo a Políticas, com intenções de lutas por causas sociais e localizadas nas minorias sociais, logo, ativistas. O declarar do interligar entre artes e políticas, emerge o saber-prática do ativismo na e com a PsicoLOGIAS, como alternativa de enfrentamento, combate e luta, com relação aos processos de colonialismo, marcados nas colonialidades do ser, saber e poder. Desta forma, o ativismo se arranja em um terreno de resistência as colonialidades (Galindo, 2022) e construção doutros mundos. Assim, desde 1960, inúmeros países por meio de variados contextos assumiram manifestações artísticas engajadas, ocorrendo principalmente em espaços urbanos. Havendo a invenção de nomeações que fazem referência as intervenções nas sociedades, aliadas a ações artísticas (Costa; Coelho, 2018). No contexto brasileiro evidencia-se diversos movimentos sociais que demarcam a luta pelos direitos civis (Bordin, 2015; Buratto, 2016), vinculadas ao ativismo.

Desta maneira, a relação entre arte, política e psicologia, destaca o papel do ativismo como uma forma de enfrentamento e resistência aos processos de colonialismo e suas manifestações nas estruturas de poder, conhecimento e identidade, tornando nítido os objetivos: em explorar interseção entre arte e política; realizar a contextualização, visibilizando o surgimento e a evolução do ativismo como uma prática global, destacando sua relevância ao longo do tempo; de reconhecimento da diversidade multicultural e de contextos que adotaram manifestações artísticas engajadas como forma de expressão político-social; atribuir ênfase nos direitos civis e nas minorias sociais; bem como, de desafiar às estruturas de poder, estabelecendo conexões com a psicologia, especialmente em relação aos processos de colonialismo e suas influências sobre a subjetividade e a identidade. No geral, é importante destacar o papel do ativismo como uma forma de resistência política e social, especialmente no contexto brasileiro, e explorar suas conexões com outras áreas, como a psicologia e a luta pelos Direitos Civis.

Considerando a perspectiva constituída nesta pesquisa, é importante perceber como se dá o colonialismo e seus efeitos na colonização, estes fomentando a produção das PsicoLOGIAS. A cartografia nesta investigação é um paradigma guiado pela pesquisa-intervenção, em que o pesquisador acompanha os movimentos do campo de pesquisa, questionando os aspectos hegemônicos, reducionistas e dicotômicos, numa posição contrária ao positivismo e que pode conflitar a colonização. O pesquisador está implicado com a pesquisa, sua produção de sentido e de realidades sociais. Logo, o seu olhar é extremamente significativo nas produções de conhecimentos e afetividades, sendo que o enfoque se direciona ao olhar do profissional da psicologia, nesta pesquisa. E desta maneira, pode aliar Cartografia, a Performance e o Ativismo, como postura, posicionamento e manejo metodológico de

intervenção clínico-social, favorecendo a multiplicação de modos de subjetivação, tensionamentos, ferramentas e transformação social, investido em experimentações realizadas com 10 participantes, na intenção de compreender os efeitos, impactos e alcances, assim como, produzindo *storyboards crips* que evocam possíveis análises a respeito e que contribuem para com a produção de diferenças. Bem como, esta pesquisa se compromete em transformar, ampliar a perspectiva e manejo do profissional da psicologia.

Com isso, para se alcançar a proposta desta investigação esta dissertação é composta por capítulos todos sinalizados com reticências, isto é, três pontos paralelos ao lado da numeração inicial de cada capítulo, uma vez que compreendo sua abertura a interpelação com o leitor e leitora desta pesquisa, sua infinidade de alternativas e desdobramentos suscetíveis ao movimento da reflexividade-crítica, bem como, a constante atualização a depender do ponto de vista daquele e daquela que lê demarcada por seu momento sócio-histórico datado, modo de subjetivação e produção de diferenças, o que gesta um espaço inacabado e em transformação. Desta maneira, os capítulos se organizam da seguinte forma: o primeiro, menciona a aliança metodológica entre Cartografia, Performance e Ativismo, como dispositivos de produção, bem como, o desdobramento nas noções *corpos-telas em cenas sociais* e *storyboards crips*; o segundo, visibiliza a Psicologia a partir dos processos de colonização e descreve as problemáticas das psicologias desenvolvidas pelas matriz colonizadora, bem como, nos aspectos a se avançar mediante a proposta decolonial, que enfrenta, resiste e questiona o modelo euro-centrado, elitista, branco-centro, falocêntrico, heterocompulsório, cristão... que se atualiza mediante os processos socio-histórico-culturais, na manutenção poder e das lógicas de domínio; o terceiro capítulo apresenta com enfoque a articulação entre Arte e Política, através do viés artista, além de estabelecer relações com o campo da Psicologia; o quarto capítulo visibiliza os *storyboards crips* produzidos nesta experimentação; o quinto, apresenta a experimentação de um grupo de pessoas atípicas e típicas, com a articulação prática da noção denominada *corpos-tela em cena sociais*; e por fim, será apresentado as considerações finais desta pesquisa, sintetizando os aspectos e questões desta investigação, bem como, apontamentos para desdobramentos futuros da mesma.

1...Proponho neste capítulo desenvolver a noção de *cartografia performática ativista*, a partir de uma visão de procedimento metodológico. Antes, faz-se necessário realizar algumas considerações e impressões, o que precipita algumas orientações no modo de experienciar este texto e com as problematizações que se visa ressoar a partir do mesmo, como fazer metodológico. Neste contexto, as considerações neste capítulo se orientam aqui como interdependentes e em movimento. Bem como, esta textualidade assume a parcialidade da revisão de literaturas como direção de orientação, não se propondo a universalização e/ou totalização do conhecimento, visa-se deixar problematizações, brechas e lacunas, sujeitas a interlocução reflexiva com aqueles e aquelas que acionarem estas possibilidades de proceder em seus métodos.

Ainda, serão dispostos tópicos que se colocaram como pistas metodológicas que visam sinalizar alguns posicionamentos e/ou posturas a serem acionadas no ato de pesquisa, principalmente investidas através do enfoque no olhar do pesquisador. Desta forma, sinalizando a cartografia como pesquisa-intervenção que emerge em dado momento histórico de crítica e criatividade epistemológica, que acompanha o fenômeno social investigado em seu mover e transformar, mediante o processo de atuação no pesquisar e do pesquisador.

Se assim, aciona uma postura e posicionamento em que o pesquisado não é neutro, nem distante, nem impessoal, logo, estando implicado na produção de conhecimento. E suas escolhas, bem como, o tema tem eco em seus interesses e nas relações de saber-poder que o atravessam. Este capítulo, portanto, se desdobra ao construir alianças entre a cartografia, a pesquisa performativa e o ativismo, como, especial atenção ao que se denominou *corpos-telas em cenas sociais*, a partir de uma lógica das intensidades e os *storyboards crips*, desenvolvidos na pesquisa. E por último, sinaliza o procedimento de registrar na cartografia.

1.1.Cartografia como pesquisa-intervenção

A origem histórica da pesquisa-intervenção no Brasil se dá, pela identificação do movimento institucionalista francês, em 1960 e as décadas seguintes no contexto da América Latina, afirmando-se como prática ético-estético-política. A pesquisa-intervenção é uma perspectiva das pesquisas participativas que busca investigar a vida da coletividade na sua diversidade qualitativa, assumindo uma intervenção de caráter socioanalítico. Tal prática se consolida como uma crítica à política positivista e aos enfoques tradicionais presentificados nas pesquisas, o que amplia as perspectivas e bases teórico-metodológicas. Assim, gerando efeitos e impactos atribuídos aos processos de intervenção na realidade sociopolítica, já que a proposta é intervir na ordem micropolítica na experiência social, desarticulando fazeres e discursos instituídos, o que oferece outras possibilidades de concepção de sujeito, grupo e ação transformadora (Rocha & Aguiar, 2003). Deste modo, estas possibilidades oferecem a multiplicação de referenciais e por consequência a pluralização de modo de

conhecer, que ressonam na psicologia na contemporaneidade. A pesquisa-intervenção se desdobra na cartografia, portanto, se apresenta enquanto caminho valioso para este uso, pois, considera a complexidade daquilo que é investigado, assumindo suas variações, movimentos, mutabilidades, intensidades, vetorizações, forças e relações de poder. Se destacando como método, bem como, a forma do pesquisador encontrar o campo de pesquisa, questionando os aspectos hegemônicos, reducionistas e dicotômicos (Romagnoli, 2009).

A cartografia se articula como método de pesquisa-intervenção, orientada pela expansão teórico-metodológica, que não se mobiliza por regras predeterminadas, sendo assim constantemente acordadas e atualizadas, mediante o desenvolver/transcorrer da pesquisa. Neste sentido, as manobras da pesquisa cartográfica se dão no percurso, sempre considerando os efeitos do ato e no ato. O que por vezes reorganiza o objeto-tema de pesquisa, o posicionamento daquele ou daquela que pesquisa e os resultados. Há uma inseparabilidade entre o conhecer e o fazer, em mesma perspectiva entre o pesquisar e o intervir. A intervenção coemerge na teoria e prática, no sujeito e objeto (Passos & Barros, 2020).

Nesta investigação, a cartografia será proposta a um grupo de pessoas heterogêneas, sendo elas por atípicos e típicos, uma vez que almejasse a produção de conhecimento com e pelas diferenças, articulada a uma Psicologia Decolonial e aos saberes-práticas do ativismo. Este grupo integra, o projeto Profissionalização, promovido pela instituição de assistência social inclusiva, denominada *Associação Espaço Vida Mais Amor (AEV+A)*, localizada em Goiânia, Goiás, Brasil. Tal instituição promove assistência com enfoque em Pessoas com Deficiências (PcDs), em que oferece serviços e facilita uma educação, que visa articular aspectos cognitivos, afetivos, sociais e culturais, proporcionando habilitação, reabilitação, formação, integração ao mundo do trabalho e fortalecimento de vínculos socioemocionais, a um público diverso de crianças, jovens e adultos, de diferentes classes econômicas, gêneros e sexualidades. Por ser uma instituição sem fins lucrativos conta com o apoio de empresas mantenedoras, dentre elas se destaca, a parceria com a Rede de Drogarias Santa Marta, no qual as pessoas do grupo foram inseridas, enquanto trabalhadores PcDs. A experimentação foi desenvolvida em ambas as instituições.

O grupo, portanto, caracterizado como atípicos foram de Pessoas com Deficiências, selecionados sem critérios de diagnósticos, porém, incluídos por suas habilidades estético-artísticas, previamente avaliadas uma vez já sendo acompanhados por mim, como psicólogo responsável pela instituição e do projeto Profissionalização. E os caracterizados como típicos, sendo pessoas sem diagnósticos ou laudos, estes profissionais instrutores da mesma instituição. Foram realizados 18 encontros, de aproximadamente 150 minutos cada, de acordo a necessidade do grupo que perpassam: a lentificação do pensamento; o cansaço; a facilitação da linguagem; a utilização de comunicações alternativas/complementar; a organização sensorial e emocional; e autorregulação individual e do grupo. Tendo como finalidade a construção de experimentações cênicas, proposta a partir de uma inversão de posicionamentos e relações de poder, entre estas pessoas visando a construção e

multiplicação legitimada das realidades ético-estético-políticas. É importante lembrar que os típicos são privilegiados pelo poder hegemônico em detrimento dos atípicos, o que dispara tensões de poder entre a normalidade e anormalidade, capacidade e incapacidade, atitudes socialmente adequadas e inadequadas, direitos garantidos e negligências. Mediante estas tensões foi feito um grupo com 10 participantes, que autorizaram suas nomeações nesta pesquisa (Isabela Gontijo, Assafe, João Vitor, Vinicius Marques, Camila Monego, Mayara, Ana Clara, José Arnaldo Pereira, Pedro, Álvaro Oiano), apresentando idades entre 20 a 32, entre homens, mulheres, e uma pessoa não binária, em sua maioria classe média e baixa branca, com ambas características típicas e atípicas, seguindo os critérios mencionados.

Desta maneira, as práticas mediadas de experimentação ativista visaram inverter e criar outras configurações de relações de poder, onde atípicos estavam privilegiados em poderem estar diretores e diretoras, como também, a participarem na atuação da montagem cênica. E aos típicos foi reservada somente a alternativa de atuação. Esta articulação busca empreender na intervenção dos modos de criação, nos conteúdos-temas-discursos a serem visibilizados e estéticas sociopolíticas a serem ocasionadas, questionando os discursos e práticas instituídas, a partir de uma ótica da heterogeneidade marginalizada atípica. Bem como, inventando e visibilizando outras possibilidades de subjetivação e interação social. A cartografia mostrou-se em constante atualização neste grupo, o que possibilita conhecer o que é instituído, bem como, simultaneamente produzir e intervir na realidade social vivenciada entre típicos e atípicos, gestando outras possibilidades de interação. Este projeto está vinculado à pesquisa “Psicologia de Grupos, Instituições e Coletivos Sociais: intervenções psicossociais”, coordenada pelo Prof. Dr. Domenico Hur, a qual está aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, CAAE 39300714.7.0000.5083.

1.2. Cartografia como acompanhar processos e movimentos

A cartografia acompanha processos. Acompanhar processos diz respeito a se deslocar e se manter em movimento. Se há movimento o caminho não é linear. A atenção do pesquisador está em deslocamento, suspensão e flutuante, visando rastrear no ato de acompanhar a posição, a velocidade, o ritmo, a aceleração. Se assim, a cartografia é uma performance, isto é, uma ação, uma execução, um ato, um realizar, um deslocar. Nesse sentido, o cartografo é guiado em direções inesperadas e assim faz o trabalho de invenção (Kastrup, 2020). Os efeitos e relações com a performance e a inventividade, serão ao longo desta pesquisa evidenciados na intenção de ressaltar as especificidades do que se empreendeu aqui como cartografia.

Retomando, participar e acompanhar o processo de montagem cênica em um grupo com pessoas típicas e atípicas, propicia diversos movimentos inesperados e inventivos, que são acionados

pelas particularidades corporais, os interesses, as diferenças de linguagens e comunicação, variações de compreensão, desejos... E a cartografia nesta concepção é um método que se mobiliza em um dispositivo experimental como possibilidade de colocar em tensão as suposições, isto é, as ficções do pesquisador, incluindo as múltiplas ideias instituídas, de desejo, de ordem, de estética, de organização espaço-temporal, de limites, de emoções, de acessibilidade...

E assim enquanto pesquisador reconhecer que todas estas dinâmicas já estavam em deslocamento e se movimentam para além da sua presença. Porém, com sua presença a dinâmica se atualiza. Isto é, o tema-objeto já está em curso e o pesquisador se correlaciona aos movimentos da pesquisa. O objetivo da cartografia é reconhecer a rede de forças em qual o fenômeno está em conexão, dando conta das modulações e deslocamentos. O objeto-processo requer uma atuação na pesquisa que também seja processual, e repercute nas processualidades da coleta, análises e discussão de dados e escrita dos textos (Barros & Kastrup, 2020). O que nesta pesquisa requer que haja uma constante reorganização.

1.3. Análise de implicação, interseccionalidade na cartografia e enfoque no pesquisador

As problemáticas da posição que o pesquisador assume na sua pesquisa, as relações/tensões que estabelece com os sujeitos de sua investigação, os efeitos que podem assumir nas observações. Como acompanhar o processo de subjetivação que são corporificados no pesquisador? Como ocorre implicações do pesquisador na pesquisa? Tais perguntas, propiciam colocar o pesquisador e a pesquisa em análise, bem como, o lugar de poder e as conjecturas hierárquicas que sua posição na intervenção lhe outorga. A análise de implicação do pesquisador pode mudar os rumos de uma intervenção. Estas reflexões trata-se do que se denomina de *análise de implicação* (Paulon, 2005).

Deste modo, segundo Romagnoli (2009)

Nessa proposta, o papel do pesquisador é central, uma vez que a produção de conhecimento se dá a partir das percepções, sensações e afetos vividos no encontro com seu campo, seu estudo, que não é neutro, nem isento de interferências e, tampouco, é centrado nos significados atribuídos por ele. (Romagnoli, 2009, p.170).

Neste contexto e investigação, foi constantemente avaliado as implicações e interesses do pesquisador correlacionada a esta pesquisa-intervenção, assim sendo reconhecida as implicações e como elas se transportam em diversas instâncias, sendo elas: a acadêmica para com o orientador, para a coordenação institucional onde se realizou a pesquisa, para os integrantes da pesquisa e na produção discursiva aqui escrita. Neste sentido me localizo, para que possam me rastrear e responsabilizar: nascido em Goiás, estado do Brasil; filho de uma mãe negra solo; negro; homem; com sexualidade não normativa; aos 32 anos; performer; Técnico em Artes Dramáticas (Itego Basileu França – GO);

Psicólogo (PUC-GO); Licenciado em Dança (UFG); Esp. Em Educação Sistêmica, Ensino Integral; Especializando em Arteterapia; Me. Performances Culturais (UFG); e Mestrando em Psicologia (UFG); e psicólogo na Associação Espaço Vida Mais Amor (AEV+A). É certo, que esta produção me afeta e impacta de diferentes modos, por distintas direções. Minhas áreas de formação sinalizam, porém, há uma ampliação de interesses, quando se é contratado da instituição onde ocorre a pesquisa, por fazer o acompanhamento destas pessoas que participam da experimentação e pesquisa acadêmica, por ser uma figura de autoridade, visibilidade e ocupar um cargo de destaque na instituição que ocorre as experimentações, neste sentido há níveis de tensão e interesses envolvidos, o que também configura as relações saber-poder investidas seja nas dimensões da pessoalidade, seja da psicologia, seja das artes. Ser a única pessoa negra e de orientação sexual não normativa em um cargo de superioridade em uma instituição, em que todos os outros cargos superiores são ocupados por pessoas brancas e heteras. Outro aspecto ainda, é ser uma pessoa típica que visa facilitar processos éticos-estéticos-políticos de pessoas típicas e atípicas.

Neste contexto, minha raça, sexualidade, orientação sexual, posição trabalhista, gera diversas disputas, contradições com passibilidades, hierarquias e tensões de saber-poder. Incluo, minha trajetória artística-política, que podem ser parcialmente acessadas na dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais, intitulada *Arte expandida decolonial: tensões entre a arte-vida, o corpo, a dramaturgia e as possibilidades de performar a si mesmo* (Pereira, 2021) e *Como homens racializados podem se manter vivos? Danças, processos de ensino-aprendizagem, corpos, trauma colonial e cultura de si* (Pereira, 2022). Considerando estes aspectos gera modos de subjetivação particulares, marcado pelas especificidades que ressoam na Associação Espaço Vida Mais Amor (AEV+A) e nas pessoas que nela atuam, o que por consequência implica nas pessoas que participaram da experimentação.

Reconheço, portanto, que minha descrição detalhada e reflexiva sobre a posição que ocupo e identidade no contexto da pesquisa-intervenção é crucial para compreender as complexidades envolvidas nesse tipo de trabalho. Suas várias identidades – como uma pessoa negra, de sexualidade não normativa, com uma posição de autoridade em uma instituição majoritariamente branca e heteronormativa, e com uma formação diversificada em artes e psicologia, influencia profundamente as interações, percepções e responsabilidades dentro do ambiente de pesquisa. Torna-se nítido também de acordo com o avanço no reconhecimento das implicações éticas e políticas da minha posição e identidade, especialmente quando se trata do papel como um facilitador de processos de saúde, éticos, estéticos e políticos para pessoas tanto típicas quanto atípicas, minha responsabilidade acionada por minha presença como uma figura de autoridade em um ambiente institucional majoritariamente branco e heteronormativo, podendo criar tensões e contradições que precisam ser reconhecidas e abordadas de maneira cuidadosa.

Além disso, adicionam uma camada de complexidade e sensibilidade a este trabalho, minhas experiências pessoais e artísticas-políticas, tais quais: AÇÕES caÓTICAS PARA CORPOS

ACALMADOS, performada a partir do ano 2015, meu corpo traja um estrutura feita de capim seco, que recobre toda a cabeça, bem como, carrega um pacote de farinha de trigo e sai a caminhar em espaços públicos que apresentam funcionamentos rígidos e contínuos, meu corpo entre movimentações repetidas e quedas corporais, estourasse o saco de farinha, criando estados-aspectos de desorganização, desmontando a movimentação cotidiana estabelecida, que codifica o automatismo, a repetição e a manutenção; REGA-ME!!!, , performada a partir do ano 2015, meu corpo traja um estrutura feita de flores artificiais, 2015 e carregando diversos regadores cheio de água, em espaço público realizasse movimentação em que se molha o corpo e o chão, deixando um vestígio momentâneo que evapora momentaneamente, performando a volatilidade dos afetos em meio as paisagens transitórias da vida; [RE]TALHAR ou OMULU Contemporâneo, performada a partir do ano 2015, em que meu corpo caminhante em espaços públicos estabelece uma movimentação de colocada e retirada, de uma estrutura sobre a cabeça, experiência similar a INTERFERÊNCIA, também performada a partir de 2015, onde em espaços públicos meu corpo troca de roupas atribuídas entre o masculino e o feminino, estas dinâmicas dizem da recondução da pessoalidade, multiplicação de si, pluralização de formas e estéticas, e busca por legitimidade em espaços éticos-políticos de sociabilidades, experiências de pluralização de éticas-estéticas-poéticas que busco empreender; Lavando roupa suja, em público!!!, performada a partir de 2017 por mim também apresenta a intenção, a partir do corpo de levar um tecido de 7 metros de algodão, para lavar em público, trazer ao debate público os debates da intimidade, da vida e do privado, conectando a partir da intensidade dos afetos a pluralização de significações e possibilidades de mundos possíveis¹; as experiências Estudo participativo sobre TRANSextase, des-equilíbrios e ondulações, executada a partir de 2017² e Ensaio sobre O'MAR³, executada a partir do mesmo ano, é uma tentativa interminável de descobrir-se, por meio do movimento a multiplicidade de devires que posso me tornar, dentre outras experiências.

As performances descritas revelam uma busca intrépida por desorganizar as normas e os espaços estabelecidos, desafiando as estruturas rígidas e repetitivas que governam o cotidiano. A partir de uma estética performática marcante destas experiências, que rompem com a monotonia e convidam à reflexão sobre as possibilidades de subversão e reinvenção da experiência humana. É importante ressaltar que estas experiências notabilizam o corpo como veículo de expressão que desafia as categorias normativas da identidade e dos comportamentos. Gerando metamorfoses físicas acompanhadas por movimentações erráticas e imprevisíveis, marcadas por quedas e derramamentos de farinha ou água, que interrompem a ordem estabelecida e instauram estados de desorganização e caos. Ao fazer essas performances em espaços públicos, o corpo se torna um agente de perturbação e questionamento, desafiando a segregação entre o público e o privado e convidando à participação ativa dos *transeuntes*, evocando questões profundas sobre a intimidade, a vulnerabilidade e a conexão

¹ <https://youtu.be/UCVna84rHXk?si=Izdna7k58YlllG8E>

² <https://youtu.be/UhCV3jm8nQ0?si=uM8TFJ41S659WYZp>

³ <https://youtu.be/HDJFhkCLY44?si=XZsaa9M8FWUawm5M>

humana. Além disso, estas experiências investigamos limites do corpo e da mente, e desafiando as fronteiras entre o eu e o outro, o humano e o divino.

Essas performances são uma busca incessante por novas formas de ser e se tornar, um convite para explorar a multiplicidade de devires que habitam dentro de cada um de nós. São atos de resistência e liberdade, que desafiam as normas sociais e abrem espaço para a emergência de novas possibilidades de existência e expressão. Experiências arranjadas por meio de minha trajetória de vida e obras anteriores que refletem meus valores, perspectivas e compromissos, que inevitavelmente influenciam suas interações e abordagens nesta pesquisa-intervenção.

Quando reconheço e reflito sobre esses aspectos, demonstro um compromisso com a ética, a responsabilidade e a sensibilidade cultural na prática profissional. Bem como, a importância em continuar navegando nesses espaços com consciência, humildade e abertura para o diálogo e o aprendizado contínuo, garantindo que ações e decisões respeitem e promovam a dignidade, a autonomia e o bem-estar das pessoas envolvidas na pesquisa.

Aqui apresento minhas implicações, em certo nível desejos e ponto de vista, que se desdobram, sendo apontados dos marcadores sociais aqui visibilizados. E numa mesma via, é esta análise de implicação que possibilita reconhecer meus interesses, autoridades e não invisibilizar minha responsabilidade-compromisso com esta pesquisa. Inclusive, reconhecer que meus marcadores sociais, dizem respeito a perceber a identidade do pesquisador e como ela pode ressoar na pesquisa empreendida e nas tensões-conflitos desdobrados. Desta maneira, o encontro dos marcadores diz respeito a *interseccionalidade*, tais quais: nação, cor, gênero, sexualidade, etariedade, classe, formação, profissão... O que possibilita reconhecer, a matriz que se dispõe como hegemônica e colonizadora, como opressora e colaboradora com a violência cotidiana, a partir de um ponto de vista marcado (Akotirene, 2019). O que atribuiu singularidade, aproximações e distanciamentos do pesquisador para com o grupo, o contexto e as vivências, o incluindo em sua existência a Outridade. E um contínuo exercício de autoavaliação que se dá antes, durante os encontros com grupo de pessoas [típicas e atípicas], e na produção discursiva. Neste sentido, a interseccionalidade perpassa todos estes momentos, com perspectiva no pesquisador e participantes desta investigação, como também, considera as desigualdades sociais, as tensões de poder, os contextos sociais, as relações, as complexidades e a justiça social. Assim, como prática localizada, engajada e investigação crítica, que visa recusar, questionar e reparar, situações de injustiças sociais, podendo ser importante aliada ao debate dos Direitos Humanos. Possibilitando reconhecer as diferenças, desde as diferenças. O que repercute e colabora para o desenvolvimento da reflexividade individual e produção de conhecimento coletivo (Collins & Bilge, 2021). Inclusive, realçar meus interesses ao serem examinados, como me afeto e como sou afetado pela pesquisa, pela qual estou a me mobilizar.

A análise de implicação na cartografia contribui para que instale uma prática interventiva compromissada e que pode ser responsabilizada. Bem como, visibilizar uma prática plural, com abordagem que enfrente e problematize a realidade social, quando concebida em toda sua

multiplicidade e complexidade histórico-política (Paulon, 2005). Pautada na crítica ao estatuto de verdade absoluta, multiplicando os pontos de vistas e as implicações (Rocha & Aguiar, 2003).

Se assim, Romagnoli (2009) considera que:

cada pesquisador e cada objeto de estudo habitam um “meio”, circulam em formas de se relacionar, constituindo um território que envolve marcas, estratos, conexões, relações. São as circunstâncias, os elementos que se estabelecem entre os encontros que podem ou não trazer outras marcas, romper com sentidos conhecidos e fundar outros impensáveis. Logo, são essas relações que devem ser mapeadas no método cartográfico, para se conhecer a realidade em sua complexidade. (Romagnoli, 2009, p. 171).

Desta forma, são estes meios e entres, estabelecidos na interação entre o pesquisador e os temas/objetos de pesquisa, que esta investigação se propõe a vivenciar. O cartógrafo, posição acionada dentro da metodologia cartográfica, sinaliza afetos que transitam na pesquisa, estando mergulhado nas intensidades de seu tempo e nas linguagens que se movem, formulando as composições de cartografias que se fizerem necessárias. Afetos que trafegam e transitam intensidades pelo corpo do pesquisador e percorrem seu corpo para com o encontro dos corpos que visa encontrar e compreender. O encontro e a compreensão aqui, é sinalizada por meio do corpo sensível-político-ético do pesquisador-cartógrafo-psicólogo e das intensidades em movimento que acionam afetos e tensões de poder (Rolnik, 2016). Assim utilizasse nesta investigação das fontes mais variadas a serem percebidas nas literaturas, como nas experimentações artivistas desenvolvidas, como meio de passagem destas intensidades.

1.4. Intervir, coimplicar e transversalizar, como produção de conhecimento em cartografia

O ato de intervir é uma articulação coimplicada e correlacionada, em quem conhece e no que será conhecido, de quem analisa e do que é analisado, seguidos da análise de implicação. Esta articulação se movimenta na relação de poderes constituintes (Passos & Barros, 2020). Nesta pesquisa a coimplicação e correlação, diz respeito ao que se menciona como simultâneo, isto é, ao mesmo momento. Intervir trata-se de movimentos difusos e multidirecionais, propiciando por uma via o conhecer de todos os elementos humanos e não humanos correlacionados na rede, e assim seus diversos interesses que se relacionam e implicam. Estamos, portanto, acessando as múltiplas realidades tensionadas de típicos e atípicos, nesta configuração reconhecendo o jogo de forças e poderes, que atribui legitimidade e validade. Bem como, avançamos nas literaturas como processo de assimilação crítico-reflexiva, na busca em reconhecer todos e tudo que se articula a rede, não só, pois, em simultâneo está se produzindo conhecimento.

Assim, o tema coimplicação afeta desde o direcionamento clínico-político até o percurso cartografado, posicionando sua crítica ao positivismo, as dicotomias, fragmentações e reducionismos.

Alojando uma postura em que o pesquisador não sai ileso, nem utilizasse de uma postura neutra, impessoal e distanciada, se conhece correlacionado e se modifica. Bem como, tudo que se esta articulado se reconhece e se altera, na ação do pesquisar.

Se tudo está na cartografia coimplicado e correlacionado, havendo negociações, disputas e tensões entre forças, desejos e interesses. Nesta pesquisa, portanto, a partir deste viés múltiplo de interesses, a transversalização ocorre entre a invenção clínica, política e ativista, campos que se atravessam e se interanimam na produção de conhecimento, tendo como viés a decolonização dos modos de saber, poder e ser. Assim, há coexistências e coabitações ao acionar uma perspectiva coimplicada, correlacionada e transversal, havendo uma intensificação de movimentos e de multiplicação de formas variadas de criação (Passos & Barros, 2020).

Neste contexto, nesta pesquisa e nos encontros realizados, constantemente e inevitavelmente, acionasse temas estéticos-artísticos, éticos, políticos, a especificidades dos marcadores sociais direcionados pelas deficiências. Temas acionados e de forma geométrica se multiplicam e rearticulam, gerando ampliação de modos de fazer e pensar. Assim a coimplicação ocorre de maneira multidirecional, isto é, as implicações são advindas de todos os elementos acionados na rede de produção da pesquisa: o pesquisador, os participantes, a instituição. Cada com relações, alcances e interesses articulados as tensões de poder diferenciadas, ainda que momentaneamente em interação e reticulado. Coimplicações que modificam e recodificam a pesquisa a deixando em movimento.

1.5. Cartografia e *Performance*: corpos-telas em cenas sociais e *storyboards crips*

A cartografia não oferece um caminho pronto, porém, oferece pistas para praticá-lo. Praticar a cartografia é diferente de aplicá-la. Praticar retira a noção de distanciamento e impessoalidade associada ao pesquisador – o enfoque nesta pesquisa –, o reconduzindo a implicação e responsabilização. Bem como, aprendizagem, assimilação e modificação, por meio da vivência em relação do pesquisador e tudo aquilo que se constituir na rede de interanimação na pesquisa. Sendo, um método a ser construído caso-a-caso, que articula variações de configurações de elementos, forças ou linhas, que interatuam simultaneamente, e se coloca à disposição na inventividade de diferentes modos de atuação.

O método cartográfico não oferecerá um modelo, todavia, se dará através de pistas, estratégias e procedimentos de experimentações concretas. A cartografia, enquanto, método apresenta funcionamento plástico, se materializando em dispositivos múltiplos que atendem diversidade de metas e objetivos. O dispositivo aqui é entendido, como um conjunto heterogêneo em rede e conectado entre diversos elementos. Dentre estes elementos se destaca quatro tipos de linhas, a saber, a de: visibilidade, enunciação, a de força e de subjetivação. As linhas de visibilidade e enunciação, indica

que a formação histórica dispõe de maneiras de sentir, perceber e dizer. As linhas de forças têm a ver com as relações de saber-poder. E as linhas de subjetivação inventam modos de existir (Kastrup & Barros, 2020). Todas estas linhas são acionadas na investigação e produção desta pesquisa, ao reconhecer o enfoque nas intensidades em trânsito pelo corpo do pesquisador, o que se articula ao dispositivo cartográfico aqui empreendido.

O funcionamento da cartografia materializado em dispositivo, pode estabelecer aliança com a Pesquisa Performativa. Uma vez que se tem uma pesquisa-guiada pela prática, aberta a experimentações e modulações de seus instrumentos, análises e plasticidades das exposições de seus resultados, para além da escrita, como também, em imagens, imagens em movimento e ações (Haseman, 2015). Desta maneira, das alianças estabelecidas entre cartografia e a Pesquisa Performativa, no realizar desta pesquisa conduzida pela prática e reconhecendo o seu aspecto experimental, se faz necessário. Inclusive, a constituição de uma investigação em processo, suscetível a mutabilidade, entradas e saídas, progressos e regressões. Tudo isso a favor, de um fazer que se concretiza na trajetória e percurso experimental (Cohen, 2004), o que acentua os aspectos processuais, inventivos e criativos. Também, mediante a aliança estabelecida o corpo recebe enfoque significativo, uma vez que é produtor de significados e significante, e o mesmo está presentificado na experimentação. Bem como, pode ressemantizar os valores contidos no processo de dinâmica corporal, ao se reconhecer e ir de encontro ao coletivo. O corpo questiona o que está normatizado/naturalizado e incorporado a cultura social, isto constitui o fator desalienador (Glunberg, 2013), que reflete a inquietação e confronto com determinadas situações estético-sociopolíticas (Goldberg, 2015), o que aciona simultaneamente tanto as linhas de forças articulando as tensões de saber-poder, como também investe nas linhas de subjetivação ao engajar alternativas de se estar e produzir o mundo.

Considerando as alianças entre a Cartografia e a Performance, como alternativa de pesquisa conduzida pela prática e sua experimentação, bem como, o enfoque nos corpos dos participantes e como estas situações tornam-se intensas por meio do corpo do pesquisador, que algumas noções se tornam primordiais. A abordagem cartográfico-performática na pesquisa conduzida pela prática e experimentação oferece uma perspectiva rica e dinâmica, especialmente quando se trata da intensidade das situações vivenciadas pelos corpos dos participantes e do pesquisador. A noção de corpo-tela, dentro desse contexto, é essencial para compreender as complexidades e as multiplicidades presentes nas interações entre os corpos dos participantes e o ambiente da pesquisa.

No entendimento de Leda Maria Martins⁴ (2021), o conceito de corpo-tela transcende a simples ideia de uma representação visual, expandindo-se para abranger uma riqueza de características que vão além da mera visualidade. Ele engloba elementos como condensação, temporalidades giratórias, volume, relevo, superfície, fundos, intensidades, densidades e uma intrincada trama de elementos

⁴ Leda é rainha de Nossa Senhora das Mercês do Reinado de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Suas pesquisas atravessam e produzem poesias, ensaios e dramaturgias, se desdobrando entre performances, negritudes e rituais.

interligados. O corpo-tela, conforme descrito pela autora, é muito mais do que um mero suporte físico; ele é um *locus* de conhecimento e memória, onde as narrativas e grafias do conhecimento são inscritas e expressas por meio de uma variedade de linguagens corporais, sonoras e performativas.

Nesta perspectiva, o corpo-tela assume a função de um portal e uma teia de memória e idiomas performáticos, convidando à observação cuidadosa e à escuta atenta. Ele se revela como um espaço onde as histórias são contadas não apenas através das palavras, mas também através dos movimentos, dos sons, das coreografias e de outras formas de expressão performática. Portanto, a concepção de corpo-tela proposta por Leda Maria Martins amplia nossa compreensão do corpo como um veículo de expressão e como um repositório de experiências e saberes, convidando-nos a explorar as múltiplas camadas de significado que ele contém (Martins, 2021). Ele é tanto um receptor quanto um transmissor de significados, permitindo que os participantes e o pesquisador mergulhem em experiências sensoriais e cognitivas que vão além das palavras e conceitos tradicionais.

Ao integrar a cartografia e a performance, essa abordagem de pesquisa oferece uma maneira única de explorar e mapear os territórios físicos, emocionais e simbólicos que emergem durante as práticas e experimentações. Ela convida os envolvidos a se tornarem co-criadores de conhecimento, navegando por paisagens corpóreas e psicogeográficas que desafiam as fronteiras convencionais entre sujeito e objeto, pesquisador e participante, corpo e ambiente.

Nessa abordagem, a descrição dos corpos-imagens como cenografia social, marcada por inscrições sociais e aprendizagens colonizadoras, ressalta a complexidade das interações entre os corpos dos participantes e o contexto social mais amplo. Esses corpos são produtos de diversos movimentos de subjetivação e coletividade, carregando consigo uma série de conflitos, sensações e experiências que refletem os efeitos do poder e das estruturas sociais.

A noção de cena social como um espaço de produção, reprodução e manutenção de uma sociedade construída sobre uma matriz colonizadora é fundamental para entender como esses corpos-imagens são constantemente afetados e moldados por preconceitos, discriminações e injustiças sociais. A cena social é onde essas dinâmicas se desdobram e se manifestam, influenciando diretamente as experiências e as interações dos corpos dos participantes e do pesquisador.

Nesse contexto, o corpo do pesquisador não é apenas um observador neutro, mas sim um participante ativo que é afetado e mobilizado pelas passagens de afetos que ocorrem durante a pesquisa. Sua presença e intervenções podem tanto reproduzir quanto desafiar as normas e estruturas sociais dominantes, contribuindo para a produção e a transformação da cena social.

É crucial reconhecer a complexidade e a interconexão entre os corpos, as identidades e as estruturas sociais dentro desse contexto, para que a pesquisa possa ser conduzida de maneira ética e sensível às diversas experiências e realidades dos participantes. Isso envolve uma reflexão crítica sobre as posições de poder e privilégio do pesquisador, bem como um compromisso em promover a justiça social e a inclusão em todas as etapas do processo de pesquisa.

Bem como, na busca em resistir, linhas de fugas e criação doutras linhas de vida. Cenas sociais e reencenações que já são sinalizadas por Kilomba (2019), em seus apontamentos sobre o corpo negro e sua vivência com o racismo cotidiano. Neste viés, esta pesquisa cartografa diversas situações, que sinalizem estes *corpos-telas em cenas sociais*, noção inventada nesta pesquisa como modo de aglutinação entre os conceitos inspirados no corpo-tela (Martins, 2021) e na cena social (Kilomba, 2019), que se compõem no e a partir do corpo do pesquisador, ativadas a partir de uma lógica e trânsito das intensidades que o acomete. Cartografar as intensidades não dizem respeito a sinalizar a frequência de aparição, uma vez que a frequência está relacionada em algumas circunstâncias, com o já conhecido e reconhecido, ou, reduzido à sua constância enfatizando sua estabilidade, em detrimento de sua variação e diferenciação. Nesta pesquisa, a intensidade, pode ser sinalizada como sinônimo de forças, ou, como uma quantidade/grau de potência e principalmente como diferença e relação diferencial que apresenta (Hur, 2021). Assim, os *corpos-telas em cenas sociais* nesta pesquisa são constituídos considerando a intensidade de determinadas situações ocorridas, e com enfoque no que Pelbart (2019) sinaliza como atribuição da cartografia de restituir visibilidades a processos localizados no limbo social, a sombra e a margem, quando tratasse da distribuição de poder. Que podem confrontar possibilitando outros referenciais que coloque em questão e atrito as formas hegemônicas circunscritas, assim constituindo outros modos de pensar e vivenciar (Rocha & Aguiar, 2003).

Ainda, considerando esta aliança, outra noção que se eleva é o *storyboard*, e/ou roteiro, ferramenta que possibilita desenvolver textos-imagens a partir das emissões de vida daqueles e daquelas participantes, primeiridades, laboratórios, adaptações, e outros sinais que formam a textualização do processo, como uma estrutura que fornece possibilidades de organização (Cohen, 2004). Nesta pesquisa o *storyboard* se articulará com a prática *crip*, pelo viés de Greiner e Sanches (2023), as autoras mencionam que a cripistemologia é um termo rastreado em McRuer (2006) e Duggan (2010). E este estudo e prática sinalizam uma cartografia que relaciona as singularidades corpóreas, assim como, manifestos variados de pessoas consideradas fora do padrão anatomonormativo, corponormativo e/ou imposto pela normatividade. As singularidades podem ser relacionadas a inúmeras situações, dentre elas: sexualidades/gêneros, posições políticas, cor da pele, ou qualquer outra singularidade corporal, incluindo todo tipo de patologia ou condição *crip*. Os estudos *crips* visam desestabilizar os modos pelos quais estereótipos são construídos, naturalizados e corporificados à sociedade (Greiner, 2023).

É importante retornarmos que desde a colonização, corpos de pessoas com singularidades, sejam deficiências e/ou LGBTQIPN+, são vistos como desviantes dos ideais normativos e considerados "outros" ou monstruosos. Essas identidades são retratadas como figuras que habitam e borram as fronteiras entre o humano e o inumano. O que seria denominado enquanto monstro é definido pelo contraste com o normal, sendo descrito como o diferente, aberrante, anômalo, feio e caótico. A existência dos corpos e suas diferenças, é essencial para que os corpos ditos normais se definam, como também, para que o construto de normalidade se mantenha e para que se estabeleçam

esquemas de controle que uniformizam e sancionam as diferenças. Com o passar dos séculos, a concepção de monstrosidade e as formas de controle e violação desses corpos estabelecidos como monstruosos se transformam conforme as necessidades para manter a ordem social e cultural vigente em cada época (Amato; Carvalho; Gesser, 2022).

Esses corpos encontram potência na reivindicação da dissidência como um espaço de luta política e criação de novas formas de existência. Isso inclui a construção de outros mundos, novas maneiras de se relacionar e a formação de coalizões políticas, éticas e afetivas, a exemplo as práticas clínicas-artivistas-decoloniais aqui empreendidas. No contexto das diferenças, observa que o termo *crip*, originalmente derivado de *cripple* (aleijado, em inglês), era inicialmente restrito a pessoas com deficiência física. Contudo, seu uso foi ampliado para abranger também pessoas com deficiências sensoriais e intelectuais. Além disso, *crip* pode ser adotado como uma posição política por indivíduos sem deficiência, devido à sua natureza fluida. Essa fluidez permite desafiar o binarismo entre capacidade e deficiência, posicionando o termo como uma construção cultural e política usada para hierarquizar identidades dissidentes (Amato; Carvalho; Gesser, 2022).

Se assim, o termo *crip* está sendo utilizado por Pessoas com Deficiências (PcDs) como símbolo de luta e resistência, nesta vertente a deficiência é compreendida por meio dos *disability studies*, logo, havendo uma valorização do local de fala deixando nítido a atuação da pessoa que se refere a sua própria deficiência, bem como, a compreensão de que a normalidade é uma construção sócio-histórica, que inevitavelmente produz marginalização e estigma (Theodoro & Denali, 2023). Retomando, a nomeação de *disability studies*, estudos sobre/da deficiência, emerge no cenário euro-americano, campo que se manifestará como resposta a intensa movimentação social que se tem em 1960, buscando igualdade e direitos civis (Neto; Vasconcelos; Lima et al. 2022).

Esta movimentação social traz como profícuo debate o estabelecimento disciplinar do corpo normal na modernidade, o que resulta na hierarquização e assimetria dos corpos. A modernidade, com sua base imperialista, empenhou grandes esforços para entender, controlar, disciplinar e colonizar os corpos, categorizando-os como normais ou anormais, perfeitos ou deficientes. Este olhar colonial limita as potencialidades do corpo e da existência. Pensar a lógica decolonial em relação às deficiências implica atravessar a materialidade dos corpos, rompendo com as categorizações impostas e reconhecendo a diversidade das experiências e existências corporais (Neto; Vasconcelos; Lima et al. 2022).

Nessa interlocução, novas teorias, práticas e estudos buscam compreender a experiência da deficiência em seu sentido mais amplo, com cruzamentos multicategoriais a considerar, geração, classe, etnia/raça, orientação sexual, gênero, região, religião dentre outras (Mello & Nuernberg, 2012). Neste sentido, é crucial integrar as teorizações *crip* para questionar a corponormatividade dos enunciados normativos sobre a capacidade legal, que historicamente excluem pessoas com deficiência da prática dos atos civis. Isso exige uma reavaliação do sistema jurídico e a reformulação de paradigmas que mantêm uma noção abstrata e estática do sujeito de direito, promovendo uma visão

mais inclusiva e diversificada (Pereira & Lima, 2017). Desta maneira, nesta pesquisa a abordagem e a criação da dramaturgia *crip* é uma prática artística e política que desafia as normas e representações tradicionais dos corpos, especialmente aqueles que são marginalizados pela sociedade (Greiner & Sanches, 2023), colaborando no campo estético e das visibilidades, contribuindo diretamente com esta interlocução, questionamentos e reformulação de posicionamentos.

A dramaturgia *crip* reconhece e valoriza as diferenças, as falhas, os fracassos e as vulnerabilidades como elementos essenciais da experiência humana, ao invés de tentar ocultá-los ou corrigi-los. O que constituiu nesta pesquisa, a utilização do *storyboard crip* para guiar a organização cênica do espetáculo “A Tribo” e das cenas-curtas, como uma forma de incorporar as especificidades corporais dos participantes e dar visibilidade às suas experiências. O *storyboard crip* serve como um mapa visual que ajuda a estruturar a narrativa e a performance, levando em consideração as necessidades e habilidades dos artistas e participantes envolvidos.

Ao dar destaque às diferenças e peculiaridades dos corpos das “Outridades” (termo utilizado para se referir a pessoas marginalizadas pela sociedade), a dramaturgia *crip* politiza e estetiza essas características, desafiando as noções tradicionais de normalidade e promovendo uma representação mais inclusiva e autêntica da diversidade humana. Essa abordagem artística não apenas oferece uma plataforma para os participantes expressarem suas identidades e experiências de forma singularizada, mas também convida o público a refletir sobre questões de poder, exclusão e preconceito que permeiam a sociedade. Ao transformar as diferenças em pontos centrais da narrativa, o espetáculo e as cenas-curtas se tornam veículos poderosos para a conscientização e a transformação social.

Desta forma, os corpos-telas em cenas sociais e os *storyboards crips*, estão guiados pelas alianças da cartografia e performance, alicerçam a formulação e escopos do dispositivo clínico desta pesquisa, que gera relações de saber e poder, que se faz “falar”, se faz “ver” (Hur, 2012b) e se faz sentir. Esta pesquisa empreende na prática articular este dispositivo com intenção de constituir experimentação clínica-artivista e decolonial, entre diversidade de pessoalidades, articulando relações de saber-poder e invenção de modos de existir. E para isso, o próximo tópico estabelece aliança com os saberes-práticas do ativismo, juntamente a cartografia.

1.6. Cartografia e o Ativismo: como caminho alternativo

A cartografia guiada pela prática acompanha os trânsitos. Seguir estes movimentos é um ato importante no conhecer, produzir, confrontar e visibilizar. Se assim, a cartografia pode estabelecer aliança com o ativismo e ser tática-estratégica nesta pesquisa, ao possibilitar reconhecer fazeres, saberes, pessoalidades, desejos e simultaneamente de modo declarado engajar em lutas, questionamentos e produção de outros modos de existir. Assim, a cartografia transversaliza ao

ativismo, colocando inclusive como proposição que a transformação não deve ocorrer somente com meios, contextos e condições. Porém, tem a ver com articulação micropolítica nos processos de construção das realidades, que se dilatam em pluralidade de formas de existências e qualifica a transformação como criação de possibilidades (Rocha & Aguiar, 2003).

Se por este viés, o ativismo se enreda a cartografia, pelos alargamentos com as artes e as políticas, principalmente ao se colocarem como produtoras de sentidos e comprometidas com a transformação social. O ativismo, portanto, é uma prática referenciada nas intervenções na sociedade como modo de luta por direitos civis, datada entre século XX e XXI, e transcorrida pelos movimentos sociais (ambientais, identitárias, minorias sociais...), pela crítica em arte, avanços tecnológicos, comunicacionais e da *internet* (Bordin, 2015; Buratto, 2016; Costa & Coelho, 2018). Em que os campos da arte e da política interagem, estabelecendo articulações e originando outras lógicas de inventividade (Santos, 2019). Expressada nos mais diversos suportes artísticos, tecnológicos e midiáticos (Almeida; Marques, 2021), dispostos em ambiente público e visando transformar, transgredir, subverter, denunciar, protestar, questionar, resistir, insurgir, reivindicar e incidir (Boas, 2015; Bordin, 2015; Raposo, 2015; Fischer, 2017; Costa; Coelho, 2018; Santos, 2019), na sociedade no requerimento de direitos, contrário as negligências, opressões, injustiças, desigualdades, violências e explorações, que se expandem amplamente na promoção de mortificações.

Nesta pesquisa, a aliança entre cartografia e ativismo, propagasse com a criação de momentos de experimentação ativista entre pessoas com marcações sociais diversas, mobilizadas a partir destes referenciais, possibilitando saberes e práticas críticas engajadas, a serem materializadas em concretude em seus corpos pela costura artística-política viabilizada. Utilizando do ativismo como caminho metodológico a ser desenvolvido neste grupo, como também, saber-prática a ser cartografado nas literaturas.

Neste viés, como método busca a transformação da linguagem participativa no espaço público, como força que se desdobra como estética e denuncia de injustiças e desigualdades (Klein; Rius-Ulldemolins, 2021). Constituindo as construções deste momento com estas pessoas, como modo de protesto social. Sua operacionalização atuará como ferramenta e metodologia educativa, visando proporcionar criatividade, crítica social, mediação de competências sociais, cívicas e desestruturar modos opressores (Sánchez-Arenas, 2019).

A arte neste contexto interpelará subjetividades com suas sensibilidades e gerando diversas possibilidades de ação política no presente (Diab, 2021). Se assim, o ativismo, portanto, é uma prática que reconhece a Outridade e critica as condições de produção de subjetivações e sociabilidades. A partir do social e com o social, amplia as relações entre ética e estética, o que gera uma atitude interventiva na sociedade realizada como atividade processual, tanto no modo, como na metodologia. É certo que o ativismo delimita a dimensão da ação que parte da individualização, perpassando o coletivo e ressona afetando as espacialidades onde localiza-se a Outridade (Chaia, 2007).

Se assim nesta pesquisa, uma cartografia artista se transporta pelos alargamentos dos movimentos das intensidades do pesquisador e dos temas/objetos de pesquisa, visando encontros entre as artes e a políticas, principalmente reconhecendo as proposições que questionam, desarticulam e criticam reflexivamente as produções de pessoabilidades e sociabilidades, que servem ao preconceito, a opressão, as desigualdades e as injustiças sociais. As normatizações, naturalizações, mortificações, necropolíticas, dentre outros efeitos que atingem todo o espectro de marcadores sociais e diferenças, abarcado nas Outridades, são alvos da cartografia artista.

Consideramos ainda que certas especificidades devam ser sinalizadas a cada cartografia artista uma vez que existe variáveis modos de subjetivações, configurações de poder e interesses, que acionam a rede investigativa. A cartografia artista se coloca nesta pesquisa, portanto, como caminho metodológico que move e se atualiza na prática investigativa, isto é, a vivência na/da pesquisa constitui, aprende e inventa contornos, sentidos, éticas-estéticas e práticas de transformação que incidem na sociedade.

1.7.Como se faz? Pistas para uma Cartografia Performática Artista no fazer clínico

A cartografia performática artista nesta investigação assumisse como um método de pesquisa-intervenção que simultaneamente investiga, modifica e produz realidades sociais. Assimilando a realidade disposta em uma trama e rede complexa, que está constantemente em movimento a partir de uma diversidade de processos coarticulados. Se assim, este método acompanha a rede em movimento dos fenômenos sociais investigados. Nesta rede movediça e propensa a mutabilidade de seus percursos, o pesquisador também está implicado e sujeito a modificação. Neste sentido, reconhecer os marcadores sociais do pesquisador e suas intenções de atuação, dizem respeito sua aderência, expansão e retração, naquilo que se investiga. É por este viés, que nesta pesquisa estabeleceu espaços de transversalização, coimplicação e intervenções, entre a Cartografia, a Performance e o Artivismo, na produção de conhecimento possível e favorável a decolonização no fazer clínico. O fazer clínico, aqui é disposto e presentificado a partir de toda a interação do profissional da psicologia, com a revisão de literaturas e o cliente/paciente, tomado por saberes e práticas que perpassam as noções de saúde pelo viés do campo PSI, em coabitação com as artes e políticas, ressaltamos que os capítulos a frente possibilitam maiores pistas e compreensões dos encontros entre a clínica psicológica e os questionamentos a matriz colonizadora, codificada na decolonização e o rastreo artista, como produção de diferenças.

A busca por uma Cartografia Performática Artista, constitui-se como método que propõe experimentações e coligar estéticas, políticas, éticas e Psicologias, a partir de encontros grupais entre

peças heterogêneas, na especificidade desta pesquisa, típicos e atípicos, a favor de lutas, movimentos e encontros políticos-sociais. Estes encontros tinham como finalidade montagens cênicas guiadas pelo o ativismo, com direcionamentos das pessoas atípicas e em parceria de atuação com os típicos, que principalmente expusessem suas concepções e desejos por via corporal.

Visando reconhecer como esta experimentação cartográfica performática ativista, provocada pela inversão de posicionamentos, autoridades e configurações de saber-poder, poderia criar outras proposições de subjetivação, interação grupal, manejo de desejos/interesses, linguagens, formas comunicacionais, realidades e paisagens cênico-sociais. Se assim, a inversão é noção significativa, operacional e movente no modo de fazer cartográfico performático ativista aqui formulado, modulando e possibilitando ressignificar e multiplicar sentidos nas interações entre o pesquisador-psicólogo, os participantes e suas construções de mundo, o que aciona outras lógicas de subjetivação. Inverter posições é reconfigurar as distribuições de poderes, investir em outras produções de imaginários, propiciar a visibilidade e multiplicação de estéticas, ocasionar outras éticas possíveis, bem como, gerar outras realidades a se descobrir. E, alterar o jogo de como e quem se estabelece como autoridades, ocasionando outras orientações de propriedade e controle.

Guiados por estas intenções e efeitos, este método cartográfico performático ativista empreende nos objetivos desta pesquisa, materializados na organização de dois dias com encontros semanais, sendo um para realização de uma construção grupal de um espetáculo, e o outro para construir de modo individual, o que foi denominado cenas curtas. Foi perguntado a todos os integrantes do grupo atípicos qual área gostariam de ficar mais responsáveis e de dirigir. Isto é, todos estariam responsáveis por todas as áreas, porém, por qual se interessavam mais, foi explicado as áreas artísticas, e assim escolheram entre: dramaturgia/poesia/textualização; dança/movimento; teatro/atuação; sonoridade/ambientação sonora/sonoplastia; iluminação; caracterização/figurino/maquiagem; e cenário. Estes encontros foram constantemente mediados pelo pesquisador (e também atuante destas produções) e sempre tinha como provocações, as seguintes questões: quais temas vocês gostariam de mostrar? Como integrar ideias? O que vocês em coletivo gostariam de mostrar em um palco? O que só eu quero mostrar em cena? Como mostrar isto pelo e com o corpo? Como tornar possível em cena?

Houve outros caminhos de acesso e experimentação, todos caminhos orientados pela inversão de posições. Deste modo, com sonoridades – colocou-se músicas e pedido para fechar os olhos, a partir delas houve dois desdobramentos, o primeiro foi perguntado o que foi imaginado/visualizado/sentido durante a música e diante da narrativa se fosse para mostrar as pessoas em cena, como fariam. O segundo desdobramento foi também disparado pelas sonoridades e olhos fechados, porém, este foi sugerido que uma pessoa falasse de sua imaginação/visualização/pensamento e em seguida outras pessoas de modo aleatório poderiam se prontificar a contar o próximo passo tentando vincular sua imaginação com a da pessoa anterior, desta maneira tentando contar uma história. Nesta proposta em específico, sempre se questionavam se as pessoas iriam entender/compreender/saber o que eles queriam mostrar.

Outro caminho ainda experimentado foi de apresentar imagens aleatórias e a partir delas, dizer o que elas inspiravam, se inspiravam e se os provocavam a realizar alguma cena. Após, todos estes caminhos e expressado seus desejos a serem expressos pelo corpo e a serem mostrado em cena. Todos os integrantes do grupo eram convidados a darem suas opiniões, sugestões e ideias sobre as cenas. Alguns registravam todas as ideias no caderno que lhe foram entregues e outros se expressavam posteriormente no grupo das redes sociais que foi criado. Ao longo das confabulações das ideias e de acordo com suas elaborações foram escritas, em um roteiro coletivo, o *storyboard crip*.

O *storyboard crip* evocado em todos os encontros como empreendimento coletivo, espaço de anotações e responsabilidade de todos e todas as pessoas envolvidas, que visava descrever os modos de expressar o corpo, isto é, codificação de um passo-a-passo de ideias, desejos, movimentações, palavras, músicas (trilha sonora e/ou sonoplastia), posições corporais, de objetos cênicos, intenções, transições de cenas, figurinos e tudo aquilo que acreditasse ser necessário ser registrado.

Inicialmente, apresentando um formato de escrita desconexa (contraditória, ambígua, falha e com vários conflitos de entendimentos/sentidos), até com que o passar dos encontros e o revisitar contante destas escritas, na intenção de atualizar os acordos da cena, apresenta maior concatenação das ideias e aparecimento de uma lógica mais contínua, com intuito de não somente ser entendível aos participantes das experimentações artivistas, como também ser acessível a qualquer pessoa que desejasse acessar este documento.

É importante ressaltar que houve variações de comprometimentos com este documento, onde alguns se comprometiam e apropriavam-se realmente da escrita, outros somente olhavam, outros somente escutavam, outros estavam interessados em conectar as ideias, assim constituindo-se múltiplos interesses e engajamentos diferentes.

1.8. Cartografia e registros

O trabalho de pesquisa na cartografia deve ser registrado não somente por aquilo que é pesquisado quanto ao processo de pesquisar. Importa o registro porque inclui tanto o pesquisador como os pesquisados e as pesquisadas. O texto possibilita a ampliação e publicização da análise das implicações que se cruzam no trabalho de pesquisa. A pesquisa-intervenção requer uma política da narratividade, não só, isto é, políticas das estéticas, das visualidades, das corporeidades e de tudo aquilo que vai se correlacionando ao ato de pesquisa. Os modos de dizer e de registrar podem se expressar em um tipo de textualidade denominado como diário de campo.

O registro do trabalho, favorece a pesquisa não por encerrá-la enquanto resultado, porém, expande enquanto desdobramento da mesma (Barros & Passos, 2020). Considerando a escrita e/ou desenho, como práticas significativas vistas em diários de campo ou caderno de anotações. A política da escrita deve incluir contradições, conflitos e os problemas em aberto, ancorada na experiência,

performatizando os acontecimentos. A escrita segue o processo do pesquisador que está em processo, em obra (Barros & Kastrup, 2020).

Deste modo, a fim de operacionalizar as possibilidades de registro foi entregue a todos os participantes do grupo um caderno e solicitado que se expressassem durante a produção da pesquisa. Este caderno serviria de auxílio no processo formativo ativista de cada integrante, em que eles ali poderiam rascunhar, escrever, desenhar, realizar colagens, com finalidade de representação de seus conhecimentos, sentimentos, desejos, críticas e organizações dos pensamentos, mediante as experimentações ativistas. Mesmo que não houve a intenção da pesquisa em analisar estas produções neste momento, os participantes foram avisados que caso o pesquisador precisasse acessar este caderno seria solicitado.

E de fato, a solicitação deste caderno não ocorreu. Para além do caderno, utilizou-se do aplicativo de mensagem instantânea (WhatsApp) como estratégia de comunicação e expressão. O registro nesta pesquisa também ocorreu por meio de fotografias da experimentação final e não se pode também deixar de considerar que o *storyboard crip*, também é um modo de registro dos acordos coletivos para as cenas. Ambos os materiais estão disponibilizados no capítulo, a frente.

2 ...Este capítulo objetiva articular as noções do Corpo, da Decolonialidade, do Ativismo e da Clínica. Capítulo que se constitui enquanto um convite de introdução a diversidade de elementos e complexidades. Para isso, o corpo é acionado e convocado como local a ser investigado e reconhecendo-o sua materialidade, sendo assim, modela e é modelado pelas produções de sentidos advindas das convenções dominantes vigentes. Um argumento que este texto propõe a considerar, que as estruturas dominantes são produzidas por meio de relações e conflitos de poder, em que a clínica psicológica compactuou com este processo.

Se assim, a clínica psicológica não deve sair ilesa, porém, deve ser responsabilizada e ressaltar seu compromisso com a sociedade, sendo esta composta de pluralidade e diferenças. E não representada pela referência hegemônica, homogeneizante e binária, que de um lado se estabelece eurocêntrica, de homens, brancos, cristãos, heterossexuais, capitalistas, e do outro lado, de diferenças colonizadas, as Outridades.

Este projeto de hegemonia e domínio, tem sua fundação formulada em diagramas, enquanto, mapas de forças que geram diversas inscrições na produção de corpos e realidades sociais. Aqui é sinalizado dois diagramas, o primeiro sendo o de *codificação* e o segundo nomeado de *captura*, em especial o diagrama de captura que exerce a sobrecodificação, e está vinculado a colonização.

E a colonização intervém a partir de procedimentos de opressão, captura, domínio, extermínio/aniquilamento, negação, apagamentos, silenciamentos, destruição, genocídio, roubo, expropriação, dentre outras intervenções. Procedimentos atualizados ao longo do tempo, e em constante circulação, mediado com terror, violência e conflito. Devem ser confrontados, por sua produção de adoecimentos, traumas, feridas...

O mundo, logo, o Brasil produz ataques e sofrimentos aos corpos, neste viés, as clínicas psicológicas precisam reavaliar suas posturas e reconhecerem o quão podem contribuir para a produção de multiplicidades e direitos, se aliada aos debates de resistência, decolonialidade e do ativismo. Logo, para a formulação desta reflexão algumas perguntas são colocadas ao longo da construção desta textualidade, sendo apresentadas a seguir.

2.1. O Corpo, a Decolonialidade, o Ativismo e a Clínica: o poder de resistir como alternativa a colonização

Como o ativismo pode se articular como prática e dispositivo decolonial em um fazer clínico? Esta pergunta pressupõe uma trajetória de aspectos a serem elucidados por meio de guiagens reflexivas, bem como, inúmeras direções podem ser formuladas no intuito de elaboração desta indagação. Todas as orientações perfazendo caminhos que se compõem de modo interdependentes. Neste sentido, nesta textualidade a organização de desenvolvimento das ideias perpassam inicialmente o fazer clínico, articulando aos impactos da colonização, e gradativamente emergindo a

decolonialidade⁵ como alternativa, e por fim interseccionando ao ativismo. Mediante a tais caminhos, opto enquanto entrada pelo corpo como materialidade que sofre diferentes modelações, efeitos e impactos advinda das dinâmicas e conflitos sociais, constituindo-se enquanto espaço que é afetado e afeta, que produz e é produção de sentidos.

O corpo é uma dimensão pouco investigada, na Psicologia e nas Ciências Humanas, o que ocorre frente a várias imposições alicerçadas, no iluminismo e na razão. O corpo resplandece como o não pensado da linguagem, tendo também suas intensidades impensadas, como representação. A apreensão deste corpo perpassa ao desdisciplinar das disciplinas, isto é, invenção de outras lógicas e outros modos de avançar e apreender o corpo, não sendo somente entendido como metáforas sintomáticas, porém, também como uma transmutação que um real o constitui (Fernández, 2011 citado por Hur, 2015). Hur (2015) menciona que a própria Psicologia em sua constituição, no processo de se fazer autônoma a Medicina, coadunou com a negação e encobertamento dos aspectos somáticos do corpo. Neste contexto, nitidamente a clínica psicológica é herdeira do modelo médico, interligada as práticas higienistas. O que levou durante bom tempo, a Psicologia a estar distante das questões sociais, bem como, vinculada ao controle e a elite. Há ainda que dominante a cisão entre a clínica e a política (Moreira; Romagnoli; Neves, 2007). A disciplina e clínica psicológica tratava, portanto, de diagnosticar, corrigir e adaptar, posteriormente, passou a também conhecer para intervir e aprimorar; manejos nitidamente acionados a partir dos interesses do liberalismo econômico-político. Neste viés, normatizar-normalizar condutas também foi o que legitimou a Psicologia, tratando-se dos procedimentos de codificação, ou ainda, colaboradora para que determinadas condutas seguissem determinados códigos⁶ alicerçados nas convenções sociais. O corpo codificado institucionalmente, instaura-se normas e padrões, do que pode ou não, do que deve ser e aparentar, estando atrelada a normalização e normatização de valores dominantes de determinada sociedade (Hur, 2015).

Ao fim do século XX, percebesse encarnações e corporificações, daquilo que era posto como imaterial, havendo transições da interioridade psíquica à materialidade biológica, deslocando de um método de escuta para o olhar (Rose, 2013 citado por Hur, 2015). O regime, portanto, é paulatinamente migrado em alternância entre momentos falados e olhados/percebidos/observados; o esforço para estabelecer um estatuto que relacione a linguagem com o olhar; e uma descrição exaustiva rigorosa.

⁵ A decolonialidade surge como um conceito analítico em meio aos debates acadêmicos, em paralelo à compreensão da colonialidade e modernidade. Seu propósito é enfrentar os efeitos abrangentes da colonialidade, desde questões geopolíticas até o controle sobre a natureza e a subjetividade. Representa uma abordagem alternativa de pensamento, conhecimento, existência e ação, iniciando-se com atos de resistência e re-existência frente à invasão colonial. A decolonialidade é um projeto em constante movimento, buscando promover perspectivas e posicionamentos que vão além do capitalismo eurocêntrico e suas estruturas cognitivas e epistêmicas dominantes (Bernadino-Costa, 2023).

⁶ O código atua como uma representação tangível, materializando a maneira como percebemos e expressamos a realidade. Ele é composto por um conjunto de símbolos que registram e comunicam o que é considerado adequado e esperado. Codificar é atribuir identidades distintas, assim como um símbolo representa um objeto específico. Essa codificação serve como um mediador nas interações sociais, influenciando a construção de identidades e estabelecendo fronteiras definidas. As instituições desempenham um papel fundamental na moldagem das subjetividades, junto com a governamentalidade social. Cada instituição segue sua própria lógica e procedimentos, e na gestão da vida, a codificação de pensamentos e comportamentos é essencial para a organização e controle social, desempenhando um papel central nos processos de governança (Hur, 2021).

Um olhar que escuta e um olhar que vê, a experiência clínica em negociação e tensão, entre as palavras e visibilidades. E neste novo espaço a experiência clínica começa a lidar, com aquilo que é tangível no corpo (Foucault, 1963).

Se desta maneira, o corpo é um espaço concreto, vasto a ser estudado, que produz e inscreve códigos. Bem como, se forma e modula neste processo movediço, dinâmico, incerto de codificações e não códigos, de fluxos e diagramas de forças sócio-históricas construídas, variáveis. Não havendo uma pureza do corpo, porém, uma intersecção somática de múltiplas intensidades, jogos de forças, vetorizações e relações/tensões de poder.

Isto é, os corpos são produções e coprodutores de múltiplos diagramas de forças ocasionados por meio de inúmeros momentos históricos-sociais, em diferentes espaços que ocupam. E os diagramas são estes diversos mapas de forças em movimento, que resultam em formações sociais, estratificadas e codificadas. O diagrama de inscrição formaliza-se em máquina social que inscreve os fluxos não codificados. O corpo, portanto, é objeto de inscrição e marcas do cosmos, que constitui registros, símbolos, códigos e regimes de significações, também variáveis. O processo de codificação busca inscrever os fluxos sociais desterritorializados, os formatando em moldes normatizados, (re)territorializando-os. A transitoriedade de um diagrama de força a outro, gera uma ruptura no mecanismo de funcionamento, resultante em outra formação social, este outro maquinismo é instaurado por invasões, dominação e constituição de outra formação. Este procedimento é denominado sobrecodificação, em que a captura dos fluxos se torna determinantes em relação a sua inscrição, o que constitui o *diagrama de captura*.

No diagrama de captura, mantém-se uma relação de tensão com o que é dito exterioridade, tentando de diversos modos dominá-lo, sobrecodificá-lo e integrá-lo, numa constituição voraz de conquista, domínio e subjugamento. Desterritorializando-os os fluxos e códigos sociais anteriores e transmite-se de maneira violenta os outros códigos, embasadas em uma lógica hierárquica e assimétrica de poder. A soberania e/ou imperialismo, torna-se o único código legitimado e os códigos dos demais povos capturados (língua, cultura, crenças, moeda, religião...), não apresentam mais valor, sendo negativados, devendo ser abandonados, suprimidos e apagados. Assim, com terror e captura, a colonização é organizada, ampliando o regime da dívida e marcando as diferenciações/discriminações sociais, entre hegemonia e quais devem ser suplantados (Hur, 2021).

A colonização por meio dos colonizadores e colonizados, é estruturada por meio do argumento principal, estabelecido na relação entre civilização e colonização, por meio desta proliferavam todas as outras distorções. Estas distorções mediam interesses, que segundo Césaire (2022) se colocavam enquanto mentiras que os colonizados devem perceber de seus colonizadores. A mentira raiz é a relação entre civilização e colonização, como já apontada, a desonestidade se estendia a responsabilidade cristã, que associava cristianismo a civilização, e paganismo a selvageria. A colonização pela dita Europa, portanto, estava calcada no genocídio, no roubo e em decorrências colonialistas abomináveis, cujas vítimas e condenados haveriam de ser pessoas indígenas, amarelas e negras. Se assim, já sabemos

que a colonização desumaniza aqueles que coloniza, porém, inclui o processo de desumanização também ao colonizador, isto é, a colonização modifica toda a rede de atores sociais envolvidos. A colonização desperta o colonizador, para o enrijecimento, a cobiça, a violência, o ódio racial, o relativismo moral, a intimidação, a pressão, a polícia, o imposto, o estupro, o desprezo, a desconfiança, a presunção, a grosseria, a humilhação, o abuso... Como podemos presenciar, a colonização não é uma conduta inocente, tampouco deve se desdobrar de maneira impune. Civilizações e personalidades que justificam a colonização, se mostram enfermas e moralmente combatidas (Césaire, 2022).

Para Cusicanqui (2021) a condição colonial está guiada pela metáfora e em certo aspecto concretude da mentira, o que esconde inúmeros paradoxos fundados na manipulação e exploração, que ao longo da história percebemos o impulso modernizante nas elites europeias se traduzindo em sucessivas atualizações e procedimentos de recolonização. Isto, que é chamado de recolonização permitiu reproduzir modos de dominação senhoriais atualmente, assentados em privilégios políticos e culturais, que permitem produzir estruturas neocoloniais de opressão. A colonização com seus artifícios atualizados demonstra com empenho manejo de seus interesses, dentre eles, se dá pela dominação das cosmogonias, perpassando os meios de escolarização e ensino, o que gera alteração irresponsável com a diversidade. Desta maneira, a colonização se faz presente via um plano de ensino e currículo que intervém, contratualiza e institua, a aprendizagem do ser colonizado via violência e esquecimento de si, moldando-o em algo permanentemente submisso (Rufino, 2021).

Ao longo da história, da colonização enquanto fenômeno de sobrecodificação, vem acompanhada de outras noções que servem a confrontar os efeitos, impactos e violências, acentuadas e reiteradas nos corpos e na construção do que entenderemos de mundo, produzidos pelo colonialismo. Apesar destas noções apresentarem escritas próximas, em alguns casos e objetivos comuns de enfrentamento, também, a particularidades de direcionamentos de interesses, contextos de criação e suas especificidades, direcionamento e alcance políticos, frentes de estudos e abrangências. Sendo assim, estes modos de abordar e confrontar o colonialismo europeu, podem ser exemplificados como: os *Estudos Pós-Coloniais*⁷, que emergem em 1960, com consequências diversas na economia, política e cultura, sublinhando formas de dependência pós-independência, subordinação política e inferiorização cultural, assinalando que mesmo com o colonialismo histórico findado, no aspecto da ocupação cultural, permanece com diferentes atualizações; os *Estudos Descoloniais*, surgem em 1990,

⁷ Numa reflexão sobre a terminologia "pós-colonial" versus "póscolonial", é essencial compreender as nuances que cada forma carrega. A presença ou ausência do hífen não é apenas uma questão de ortografia, mas sim de significado e contexto histórico. O termo "pós-colonial" com hífen remonta à tradição francesa, refletindo uma abordagem que enfatiza a cronologia e a transição após o período colonial. Essa visão está mais associada a uma compreensão estritamente temporal da história, marcada pela sucessão de épocas e regimes políticos. Por outro lado, "póscolonial" sem hífen e sem espaço representa uma abordagem mais ampla e analítica. Essa forma sugere uma ruptura não apenas com o período histórico do colonialismo, mas também com suas ideologias e estruturas subjacentes. É uma chave conceitual que nos convida a considerar não apenas o tempo após o colonialismo, mas também as persistências e continuidades das dinâmicas coloniais na contemporaneidade. Assim, ao escolher entre "pós-colonial" e "póscolonial", estamos não apenas fazendo uma escolha ortográfica, mas também adotando uma determinada perspectiva teórica e política. Optar por uma forma ou outra pode refletir nossa compreensão da complexidade das heranças coloniais e nosso compromisso em desafiar e transformar estruturas de poder e dominação (Cahen & Braga, 2018).

na América Latina, assumiram que o colonialismo havia findado, porém, deriva a colonialidade, sendo um padrão global que herdou todos os aspectos sociais e culturais, concebido por meio do marcador racial, que permeia todas as dimensões da vida, constituindo visão eurocêntrica e as demais visões eram inferiores, marginais, ameaçadoras; as *Epistemologias do Sul*⁸, formuladas nos anos 2000, visam nomear e evidenciar os saberes dos povos originários e contemporâneos de grupos sociais que resistiram ao domínio eurocentrado moderno, bem como, compartilham com o pós-colonialismo a ideia de permanência do colonialismo, interligado ao capitalismo e patriarcado, e tal como os estudos descoloniais, denunciam a destruição cognitiva e ontológica ocasionada pela colonialidade (Santos, 2022); os *Estudos da Subalternidade*⁹, alavancados na Índia, com influência marxista, chamando a atenção que a produção de conhecimento produzia assimetrias, entre os saberes legítimos e os atrasados, como também, a subalternidade produz conhecimentos, sejam considerados ou não, legítimos (Cahen & Braga, 2018). Neste texto, advirto a utilização do termo decolonialidade como variação a terminologia descolonial, assumindo uma crítica ao pós-colonial que se referia a diversidade europeus, contraditório a um projeto decolonizante. Outro fato que soma a escolha terminológica, é levantar-se, epistemologicamente e politicamente, contra a colonização ou colonialismo, para romper com paradigmas oriundos do colonial. Isto é, o colonial origina a colonialidade, e a decolonialidade é uma abordagem interessante para confrontar produções de conhecimentos/saberes, suas políticas e efeitos repercutidos em práticas cotidianas (Cahen, 2018), bem como, sinaliza que existi uma variação terminológica a decolonialidade, tais quais, anticolonial e contracolonial, que imperam diferentes efeitos e impactos, porém, estes não são nesta pesquisa inseridos.

Quando é acionado o termo *colonialidade*, devemos nos atentar a autoria desta noção, não sendo uma ideia formada pelo sociólogo peruano Anibal Quijano, como muitas literaturas sugerem, contudo, muitas autoras e autores anteriores a ele, já utilizavam. Bem como, devemos reter algumas questões, tais quais: que a colonialidade do poder coexiste a modernidade; sendo aspectos

⁸ Na análise da colonização, é crucial considerar os epistemicídios, que desacreditam e menosprezam os diversos saberes através de censura e a acusação de atraso. Entretanto, ao falarmos de "epistemologias do sul", devemos estar atentos ao risco de reforçar essencialismos, ao simplificar e generalizar os conhecimentos populares. Mesmo quando se usa a sigla "SUIS", há o perigo de tratar as epistemes como se fossem uniformes. Esse pensamento reforça a importância de valorizar a diversidade de saberes e reconhecer suas múltiplas diferenças para uma abordagem mais inclusiva e enriquecedora (Cahen & Braga, 2018).

⁹ Os Estudos da Subalternidade são fundamentais para compreender as experiências dos grupos marginalizados, especialmente das mulheres, e para explorar questões relacionadas ao silenciamento, à escuta e à compreensão de suas vozes e vivências, essa abordagem tem suas raízes na obra seminal de Gayatri Spivak, "Pode o subalterno falar?" (2010). Nessa obra, Spivak levanta questões cruciais sobre a representação e a voz dos grupos subalternos, questionando se é possível que eles se expressem dentro das estruturas de poder dominantes. No entanto, é importante destacar a crítica levantada por Grada Kilomba em relação ao título da obra de Spivak, Kilomba (2019), problematiza o fato de que o termo "subalterno" é uma tradução masculina do original em inglês "subaltern". Ao flexionar o título para "Pode a subalterna falar?", Kilomba chama a atenção para o sexismo inerente à linguagem e à tradução, destacando a importância de reconhecer e denunciar essas dinâmicas de poder. Assim, a obra de Spivak e a crítica de Kilomba destacam a necessidade de uma abordagem sensível às questões de gênero e de uma análise cuidadosa das estruturas de poder que moldam as narrativas e as representações dos grupos marginalizados. Os Estudos da Subalternidade, portanto, oferecem um espaço para ampliar e aprofundar nossa compreensão das experiências das mulheres e de outros grupos subalternos, bem como para desafiar as formas de opressão e exclusão presentes na linguagem e na sociedade.

interdependentes, e o racismo organiza as relações sociais e hierarquias de dominação da modernidade (Grosfoguel, 2020). Fundamental também compreender a colonização, especialmente com relação aos modos que os grupos colonizados tendem a vivenciar partes desta história, não como passado, porém, experimentada no presente. A colonização é alvo da crítica dos esforços decoloniais, que mesmo havendo o fenômeno da independência, o colonialismo permanece após o fim da colonização formal, sendo que as lógicas, representações e efeitos permanecem a ressonar (Maldonado-Torres, 2020), afetando construções sociais e por consequência corpos. Deste modo, não pode existir um discurso e teoria da decolonização, sem uma prática decolonizadora (Cusicanqui, 2021) material, corporificada e encarnada.

A decolonialidade é uma luta viva no meio de maneiras e visões de experienciar o tempo, o espaço, e outras coordenadas básicas de subjetividade e sociabilidade humana. Maldonado-Torres (2020) argumenta que a decolonialidade opera em três níveis, o epistemológico, o ético, e o ontológico, que são apontadas por teóricos decoloniais, artistas e ativistas, três dimensões que se coarticulam no mundo moderno, sendo elas, o saber, o poder e o ser. Estas dimensões estão interligadas e na decolonialidade, nas artes é importante evidenciar (considerando inclusive que este texto se propõe a articular-se ao ativismo), que podem ser articuladas em formas de críticas, autoreflexão e proposição de diferentes maneiras de viver o tempo, o espaço, a subjetividade e a comunidade. O que formula um corpo aberto, questionador e criativo (Maldonado-Torres, 2020), podendo ser rastreadas em fazeres e vivências artivistas. A decolonialidade, portanto, é um fazer cotidiano implicado com as diferenças, assim reconhecendo que as sensibilidades apresentam múltiplas formas, que por consequência derivam em um caráter ecológico das existências. Decolonizar é um saber-prática conectado a educação, neste sentido, uma tarefa em oposição a colonização é desaprender o cânone, e o ativismo pode ser uma alternativa. Desaprendizagem que não é uma negação, porém, um resgate de subjetividades e realidades sociais, que foram esquecidas e desmanteladas. Desaprender é um ato político e poético, diante daquilo que se coloca como única possibilidade. O cânone, portanto, é uma composição colonial, que se inscreve como resultado de uma métrica que ressalta a assimetria de poder, centrada em um homem branco, macho, heteropatriarcal, judaico-cristão, europeu, monorracial e capitalista (Rufino, 2021), localizada em um diagrama de captura, sobrecodificação e com vetorizações de domínio (Hur, 2021).

A decolonização é um processo complexo que envolve tanto a desconstrução de estruturas coloniais quanto a reconstrução de novas formas de conhecimento, poder e identidade. No contexto da educação, a decolonização é uma tarefa fundamental que visa desaprender o cânone estabelecido pelo colonialismo e resgatar as subjetividades e realidades sociais que foram marginalizadas e silenciadas. A desapreensão, ou desaprendizagem, não se trata simplesmente de negar ou rejeitar o cânone, mas sim de questionar suas bases e resgatar outras perspectivas e formas de conhecimento que foram suprimidas. É um ato político e poético que desafia as narrativas dominantes e busca restaurar a diversidade e a pluralidade de vozes e experiências.

O cânone, como mencionado, é uma construção colonial que reflete e perpetua a assimetria de poder centrada em uma visão eurocêntrica, patriarcal, heteronormativa e capitalista. Ele representa uma métrica de poder que privilegia certas identidades em detrimento de outras, contribuindo para a marginalização e a exclusão de grupos historicamente oprimidos. Portanto, desaprender o cânone é um passo essencial para descolonizar a educação e promover uma abordagem mais inclusiva, diversa e equitativa do conhecimento. Isso envolve a valorização e o respeito pelas múltiplas perspectivas e saberes, bem como o reconhecimento do legado de resistência e resiliência das comunidades colonizadas.

Cânone, aqui já mencionado em suas lógicas, interesses, relações de poder, visão de mundo, matriz de construção social e que reflete uma episteme. Episteme, que a ação da decolonialidade traz enquanto postura e posicionamento, desaprender. Desaprender que também circula e apresenta efeitos, como desobediência. Deste modo, desobedecer a episteme é um imperativo que age contra a colonização, abrindo e constituindo outros espaços-temporalidades possíveis, outorgando poder as outras subjetividades, alavancadas nas diferenças e pluralidades, afetando os estados e as economias (Mignolo, 2008).

Ainda avançando na construção desta reflexão, retomo e sintetizo algumas noções. Desta maneira, início está textualidade sinalizando o corpo como materialidade de inscrições, inclusive codificado. Evidenciei como o diagrama de codificação constrói significações e notabilizo o impacto do diagrama de sobrecodificação, principalmente a partir da colonização. A sobrecodificação age e afeta, principalmente ao corpo, isto é, “considerando a colonização como um evento, que tem em primeiro lugar, o ataque ao corpo, que não podemos deixar avançar na problematização de suas formas de violências nas várias camadas que compõem a existência” (Rufino, 2021, p. 28).

Corpo que tem suas normalizações e normatizações, geridas e regularizadas pelos saberes PSIS (Pedagogia, Psiquiatria e Psicologia), neste contexto, a Psicologia enquanto instituição é também, moldada em uma matriz colonizadora, inclusive, por vezes colabora e age a favor deste projeto (Hur, 2021). Ou, seja devemos responsabilizar a Psicologia, pela produção e manutenção de visões sobre o “primitivismo”, as generalizações e as especulações tendenciosas. A colonização se funda a psicologia (Césaire, 2022), gerando diversos efeitos, abordagens, saberes, métodos, interpretações, dados e produções de verdades que ferem, cortam, lesionam, logo, traumatizam corpos. Por outra via, historicamente é recente o movimento da comunidade que estabelece estudos e pesquisas na área de Psicologia e doutras áreas que começam a reconhecer que a colonização operacionalizada na discriminação racial, pudesse traumatizar. Assim, com os procedimentos de submissão, exploração e opressão racista, mesmo após o fim da colonização formal, devemos considerar que estas pessoas poderiam estar a sofrer de estresse pós-traumático. Deste modo, vale recorrentemente questionarmos: há práticas psicológicas focadas especificamente na autorrecuperação de pessoas oprimidas pela colonização e seus impactos/efeitos, tais como as diversas discriminações e preconceitos? (hooks, 2022).

Neste contexto, a guerra por meio do imperialismo e colonialismo, embora muitas vezes tenha sido justificada como uma busca por emancipação ou liberdade, resultou em inúmeros distúrbios mentais e traumas psicológicos para as populações colonizadas. O colonialismo, em sua natureza de dominação e exploração, não apenas subjugou fisicamente os povos colonizados, mas também teve impactos devastadores em sua saúde mental e bem-estar psicológico. Um dos aspectos mais sombrios desse legado colonial é o uso da colonização como um mecanismo para fornecer hospitais psiquiátricos (Fanon, 2022). Muitas vezes, essas instituições foram usadas para controlar e reprimir corpos que se opunham ao regime colonial, ou simplesmente para marginalizar e desumanizar aqueles que não se conformavam com as normas impostas pelo colonizador. Esses hospitais, em vez de fornecerem cuidados de saúde mental adequados, muitas vezes serviam como instrumentos de opressão e violência.

Além disso, o colonialismo impõe constantemente a indagação sobre a própria identidade e pertencimento das pessoas colonizadas, colocando em jogo a autoaceitação dos próprios corpos, promovendo baixa autoestima. A imposição de uma cultura dominante e a negação das identidades locais e tradicionais podem levar a um profundo conflito interno e à alienação das próprias raízes e identidade. Essa constante negação de quem somos pode ter sérias repercussões na saúde mental e no bem-estar psicológico das comunidades colonizadas. Portanto, é crucial reconhecer e confrontar os impactos psicológicos do colonialismo e do imperialismo, bem como trabalhar para dismantlar as estruturas de poder e dominação que perpetuam esses sistemas opressivos. Isso inclui promover a justiça social, o respeito à diversidade cultural e a valorização das identidades locais e tradicionais como parte fundamental do processo de cura e reconstrução após séculos de exploração e trauma colonial.

Deste modo, é importante reinterar em obra de Fanon (2008) que já mencionava os diversos adoecimentos ocasionados por via da construção e vivência do meio social, já em seus estudos. Desta maneira, este assimilar da branquitude como hegemonia por uma pessoa negra e/ou não branca, passa a lidar com irrealidades e traumas, assim como, as fobias dos europeus, ou, com as fobias daquelas e daqueles aliados e que fomentam a hegemonia. Neste contexto, sem dúvidas a colonização gera inúmeros traumas, como já mencionado, e politizar a ferida pode ser uma alternativa de enfrentamento, aos terrores e aos sofrimentos vivenciados. O mundo é este espaço de construção de traumas, de despedaçamento, de rasgar e furar a carne (Mombaça, 2021). E ele também, o trauma, é meu. O trauma é de todos nós e se pulveriza pelo e no mundo! Desta maneira, *o trauma é brasileiro*, segundo Castiel Vitorino Brasileiro, artista visual, psicóloga e macumbeira, que produz inúmeros dispositivos de luta e cura enquanto autocuidado de si e das suas, assim retornando aos procedimentos de fuga ética-estética-política e ocasionando uma Psicologia outra. Que nos alerta, nos adverte e nos marque, numa investida entre a prática clínica e a produção artística, produzindo modos de subjetivação que resgata e reclama vida, por meio da reinvenção das memórias do colonialismo e promoção de cura dos traumas. Bem como, consegue e avança, em perspectiva em que o trauma colonial é reconhecido na

ocupação de corpos, espacialidades, geografias, com relevos, e se espalha em um mapa móvel, entre matáveis e vivíveis. Um mapa móvel entre o colonialismo, racismo e variações de modos de mortificação, espaçados e atravessados, entre adoecimentos e curas (Zandomenico, 2021). Corpo ferido na pele/carne, em seus processos de subjetivação e de interação social, ao ser diferenciado no processo de racialização. Castiel Vitorino Brasileiro (2022) devolve o problema da racialização a aqueles e aquelas que ainda prosperam com este empreendimento. A experiência racializada é instaurada por meio de uma realidade violenta: há sadismo, há aniquilamento e há tortura (Brasileiro, 2022).

Inegavelmente o corpo sofre com a colonialidade e o empreendimento da raça que fede, que é podre, e apresenta o pior gosto já sentido (Brasileiro, 2022) reiteradamente ao ser remarcado, ao reviver, rememorar e reencenar os inúmeros efeitos, ataques e construções da colonização, que são ecoadas, inclusive em situações de elogios, que deveriam ser sinalizadas como situações de cura, que por vezes são associadas de palavras e ideias pejorativas, tais quais, a primitividade, a animalidade, a ignorância, a preguiça, a sujeira, ao caos, dentre outras (Kilomba, 2019).

Neste sentido, a ferida colonial é gerada e sustentada, a partir de alguns aspectos: *a supressão epistemológica e/ou negação*, dos conhecimentos em valoração aos dos colonizadores, gerando assimetrias de poderes entre os conhecimentos; *o mito do desenvolvimento*, invenção de uma narrativa em que posteriormente, colonizadores e colonizados, em primeira instância os primeiros seriam citados como superiores e os outros, como inferiores, logo, ao perpassar o processo de colonização, ambos estariam igualmente desenvolvidos; *a predominância de exclusões abissais* ocorre pelo acentuar das dominações do colonialismo e patriarcal, gerando uma crença de que as populações vítimas eram naturalmente inferiores, o regulava a relação entre colonizadores e colonizados; *o confinamento ao particular e local*, as práticas e conhecimentos dos colonizados sempre consideradas exceções locais, enquanto, dos colonizadores globais e universais; e *o mito da preguiça*, as populações coloniais e ex-coloniais foram consideradas preguiçosas, pouco produtivas e avessas ao trabalho. Todas estas dimensões constituem a ferida colonial, que decorre em uma realidade articulada entre capitalismo, colonialismo e patriarcado (Santos, 2022). A ferida colonial demarcada pela supressão epistemológica, a predominância da exclusão, o confinamento no local, bem como, nos mitos do desenvolvimento e da preguiça, se firma no projeto da manutenção da colonização. Projeto com manejo social e com efeitos sobre o corpo, na efetivação no que aqui está sendo alargado como trauma e trazido na possibilidade de todos os seus sinônimos. É certo, que cada termo em deriva apresenta sua particularidade, porém, a consequência comum, é infligir corpos, marcados e inscrevendo-os a colonização em vetorizações e lógicas de domínio. Continuemos a reconhecer os corpos traumatizados com suas lesões, cortes, feridas, despedaçamentos, rasgos e furos.

Outro estado deste corpo que se filia ao trauma, é a fratura. A fratura colonial¹⁰, tem sua manutenção e reprodução, reiterada como já mencionado ao longo deste texto pelos ideólogos racistas do Ocidente, na prática capitalista, no patriarcalismo, no eurocentrismo religioso, cultural e étnico. E assim, a fratura se alastra na separação entre os humanos e os espaços geográficos, e esta separação se estende entre colonizadores e colonizados, brancos e não brancos, cristãos e não cristãos, metrópoles e colônias, o “mundo” e o resto dele (Ferdinand, 2022), homens, mulheres e não binários. Inclusive, utiliza enquanto tática círculos da separação, justificados na divisão, isto é, em ter mais direitos ou menos direitos, em ter mais poder ou menos poder, no excesso de presença e/ou na constituição de ausência/falta.

A tática se multiplica na constituição de uma sociedade da inimizade, isto é, a inimizade é usada enquanto dispositivo que sustenta o desejo do inimigo, o desejo do *apartheid* (segregação) e o fantasma do extermínio, o que suscitam as engrenagens do círculo que movem e simultaneamente sedimentam a separação. A separação gera o Outro como objeto perturbador e deste modo inimigo, este empreendimento colonial uma vez inventado, se tornaram constitutivos do eu colonial, produtores de estados de amor e ódio, segurança e insegurança (Mbembe, 2020), confiança e desconfiança... O *apartheid* (segregação) age por desenvolver medos e separações por diferentes lados, por vezes separando a própria Outridade, por vezes gerando na Outridade uma distância da hegemonia, movido pelo medo de ser feridos, pela incerteza de posturas e posicionamentos (hooks, 2022).

A fratura colonial se mostra como elemento importante na produção de quebras, fragmentações e distanciamentos, alicerçada em uma variedade de afetos que trazem a inimizade, o medo, a ameaça como efeitos constituintes dos corpos. Ao mesmo instante que a fratura colonial também se instaura na homogeneização dos colonizadores os tornando todos iguais, reduzindo-os à experiência de um homem Branco, que reduz ao mesmo instante também a experiência de todos os colonizados a de homens racializados (Ferdinand, 2022), negligenciando a realidade complexa, multiplicidade e diferenças.

O enfrentamento da ferida e/ou trauma colonial, por consequente exercício diário no processo de cura, está na alternativa pela luta e busca de justiça epistêmica para que as populações oprimidas reconheçam e possam atuar no mundo como seu (Santos, 2022). A que nos curarmos das feridas e traumas coloniais, destas inscrições adoecidas e mortificantes, que colonizam corpos e limitam seus espectros de vida. É preciso se curar das feridas narcísicas e psicológicas, infligidas pela perda de autoestima, complexo de inferiorização e falta de autoconfiança. A ausência de si que se traduz em uma dita incapacidade de pensar, julgar e avaliar por si mesmo, ressonantes de uma alienação. A arte e a escrita podem ser instâncias de cura, de participação e oferecendo a possibilidade de encontro e

¹⁰ Esta fratura, por vezes é mencionada como dupla fratura. Sendo uma parte situada no que aqui é sintetizado, e assim denominada de fratura colonial, e uma outra parte se rastreia no que é denominada de fratura ambiental e/ou ecológica, este debate é conceituado na obra de Malcolm Ferdinand (2022), denominada *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*.

transformação do grupo em ato (Sarr, 2019). E por esta frente o ativismo pode ser esta alternativa e forma, de mobilização, produção de ética-estética aliado aos processos de críticas, transformações e de cura social em encontro as Psicologias.

Voltando a ideia e prática de uma clínica psicológica e as políticas do paciente, instalasse entre ambos, um lugar psíquico, este animado pela fala e expressão, que estabelece relação com o corpo e com a linguagem. Como também, um desdobramento em que encarasse a política como uma forma da clínica e a clínica como um modo da política. Reconhecer o lugar psíquico e a oscilação constante de polo a outro entre a clínica e a política, possibilita avançar na complexidade instaurada pela violência colonial, que atingi os corpos em sua relação consigo mesmo e nas vulnerabilidades da psique confrontada com os traumas. A violência colonial, é também empírica e fenomênica. Sendo instituída por um regime de forças, regulado em seu funcionamento cotidiano pelo estado que alega natureza. Se desta maneira, a experiência dos colonizados era restringida. E ainda, afetava as dimensões sensoriais, psíquicas e afetivas. Toda a violência em prol de atingir o corpo do colonizado, gerando contraturas e dores, visando aniquilar seu funcionamento cerebral.

Estas são as inscrições a marcar e estriar, o corpo e a consciência do colonizado. Marcas e estrias, que maneja o terror e a prática do alterocídio, isto é, constituir o Outro, as Outridades como não semelhantes a si, porém, como objeto que produz ameaça, ao qual é necessário proteger-se, desfazer, ou, ainda destruir/eliminar, com a impossibilidade de controle pleno (Mbembe, 2018). Uma clínica que vise o surgimento de corpos expressivos e falantes, membros de uma comunidade em que detenham direitos. Assim, para chegar aos semelhantes é preciso que se compartilhe as diferenças, o reconhecimento destas diferenças é um ponto de partida para uma política do semelhante.

Proclamar-se diferente tornasse um modo de escape as imposições e negações, mesmo que saibamos que a diferença nem sempre é um desejo espontâneo. Bem como, o direito a memória como elemento crucial nas lutas identitárias. A clínica, porém, pode auxiliar no reconhecimento das diferenças, memórias e visa recompor a relação, intervindo em uma ordem, inclusive, cósmica, já que lidará com todos os corpos no mundo (Mbembe, 2021). E desta maneira construindo indignação, fugas e desvios, contra o ato compulsivo de busca por domarem nossas línguas, sendo apontadas como selvagens, gerindo/controlando seus movimentos, imagens, sons, ruídos e palavras que deva emitir (Anzaldúa, 2009). Se assim, a boca é um órgão por excelência de opressão, de posse, de silenciamento e negação (Kilomba, 2019).

E devemos engajar, inventar e produzir clínicas, que coloquem como inaceitável, atos de dominação ou qualquer ato de terrorismo, infligido aos nossos corpos. Isto é, a clínica que esta pesquisa se propõe a ativar e mover deve impulsionar diversas críticas, dentre elas, questionar as discursividades que trazem somente a boca, nesta hegemonia da fala, ou consideram somente aos olhos nesta hegemonia da visão, ou, somente os ouvidos nesta hegemonia do que será autorizado a escuta, ou a bipedia em relação aos corpos que rastejam e/ou se mobilizam de outros modos... Temos que nos mover em resistência e tensão, contra todas as hegemonias que propagam um sentido em detrimento

de outrem, um modo hierarquizado, forjado na assimetria em relação a outros. E isto deve ser considerado inclusive nos campos perceptivos instaurados sobre o corpo. Assinalar um sentido em detrimento ao outro, é marcar de modo violento a: dominação, predação, sujeição, opressão e mortificação.

Assim, o entendimento desta clínica direciona a considerar, as tramas de culturas que foram colocadas em conflito. Digo, conflito, pois, mediante o contexto da colonização não é possível alegar contato. Encontros que foram realizados com e pelos meios da destruição e eliminação. É trágico e cruel os deportamentos de milhares de corpos as Américas. Seus sequestros! Estes corpos que foram removidos e desterrados, direcionados/lançados/jogados ao desconhecido sem preparo. Corpos arrancados, e em exílio de seus país cotidiano. Teriam também sido amontoados em espaços inóspitos (das barcas, navios), misturados ao vômito, a carne viva, aos piolhos, aos mortos caídos, aos restos apodrecidos em agonia, a vertigem. Cair nestes espaços inóspitos, a partir de então, se tornariam as matrizes, os moldes, que logo os expulsariam. “Grávida de tantos mortos quanto de vivos”. O pânico do novo, a assombração pelo país de outrora, e as alianças com as terras impostas (Glissant, 2021, p. 30). Inventar uma clínica que compreenda estes momentos de escuridão e abismos, expande a noção de relação, inclusive, considerando sua violência de modos de subjetivação que se inscrevem e formam, mobilizados por estas produções de significações e corpos. Sendo assim, empreender em uma *poética da relação* por este viés é assumir encontros e contatos, pela posição do constante conflito. Uma relação em ação. Assim, pensar a relação se pensa por meio dela, desta maneira, em articulação e implicado.

É um imperativo que esta mesma Psicologia seja responsabilizada pela produção destes traumas e se mobilize contra os processos de colonização, bem como, suas reverberações por meio de questionamentos, alterações de saberes e práticas, expandidos em posicionamentos decoloniais. Desta maneira, se o corpo é o centro de referência ao ataque dos procedimentos de colonização, uma série de efeitos e impactos alicerçam a produção de modos de subjetivação e produção de realidades sociais. Todas as derivações e sinônimos de trauma, corte, lesão, ferida, fratura, despedaçamento, furo, rasgo, quebra, apodrecimento, dentre outros, encontram ocasião no corpo, e a pele-carne torna-se tecido de domínio e captura, local de sobrecodificação de inscrições violentas de conflito.

Este corpo e as Outridades tornam-se objetos de um mapa móvel de descarte e uso, que sustentam e mantem uma lógica atualizada no jogo de forças, em que aqueles que não são os outros, são humanamente identificáveis e privilegiados. Querer viver e mais além, nem mesmo querer ser assombrado por esta lógica, é uma atividade continua e exaustiva, na busca incessante em permanecer vivo, na luta, enfrentando e curando-se. Onde, por vezes, nos depararemos com ambiguidades, a saber, a exaustão na promoção e busca em curar-se. Como também, a permanência aqui, pode ser visibilizada por meio do reconhecimento das diferenças em movimento para chegar aos semelhantes, se assim, são estabelecidos caminhos interconectados, entre andanças em coletivo e individuais.

E nisso, o que cabe a individualidade, pode ser mais representado, indicado e citado, enquanto, *eu*, é importante ressaltar do seu caminho em se decolonizar, como suscita Kilomba (2019), é ferramenta fundamental neste embate e confronto de produção de memórias, de desfazer cenas sociais, de rever traumas e de transformação éticas-estéticas-políticas-sociais. Pois, se o eu é espaço privilegiado e frente necessária no processo da decolonialidade, é significativo a Psicologia adentrar a esta produção compreendendo seus privilégios e manejos de sua clínica. Ressalto aqui em consonância a Hur (2023) a constituição de uma clínica-política ao mesmo instante que impulsionamos um campo psíquico e desejante, também visio mover, analisar e atuar nos vetores de força, principalmente na intenção de compreender a matriz colonizadora e como confrontá-la a partir de movimentos decoloniais da subjetivação e do coletivo, por uma perspectiva artista.

Retomo: se a Psicologia se funde à colonização, é necessário também produzir e gerar alternativas a esta Psicologia, por meio de paradigmas pluralizantes, que possa oferecer as diferenças e as multiplicidades, meios de fugas, desvios e vida, neste mapa móvel, diagramáticos, que permanecem a reiterar a morte. Há urgência em que a Psicologia (relembrando sua pluralidade) se posicione(m) mediante sua responsabilidade e compromisso social, e desta maneira se indague, a qual social serve, quais seus interesses e o alcance de seu poder. Inclusive, quais *corpos importam*¹¹ a(s) Psicologia(s)? Pergunta inspirada na construção ensaística de Butler (2019), oferece subsídios para operacionalizar um espaço institucional posicionado, crítico-reflexivo, e que nos move a repensar a quais corpos se destinam a Psicologia, sendo atribuída importância e significância no fazer psicopolítico. Por outra via, ainda complementar, quais corpos, enquanto psicólogo me importam, quais saberes e práticas, eu compactuo, contribuindo para a manutenção e reprodução, nesta rede de normatização, naturalização e controle. Quais Psicologias, quero produzir? Como articulo poder a Psicologia, e operacionalizo na Clínica que invento? Onde estou no jogo de forças e com quais poderes estabeleço alianças na produção de imaginários? Todas estas perguntas, suas complexificações e a multiplicação delas, fomentam e inscrevem tanto a mim como psicólogo, como a (s) Psicologia (s) como saber, prática e instituição, como, a Clínica com as pessoalidades que colaboram nesta produção de sentido, de cenários e desdobramentos de realidades sociais.

É inegável o poder da clínica psicológica, enquanto, espaço de atividade transformadora e promotora de saúde, inclusive associada a característica criativa. Característica criativa que promove mudanças, por um lado propõe ao paciente/cliente, alterar suas percepções, sentimentos, pensamentos e comportamentos. Bem como, está associada ao profissional, que contribui com o processo clínico por meio de sua atuação criativa, frente ao atendimento e as intervenções, compostas na trama da

¹¹ A noção *corpos que importam* não coloca em jogo uma teoria de construção cultural dos corpos, porém, sua cenografia e topologia. A cenografia possui elementos de uma matriz de poder e suas materialidades. Se alegamos a materialidade do corpo, o que importa e é importante deste corpo material, é a pergunta recorrente. A materialidade deste corpo está articulada a sua inteligibilidade, isto é, aos seus processos de compreensão e significação. Deste modo, a materialidade é o local, e esta associação pressupõe uma autoridade. A autoridade esta alocada numa hierarquia, inclusive, sobre o sexo (Butler, 2019).

experiência de encontro com o/a paciente (Sakamoto, 2011). E assim, este também, digo o/a profissional da Psicologia, também terá alterada suas percepções, sentimentos, pensamentos e comportamentos, colocando em movimento, variação e por vezes distribuições desiguais nas relações terapêuticas, do jogo e das dinâmicas de poder.

Estas perguntas e reflexões, também nos relembra que o poder, como aponta Hur (2021) porta distribuições desiguais, com configurações variáveis. Desta maneira, não estando totalizado, porém, descentralizado e reticulado por todos os lados, em movimento dinâmico e incessante. Em específico o poder de resistir, faz referência as singularidades que não se deixam amarrar e regularizar, aos processos de controle das relações de poder. Linhas de resistências são partículas em deslocamento, que escapam e excedem a sujeição aos diagramas, aqui já sinalizados, como os de codificação e sobrecodificação. Pode-se dizer, que a resistência disputa, tensiona e confronta o poder, fomentando sua reconfiguração por meio de fissuras, até sua transformação. Logo, as linhas de resistências escapam, o que promove linhas de fuga, ocasionando processos de singularização a aquilo que é instituído e posto, enquanto, norma e naturalizado. As linhas de resistência, dizem respeito ao desejo de rebelar-se, não ficando contido aos estratos instituídos, o que gera outras linhas, alternativas corporais e outros regimes de forças, que derivam corpos, saberes e práticas dissidentes (Hur, 2015). E desta maneira, me parece que as linhas de resistência se aliam a modos de criativos de estar no mundo, mediante suas inúmeras tentativas de captura e domínio.

E na constituição e atuação das linhas de resistências, que sinalizo cenário propício para o (des)envolvimento, prática e vivência artista, como poder de escape, emergência, insurgência, confrontamento e disputa de poder, no contexto da clínica. O ativismo emerge de uma matriz colonizadora e confronta a mesma, sendo por excelência um fazer de resistência, que conclama táticas e estratégias, das artes e do ativismo, com a função de questionar as desigualdades e injustiças sociais (Galindo, 2022), bem como, possibilita reivindicações e transformações sociais, mobilizando pessoalidades e coletivos (Sánchez-Arenas, 2019), questionando os aspectos modernizantes e buscando uma existência não colonizada (Almeida; Marques, 2021).

Pensar o ativismo é articulá-lo a produção e manutenção de sociedades democráticas, proporcionando conexões entre a emancipação e o cuidado de si (Galindo, 2022). Para a produção e manutenção de sociedades democráticas, é necessário estar alinhado com a multiplicidades de diferenças, estéticas, movimentos de criação, abertos a pluralização de referências, transformações das pessoalidades e sociabilidades (Stubs et al., 2015). Requerer o direito ao próprio corpo (Amao, 2022), é necessário nesta produção de mundo onde os diagramas capturam, dominam e oprimem, o resistir com o corpo como modo de confrontar.

E a(s) Psicologia(s) e seu fazer clínico, deve participar deste projeto e exercício de decolonização em parceria ao ativismo. A participação colabora com produções de sentidos, intervenções na sociedade, nas linguagens, expansão dos modos de expressão, pluralização de éticas-sociais, na integração e reconhecimento das pessoas na construção de espaços e mundos (Aladro-Vico;

Jivkova-Semova; Bailey, 2018). Como também, na utilização dos humores como crítica sociocultural (Bordin, 2015) e modos de subjetivação. E assim, a aliança estabelecida entre a Clínica, a Decolonidade e o Ativismo, podem promover resistência e estar a serviço do que Alice (2016) menciona enquanto “expressões por ações ativistas e de cunho político explicitamente afirmado, mas, por meio de microações participativas e interativas que solicitam e ativam a criatividade dos participantes”, num contexto relacional, em que mobilize afetos, o ato de afetar e se afetado, transformar ao contexto e se transformar, numa *poética de relação* (quando trago esta noção, retomo a ideia elaborada por Glissant), objetivando equacionar revoluções com afetos e dos afetos (Alice, 2016, p.123).

A clínica psicológica munida por estas reflexões e ao conseguir operacionalizar na prática, mostrasse como alternativa de produção e confronto as reproduções e manutenções, guiada pela resistência. Inclusive, ao reconhecer que irá se deparar neste espaço, com modos de subjetivação e construções de realidades sociais, que também incidiram e se desdobram no espaço social, produzindo revoluções. Neste contexto, é necessário associar-se sujeito psicológico a sujeito político (Moreira; Romagnoli; Neves, 2007), a sujeito ético, a sujeito estético, a sujeito ecológico, a sujeito corporal, a sujeitos em multiplicação...

A abordagem da clínica psicológica articulada à decolonialidade e ao ativismo proposta aqui, é caracterizada pela valorização da multiplicidade e da diversidade como forças de transformação e resistência. Essa multiplicidade é concebida como simbiótica, reunindo diferentes possibilidades de tornar-se e de movimento em direção a linhas de fuga, que escapam dos diagramas de poder que buscam capturar e dominar.

Ao invés de focar nos pontos de ligação ou nas composições estáticas, essa abordagem privilegia o entre, as linhas de devir que atravessam e conectam diferentes territórios de experiência e conhecimento. Essas linhas de devir não têm um começo ou fim definido, mas são caracterizadas pelo movimento constante, pela multiplicidade e pelo rizoma, espalhando-se em todas as direções e escapando das estruturas que buscam rigidificar, fixar e capturar.

Nesse contexto, o devir é concebido como uma ação em constante variação, influenciada pelas pessoas e pelas relações que estão envolvidas. Ele propaga inúmeras diferenças e produz modos de subjetivação e mundos alternativos, desafiando as normas e os padrões dominantes e criando espaços para a expressão autêntica da diversidade humana (Deleuze, 1997). Essa abordagem, inspirada nas ideias de Deleuze, convida os praticantes da clínica psicológica a adotarem uma postura ética e política de abertura, diálogo e engajamento com as experiências e perspectivas dos indivíduos e grupos marginalizados. Ela busca promover uma prática clínica mais inclusiva, sensível e transformadora, que reconheça e valorize a complexidade e a pluralidade da condição humana.

Retomo: logo, uma clínica psicológica decolonial e ativista, se coloca como mais uma alternativa de clínica-política na guerrilha social contra a colonização e seus efeitos nefastos na sociedade. Reconhecemos a existência das clínicas pretas, quilombolas, indígenas, feministas, dentre

tantas outras, como agências e agentes aliados na disputa social, que se propõe a multiplicação de linhas de vida. Bem como, demarcamos também uma parte da própria Psicologia que está integrada as tecnologias, aparelhagens e máquinas de propagação da morte.

A esta parte declaramos que a clínica decolonial ativista, não compactua, e agência diversas problematizações, que se expandem pelas e pelos: construções de mundo, crenças, discursividades, produções de sentidos, imaginários e estéticas; traumas; embates entre o eu e a coletividade; atualizações culturais; processos educacionais e de aprendizagens; produções de epistemes e autoridades; produções de noções e distancias, separações, sentimentos e conflitos.

A Clínica Artivista, se propõe como decolonial, revolução de afetos e agente de devires, a serem acionados simultaneamente tanto pela via da decolonialidade que questiona as colonialidades que operam a dominar, oprimir e ferir corpos, como também, pelo ativismo que articula em seus espectros entre as artes e ativismo, modos de transformar, mudar, criar, inventar, combater, resistir... aos preconceitos, as desigualdades e as injustiças sociais, produzindo políticas, éticas-estéticas e modos de subjetivação que possam viver de maneira legítima e com seus direitos garantidos. A decolonialidade e o ativismo em uma perspectiva clínica operacionaliza revolução afetivas de ressignificações, que promove um misto de aprendizagens e desaprendizagens que se inscreve nos corpos, pessoalidades e sociabilidades.

Neste viés, a interseção entre a decolonialidade e o ativismo em uma perspectiva clínica é profunda e multifacetada. Aqui, a decolonialidade refere-se ao dismantelamento das estruturas coloniais de poder, enquanto o ativismo é a prática de usar a arte como uma forma de ativismo político e social. Quando aplicados em um contexto clínico, esses conceitos operacionalizam uma revolução afetiva, promovendo ressignificações que têm um impacto profundo nos corpos, nas pessoalidades e nas sociabilidades dos indivíduos.

Essa abordagem reconhece que as experiências coloniais deixam marcas profundas na psique e no corpo das pessoas, influenciando suas percepções de si mesmas, de suas comunidades e do mundo ao seu redor. Ao empregar o ativismo como uma ferramenta terapêutica, os praticantes clínicos podem ajudar os pacientes a explorar e desafiar essas influências coloniais internalizadas, permitindo que eles se reconectem com suas identidades culturais e construam narrativas mais singulares e formativas.

Essa prática não se limita apenas à expressão artística, mas também envolve uma abordagem reflexiva e crítica às estruturas de poder dominantes. Ela encoraja os pacientes a questionarem as normas e as narrativas hegemônicas, promovendo um processo de desaprendizagem das ideias internalizadas que reforçam a opressão e a marginalização. Ao mesmo tempo, essa abordagem facilita aprendizados que são enraizados na valorização e na celebração das identidades culturais, promovendo um senso renovado de pertencimento e empoderamento.

O resultado é uma transformação profunda e holística que não apenas beneficia o indivíduo, mas também contribui para a construção de comunidades mais justas e inclusivas. Em suma, a integração da decolonialidade e do ativismo em uma perspectiva clínica oferece um caminho

poderoso para a promoção da saúde mental e emocional, enquanto simultaneamente desafia as estruturas de poder injustas e promove a justiça social.

3 ... Neste capítulo, propõe-se uma discussão profunda sobre a constituição do ativismo como uma ferramenta que não apenas auxilia na produção de diferenças, mas também oferece contribuições significativas para a prática clínica psicológica. Para tanto, é sugerida a construção de uma narrativa que não apenas contextualize historicamente o termo “ativismo”, como suas problematizações e o conceitue considerando suas diversas dimensões presentes nas interações complexas entre as artes e as políticas.

A articulação entre as artes e as políticas, abre espaços para a emergência de uma diversidade de fenômenos ético-estéticos-políticos, os quais são operacionalizados como ferramentas de crítica, transformação e leitura sociocultural. Este texto também discute as possibilidades de operacionalização do ativismo em variáveis contextos, incluindo sua presença em movimentos urbanos nas ruas, na esfera digital da *internet*, e suas conexões com os movimentos feministas, manifestadas em marchas e manifestações artísticas, bem como no movimento queer, e na compreensão das múltiplas facetas das sexualidades e dos gêneros, assim como em relação a outros grupos oprimidos. Pois bem, é importante nesta textualidade declarar, que não se tem a presunção e nem se considera ativista necessariamente toda arte em aliança com a políticas, ou, com aspectos ditos da seara política. É certo que algumas manifestações artísticas são nomeadas de ativistas, outras mesmo que estabeleça alianças entre arte e política, não se denominam desta maneira, e por fim, ainda o texto já no coloca em movimento reflexivo ao provocar o questionamento: toda arte é política?!

Já de antemão, com estas considerações sinalizadas podemos adentrar está escrita com ressalvas, potencialmente abertos a compreender que existe inúmeras manifestações do saber-fazer arte, e que o ativismo é um construto relativamente recente datado do século XX, produção de uma modernidade tardia e com diversas atualizações no tempo presente. Reconhecer este amplo contexto aqui já sinalizado nos alerta para não criarmos e nem corroboremos com o projeto de generalização e/ou universalização, com declarações irrestritas e analíticas de que tudo é ativismo. Pois, para além do escopo desta investigação percebesse que de fato, todo ativismo é arte, porém, nem toda arte será ativista. Nesta ótica, este capítulo se mostra como um capítulo-convite, que introduz dimensões a respeito deste fenômeno, que produz e direciona alguns sentidos, bem como, contribui para fomentar perguntas que vão escapando da trama discursiva, se desdobrando em outras pesquisas.

Além disso, buscasse neste texto trazer o ativismo relacionado ao tema do corpo, a performance e aos humores, destacando-se como alianças possíveis em sua prática. Este texto também contribui para a compreensão de como as artes têm se articulado com as Psicologias, examinando como esse encontro tem promovido diversas manobras em diferentes contextos e pesquisas. Embora nem sempre explicitamente rotuladas como práticas ativistas, essas experiências favorecem e nutrem um campo expandido de interseção entre as artes, as políticas e as psicologias, enriquecendo o repertório de abordagens terapêuticas e de intervenção psicológica.

3.1. Ativismos, subjetividades e espaços: modos e formas de produzir diferenças

Tróia, contudo, ainda resistia, e os gregos começaram a desanimar de conquistá-la pela força e, a conselho de Ulisses, resolveram recorrer a um estratagema. Fingiram estar fazendo preparativos para abandonar o sítio, e uma parte dos navios foi retirada e escondida atrás de uma ilha vizinha. Os gregos construíram, então, um imenso cavalo de pau, que fingiram ser um sacrifício oferecido a Minerva, mas que de fato estava cheio de homens armados. O restante dos gregos embarcou, então, em seus navios, que zarparam, como se estivessem partindo definitivamente. Os troianos, vendo que o acampamento fora levantado e a frota partira, chegaram à conclusão de que o inimigo abandonara o sítio. As portas foram abertas e toda população saiu para gozar a liberdade há muito negada de passear à vontade no local onde estivera o acampamento. O grande cavalo foi o principal objeto de curiosidade. Todos queriam saber qual seria a sua finalidade. Alguns sugeriam que ele fosse levado para dentro da cidade, como troféu, ao passo que outros se mostravam receosos dele... Enquanto hesitavam, Laocoonte, o sacerdote de Netuno, exclamou: — Que loucura é esta, cidadãos? Não aprendestes bastante a respeito da solécia grega para vos prevenirdes contra ela? Quanto a mim, temo os gregos, mesmo quando oferecem presentes...dizendo, atira ao flanco do cavalo sua lança, que o atingiu, e um som cavo ressoou como um gemido. O povo talvez tivesse seguido, então, o seu conselho e destruído o fatal cavalo e o que ele continha, se, justamente nesse momento, não tivesse surgido um grupo de pessoas, arrastando um homem que parecia ser um prisioneiro grego... O prisioneiro informou que era grego, que se chamava Sínon e que, em consequência da malícia de Ulisses, fora abandonado pelos companheiros. Com referência ao cavalo de pau, disse que se tratava de uma oferta a Minerva e que seu tamanho descomunal tinha expressamente a finalidade de impedir que fosse levado dentro da cidade, pois o profeta Cauchas predissera que, se os troianos se apoderassem dele, teriam assegurado seu triunfo sobre os gregos. Estas palavras fizeram mudar o rumo da opinião do povo, que se pusera a imaginar quais seriam os melhores meios para assegurar a posse do monstruoso cavalo e dos augúrios favoráveis com ele relacionados, quando ocorreu um prodígio que não deixou mais lugar a dúvida alguma... Apareceram, avançando sobre o mar, duas imensas serpentes, que chegaram à terra, fazendo a multidão fugir em todas as direções. As serpentes avançaram, então, diretamente para o lugar onde se achava Laocoonte com seus dois filhos. A primeira atacou as crianças, enroscando-se em torno de seus corpos e exalando em suas faces a respiração mortífera. Tentando salvá-las, o pai foi, logo em seguida, apanhado e envolto pelas dobras das serpentes. Lutou para desvencilhar-se, mas elas venceram todos os seus esforços, estrangulando-o e as crianças, em suas dobras peçonhentas. Esse acontecimento foi considerado como clara indicação do desprazer dos deuses ante a maneira irreverente com que Laocoonte se referira ao cavalo de madeira, que ninguém mais hesitava em considerar um objeto sagrado, preparando-se todos para conduzi-lo à cidade, solenemente como competia. Isso foi feito ao som de cantos e aclamações triunfais, e o dia terminou festivamente. À noite, os homens armados que se encontravam dentro do cavalo, tendo sido libertados pelo traiçoeiro Sínon, abriram as portas da cidade aos seus amigos, que haviam voltado sob a proteção da noite. A cidade foi incendiada; a população, entregue ao festim e ao sono, passada a fio de espada e Tróia completamente vencida. (Bulfinch, 2002, p.273-275).

Este é parte do mito do Cavalo de Tróia que para Lippard (2006) talvez tenha sido a primeira arte ativista, que por um lado, diz respeito a subversão e por outro a tomada de poder, é verdade quando a autora traz este entendimento contribui diretamente com história da arte eurocentrada colonial, com enfoque na narrativa oficializada do norte global. A que contrapormos com as diversas pedras guardadas aqui e dispostas desde aqui do Brasil, do sul do sul e da multiplicação do sul, Ifigênia(s) que de pactos somente sobraram pedras, asfalto e implorar por misericórdia; Agamenon(s), os coronéis e escavadeiras em território sagrado; Homero(s) e os corpos desaparecidos na ditadura militar;

Prámo(s) e idosos contam *drops* nos semáforos; Ulisses(es); Briseida(s); Menelau(s); Helena(s) abandonas, abusadas, largadas; Zeus, Atenas; eis que não conheci Tróia, porém, daqui do outro lado do oceano, LGBTQIAPN+, negros, indígenas, mulheres, pessoas com deficiências, corpos gordos, encurraladas estes, estas e todes são tróia... corpos baleados, corpos desovados no mangue, corpos sem terras e sem lugar, em situação de rua, são tróia como joga Luiza Romão (2021) acertada, em tensão e contraposição.

A arte ativista intervém com diferentes intensidades e distâncias, tanto dentro como na parte mais distante, articulando subjetividades na trama social. Já em 1984, percebe-se a capacidade da cultura em influir na forma em que as pessoas podem ver o mundo que as envolvem. A arte ativista por vezes denominada movimento a favor da democracia cultural, proporciona uma consciência em desenvolvimento e se torna compartilhada, cujo impacto não podemos prever, assim situada na relação com o mundo da arte e da organização política (Lippard, 2006).

Este mito envolve a construção de uma imensa escultura de cavalo como ilustrada na narrativa acima, assim constituindo objeto e produto de arte, porém, servindo e importando a efeitos e resoluções políticas. Intersecção entre arte e política que não necessariamente se torna nítida, porém, se apresenta como campo de linguagens e expressividades artísticas-políticas. Desta maneira, as práticas ativistas quando assim se denominarem se proporão ao desenvolvimento de ações estratégicas, que sejam consolidadas mediante a criação de outras táticas políticas possíveis. Estes movimentos artísticos-políticos estabelecem conexões com os protestos sociais, com os modos de construir e pensar as artes, conseguindo uma organização comunitária que se identifica como movimento ativista (Ortega, 2015).

Neste contexto, inúmeros países assumiram uma caracterização de manifestações artísticas engajadas e socialmente comprometidas, ocorrendo principalmente em espaços urbanos. Considerando que os aspectos socioeconômicos, educacionais, geográficos, culturais, expositivos, dentre outros, afetam diretamente a obra de arte ativista, como também, o artista ativista. É importante também ressaltar que os artistas ativistas apresentam diferentes formas de politização, isto ocorre mediante a variação de interesses, subjetivações e lugares de construções discursivas (Lippard, 2006).

Historicamente no século XX, com advento da globalização, nas manifestações de rua, que representam movimentos sociais, é possível encontrar diversos usos de linguagens artísticas como meio de ancorar um discurso (Viana, 2021). Nesse contexto, desde 1960, principalmente, após o golpe militar de 1964, no Brasil, múltiplas manifestações estéticas-políticas deram-se de forma cada vez mais intensa, contrárias ao projeto nacional representado pelo governo ditatorial. Este tipo de posicionamento também se deu apoiando as mobilizações estudantis de 1968 e a contracultura. Já no contexto entre 1979 e 1980 houve um agrupamento de diversos artistas jovens insatisfeitos com o elitismo do mundo das artes, acolhidos pela parte política (de esquerda) e por este “estilo”, se agruparam em Nova York, o mesmo ocorria em outros lugares dos Estados Unidos da América, além, de diversas conexões nacionais e internacionais, ocorridas neste país (Lippard, 2006). Houve também a produção de novas tecnologias, a partir de 1990, com a ampliação da comunicação de massa, da

internet e das conquistas tecnológicas (Bordin, 2015; Buratto, 2016), o que caracteriza diferentes conjecturas políticas, sociais e culturais, que construíram uma ferramenta própria do capitalismo e se confronta com o mesmo sistema econômico-político que a criou (Escobar; Aguilar, 2019). Estes eventos são significativos como marcos de constituição e articulação artista, inclusive em 1990, por via da Crítica da Arte este fenômeno artístico-político recebeu inúmeras nomenclaturas, tais como: ativismo artístico, arte ativista, arte política, arte engajada e ativismo. O termo também é reativado, sendo identificado com o neografismo de *a(r)tivismo* (Costa; Coelho, 2018).

Este fenômeno traz que em alguns produtos e processos da arte, as fronteiras e os campos da arte e da política são borrados, estabelecendo articulações e originando outras lógicas de inventividade (Santos, 2019). O que emerge uma diversidade de expressividades, sentidos e alternativas de compreensão sobre o ativismo (Boas, 2015) como postura, episteme e prática interventora que possibilita a proposição de outros significados, narrativas e processos materiais (Santos, 2019), para o confronto das desigualdades e injustiças sociais, o que gera uma interface entre arte e ativismo, que se arranjam em um terreno de resistência e produção de pessoalidades que emergem do capitalismo tardio. O ativismo pode contribuir para a mobilização de diversidade de tensão que são manifestadas a partir de temáticas e ações políticas relativas à justiça social, os feminismos, a precariedade do trabalho e econômica, a representatividade social e cívica das minorias subalternizadas (Galindo, 2022), dentre outros temas são acionados. Estes tipos de manifestações se apresentam com o compromisso de se mover no próprio contexto, oferecendo ferramentas necessárias para que as comunidades, e o que possibilita ser utilizado como estratégia e ferramenta para protesto, reivindicação e transformação social (Sánchez-Arenas, 2019), consequentemente a materialização de outras realidades. O que converte o ativismo em uma noção nitidamente integrada com as sociedades democráticas (Galindo, 2022).

É importante ressaltar que existe uma dependência entre as diferenças e a identidade. As diferenças estariam no domínio da negativa, aquilo que o outro é, da Outridade e a identidade estaria no domínio da afirmação, aquilo que se é. Identidade e diferença, são confrontadas na tensão das afirmativas e negativas, logo, coarticuladas e assim resultantes de um processo. Se interdependentes, são produções de criação linguísticas. Identidade e diferenças, são ativamente produzidas pela linguagem, eivada de instabilidades e indeterminações, bem como, não emergem lado-a-lado sem hierarquia, sendo que estão constantemente em disputas. Assim, articulam poder ao: incluir/excluir; demarcar fronteiras; classificar; normalizar... Neste viés, a identidade da Outridade é constantemente assombrada pela hegemonia, em que a produção de identidade e diferenças, são mobilizadas: pela fixação e estabilização, ainda assim a identidade escapa; e por outra via, a processos que tentam desestabilizá-la. O outro é o corpo diferente. Questionar a identidade e as diferenças, nesse contexto de representação, é questionar o que suportam, como também, quem tem o poder de definir e determinar. Atuar com as diferenças não se trata de somente respeitá-las, trata-se de compreender como são produzidas. A diversidade cultural neste contexto é um ponto final do processo conduzido por

operações de diferenciação, atribuída de estática, um estado, estéril e reafirma a identidade. Por sua vez, a multiplicidade é uma máquina de produzir diferenças, constituindo-se enquanto processo, movimento, operação e ação, contrário a homogeneidade, fixação, domínio e controle (Silva, 2014).

Criar e manter uma diversidade cultural, está alinhada com a noção de democracia cultural, uma vez que pode alertar certa estática, bem como, consiste também em criticar a homogeneidade da cultura dominante, que serve a poucos, porém, afeta a todos. A cultura dominante funde as diferenças multiculturais e multirraciais. A democracia cultural mostra-se como um ganho, contendo em si o direito a expressão e a maior diversidade de possibilidades de expressões. Deste modo, a democracia cultural é tal qual valiosa, a democracia econômica e política. A democracia cultural legitimaria os artistas a falarem a partir de suas autorias, bem como, de suas comunidades, gerando a todos acessos a uma abundância de produções tais quais semelhantes, como também diferentes identidades culturais (Lippard, 2006). Acreditasse que a democracia cultural produz multiplicidade de experiências estético-políticas potenciais, pois, estimulam a população a ação política em comunidade, na intervenção ativasse as pessoas como cidadãos e cidadãs, com a ideia de alcançar uma democracia participativa autêntica, plural e solidária (Artesi, 2021).

Vale recordar que a pluralidade é qualidade do plural, contemplando uma grande quantidade, que se caracteriza pela não unicidade, associada as diferenças e distinções humanas. Lidar com a pluralidade é contrapor a unicidade e multiplicar referências. O ponto de vista plural, sinaliza a favor do não linear, do não hegemônico, do considerar lacunas, brechas, divergências, negociações e disputas (Cerasoli, 2018). E assim, este projeto se utiliza deste referencial, bem como, colabora e contribui para com posturas que favoreçam posicionamentos articulados a heterogeneidade e a pluralidade, tensionando o que estava estabilizado pela hegemonia, domínio e controle. Acusando como a multiplicação a partir da diversidade e diferenças, reivindica uma sociedade democrática, que considera os números pequenos e variáveis ao que é dito hegemônico, números pequenos que geram temor e fúria, ao grupo dominante. Minorias e maiorias sociais, que são construídas no contraste de identidades e tensão de estereótipos. Diante a este contraste na construção social existem aquelas identidades que se mobilizam requerendo a extinção de outras, definindo-as como uma ameaça, estas identidades são predatórias (Appadurai, 2007).

Deste modo, o ativismo deve ser contra prática predatórias, contra-hegemônico, antipatriarcal, anticapitalista e contra racista. Estando a serviço de sinalizar e denunciar as injustiças e as desigualdades sociais (Aladro-Vico et al., 2018), o que demonstra como ferramenta eficaz para unir pessoas, na mobilização com relação a protestos, contra situações de risco e nas reivindicações de melhoria social (Ortega, 2015), tudo isso mediante insubordinação criativo-artística, na busca de transformar diferentes realidades sociais (Sánchez-Arenas, 2019). A qual faz referência ao indivíduo que utiliza de sua arte para interpelar e enfrentar a opressão social, utilizando de diversos meios que acredite ser necessário. Uma prática artística comprometida com a luta política, com impacto, considerando a localização que ocorrerá e o questionamento social, à aqueles e aquelas que

transitam/ocupam os espaços em que ocorrem estas manifestações (Vidal, 2020). Assim, produzindo imaginários, reflexões e potenciais políticas, como também, deslocando sentidos ortodoxos das artes e do ativismo (Amao, 2022), com impulso de agendas políticas (Gomez, 2017) da vida cotidiana.

Neste contexto, se pode pensar que o ativismo emerge de maneira confluída. Porque a arte sempre teve uma dimensão política e o ativismo sempre teve uma dimensão estética, mesmo que de modo não declarado. Dentro das propriedades do campo do ativismo destaca-se as tensões de poder entre o que é singular e o que é coletivo. O ativismo focaliza em atender temas sociais desde uma perspectiva crítica. Bem como, algumas perspectivas consideram o ativismo como uma corrente artística, porém, é importante pensá-lo também como movimento social, que de nenhuma maneira é homogêneo. Assim, produz contranarrativas e contraimagens, deslocando o modo de olhar de determinados fenômenos, em que a hegemonia é tensionada por meio da reciprocidade, horizontalidade, igualdade e solidariedade (Amao, 2022). E se estabelece como uma linguagem que gera autonomia, com a proposição de emancipações, resistências, desobediências (Aladro-Vico et al., 2018), diversidades, heterogeneidades e coletividades (Escobar; Aguilar, 2019). E deste modo, rompe artisticamente por meio de sentidos e práticas da insurgência, uma vez que possibilita proposições de outros cenários, paisagens e ecologias alternativas. É importante compreender que “insurgir associa-se, então, sinonimicamente a sublevar-se, amotinar-se, revoltar-se, emergir, surgir de dentro, reagir, opor-se, tudo sinónimos próximos do desejo insurrecional, da insurgência” (Raposo, 2015, p. 7). Diante dos conflitos sociais e traumáticos, que despontam insurgências no contexto social, performatizando outras táticas-estratégicas em relação a problemas singulares. Assim, são insurgências que rompem e operam em um jogo de forças, com movimentos de insubordinação emergindo principalmente de pessoas mais jovens (periféricas, negras, mulheres, LGBTQIAP+, indígenas e quilombolas). Esta modalidade de combate expande o alcance de visão, permitindo a visibilidade da esfera micropolítica e macropolítica (Rolnik, 2018).

E aqui menciona-se as táticas-estratégicas vinculadas as disputas e relações acionadas com o poder. Por este viés, é perceptível que o poder da arte é subversivo, mais do que propositiva de autoridade, o que evidencia consistência no momento que suas conexões propõem visibilidades. Conseguindo se mobilizar em caminhos prescritos e determinados, para além, deste modo gerando outras rotas e alternativas. A capacidade de produzir visões se torna mais potente com mais alcance, quando se vincula aos meios de comunicação e distribuição. Por outra via, o artista ativista perde o controle de imediato na pós-produção sobre sua obra de arte ativista, inclusive sobre seu objetivo. Assim, o contexto, a circulação da obra, e a difusão dela, concebe múltiplos sentidos (Lippard, 2006).

Muito em relação ao processo de difusão da arte e de como se dá a produção de conhecimento, se discute o planejamento e a variabilidade de espaços de propagação, suporte, exposição e circulação do ativismo. O ativismo se encontra envolvido pela arte de rua ou urbana, manifestando-se contra publicidade e a sociedade do consumo; requerendo espaços públicos e critica meios de comunicação (Gomez, 2017). Por este viés, pode estar reservado a espaços restritos para converter as dinâmicas

urbanas visíveis das cidades, movimento que pode buscar, romper e reconhecer a problemática social através de ações culturais de resistência em espaços públicos. A cidade pode ser um espaço de manifestação contracorrente artística-social e constituição de uma política de ruptura, que promove reconhecimento coletivo e mobilização daqueles habitam e/ou ocupam a cidade. E a cidade se torna espaço de encontro e passagem, com possibilidade de produção de sentidos urbanos, em que a comunicação visual como instrumento de intervenção, colabora com olhar direcionado a transformação social.

O ativismo transgredi, ou estabelece acordos no espaço social urbano para refletir criticamente sobre fenômenos e problemáticas sociais diversos. Buscando ressignificar a ideia de direito a cidade, rompendo com a contradição que o habitante não pode participar dos espaços que habita (Klein; Rius-Ulledemolins, 2021). A visibilidade no ativismo se deve a luta pela ocupação do espaço público. Trabalhar desde ele e com ele, sugere gerar um intercâmbio visual entre aqueles e aquelas que transitam/ocupam o espaço público. Assim, valorizando os espaços, que em algumas situações são invisibilizadas, mas a partir do acontecimento se ressemantiza, invertendo a ordem dos significados cotidianamente inscritos no mundo (Vidal, 2020). O ativismo, portanto, se coloca também como instrumento de discurso que protesta socialmente através de diversas expressões estéticas, porém, é comum observar a exposição desta prática em espaços públicos, integrando propaganda política e arte, a exemplo a China que após todo um contexto sócio-histórico uma década antes a Segunda Guerra Mundial e em outros locais na Ásia existe uma produção ainda pequena, em que mulheres saem à rua a dançar e gravam suas coreografias para posteriormente coloca-las nas redes sociais em espaços virtuais como uma bandeira (Colomina-Molina, 2021).

O questionamento ativista desloca a tensão da individualidade para abranger o coletivo, realizando ações em espaços públicos, ou também em ambiente virtual, no caso das ações realizadas através da *internet* (Bordin, 2015). O ativismo pode fazer parte da cibercultura de duas formas: como expressão de lutas e como estratégia de comunicação dos movimentos. Na *internet* o trabalho ocorre de modo coletivo, se organizando em redes de cooperação virtual. As iniciativas ocorrem de modo autônomo e muitas vezes não estão diretamente relacionadas ao movimento social, porém, responde as suas exigências, somando esforços pelo fazer cotidiano. As redes sociais como o *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* (atualmente o *X*, no ano de 2023), são os novos espaços públicos. Espaços de transgressão que fazem parte da *cibercultura* e se fazem estar permanente material político do ativismo na *internet* (Escobar; Aguilar, 2019). As práticas artísticas ocuparam o *cyberespaço*, como reflexão e meio de expressão. O *cyberativismo* resultaria em formas visíveis e ativas nos modos de fazer, sendo híbrido no conceber e no fazer políticas (Delgado, 2015).

Retomando a menção de mulheres na Ásia na construção do ativismo feminista e o *flashmob* como modo de manifestação (Colomina-Molina, 2021), é importante visibilizar que mulheres não só deste continente, como de outros, ocupam espaços ativistas e utilizam-se também como pesquisadoras como maneira de produzir conhecimento, contestar e reivindicar direitos (Stubs; Teixeira-Filho; Lessa,

2018). Assim algumas práticas (Marcha do Silêncio e Mulheres de Negro, em Montevideu, no Uruguai, trazem à tona as vítimas da violência da Ditadura e da tensão de gênero), são desenvolvidas no confronto entre público e protesto contra a desigualdade estrutural que gera atentados contra a integridade física e psíquica. Um dos modos de protesto é o ativismo, que apresenta objetivos políticos manifestados através de intervenções artísticas, performances em espaços compartilhados (Diab, 2021). Também, o movimento social “Marcha das Vadias” de Recife, no Brasil, do ano 2019, analisado enquanto uma “performance ativista”, e o seu recurso simbólico de expressão estética o Ato Rojas (Mulheres pintadas de vermelho, caminham com baldes de água na cabeça, o que faz com que a tinta escorra e marque por onde transitam). A dimensão do corpo é fundamental para entender o movimento e consiste em um foco principal em todas as marchas ao redor do mundo. O corpo na marcha se empodera enquanto livre e ironiza as regras do pudor estabelecidas pela sociedade patriarcal (Viana, 2019).

O *rap* nacional brasileiro feminino, é outro exemplo de ativismo, o qual aborda assuntos que despertam o interesse das mulheres e de elevada visibilidade, como legalização do aborto, autoestima, machismo, igualdade de gênero, feminicídio, sexualização da mulher, racismo. Tensiona-se, assim, as identidades fixas a partir da subversão do normal, pelo que são deslocadas e descolocadas as relações de poder estabelecidas pela cultura hegemônica. Os ativismos musicais negros e feministas operam, portanto, deslocamentos da homogeneidade idealizada para a realidade em sua heterogeneidade, derrubando a ficção/fixação da referência única (Afonso-Rocha; Melo; Santos, 2019). Bem como, o *feminejo* que está localizado como subgrupo do sertanejo, realizado por mulheres e pensado também para o público de mulheres. O *feminejo* se articula em uma relação entre arte e ativismo, denominado ativismo musical. O *feminejo* promove interação com outros gêneros musicais (funk, pop, eletrônica), como também, traz questões sociais que envolve o público feminino, o que articula música, arte e política. Por esta perspectiva, o *feminejo* é um modo de ativismo de gênero, ao tratar de situações que envolve o cotidiano das mulheres, suas angústias, dores, amores, sonhos... em um contexto, neste caso em que o sertanejo teve o domínio masculino por seus artistas (Massmann, 2021).

Como descrito, os Feminismos, a utilização das mídias e o ativismo auxiliam a pensar múltiplos pontos de vista e fala, artísticos e ativistas, em luta contra as sujeições sociais. Deste modo, apostando na inventividade torna-se potente instrumento de visibilidades, deslocamentos e questionamento as normas vigentes (Stubs; Teixeira-Filho; Lessa, 2018). Grupos como o colombiano, *Mujeres Al Borde* e o estadunidense QWOCMAP, articulam ativismo, arte e feminismo. Com práticas criativas que trabalham no universo virtual, utilizando plataformas de *streaming* de vídeo, seu *website* e as redes sociais como um modo de difusão e visibilidade para sua produção videográfica focada em gênero, sexualidades e ativismo (Ferreira, 2015). Bem como, o ativismo *queer* pode auxiliar na compreensão das questões de sexualidade e gênero (Trois, 2018).

Nas manifestações acima mencionadas o ativismo se estabelece vinculado a protestos, em que se requiere o direito pelo próprio corpo (Amao, 2022). Nesta via, o corpo é utilizado como ferramenta política para demonstrar que se pode existir como indivíduo (Sánchez-Arenas, 2019). Neste contexto:

O ativismo se mistura com as ideias da contracultura e com a indagação de que o performer é um artista insurgente, ou seja, artista, haja vista que se insurge na arte e na vida contra tudo e todos que preconizam discursos e práticas totalitárias que excluem e produzem os estigmas nas pessoas com *corpos diferenciados*¹²... O ativismo existe através de ações insurgentes que visam transgredir e questionar diferentes temáticas que se relacionam e desestabilizam, dependendo de quem as performa, deliberadamente os gêneros, identidades, sexualidades, diversidades, econômicas, religiosas, ambientais, sociais, culturais, estéticas, políticas e corporais (Oliveira, 2018, p. 138).

Utiliza-se da ressemantização, resgatando e atribuindo sentidos; da dimensão transformadora, revolucionária e gera rupturas, que propicia outras linguagens, categorias, convenções estéticas; da subjetivação, do corpo e outros sistemas diversos de comunicação, no intuito de transmitir experiências e sensibilizações (Aladro-Vico; Jivkova-Semova; Bailey, 2018). Neste sentido, a arte e a performance ativista não possuem formas espetaculares estabelecidas e rígidas. O que levam a recorrer a todos os meios na busca de serem eficazes na comunicação e transmissão de seus sentidos e por consequência em captar atenção. Deste modo, as invenções estéticas e dramatúrgicas dos ativistas, são inspiração para performances politizadas, convocadas a se desenvolverem em todas as direções (Pavis, 2017). A performance é utilizada como meio essencial de expressão, ao vincular-se ao local para direcionar atenção a múltiplas debilidades do sistema, ou, atuar principalmente no espaço público para conectar sem intermediários com audiência receptiva (Veloso, 2021). O espaço é fundamental, já que dependendo da resposta/ação/reação, a performance poderá transformar-se de várias maneiras (Vidal, 2020).

É importante ressaltar que umas das vias de respostas/ações/reações podem ser ativadas por meio de utilização de elementos de paródia com humor em suas realizações, tanto por meio daqueles e daquelas que ativam o ativismo, como por meio da recepção. Contudo, devemos lembrar que essas práticas também são incorporadas pelo sistema que se quer criticar e muitas vezes o excesso de paródia com humor é incorporado pela cultura de massa tornando-se uma característica de alienação. É sempre importante refletir as variações de humores vinculados as denúncias colocadas em nossa sociedade, pois, muitas vezes é preciso identificar o que realmente se propõe a subverter e o que serve para regular o poder dominante. As variações de humores frequentemente aparecem interligados a assuntos tratados com seriedade, mesmo a partir do momento que são colocados em um ambiente improvisacional, eles acabam por suscitar a manifestação cômica e/ou lúdica nos participantes (Bordin, 2015), além do humor se evidenciar por aspectos que acionam variadas tonicidades musculares.

¹² A noção de corpo diferenciado, diz respeito também a corpos com deficiências/neurodivergentes. Porém, além utilizasse esta terminologia no intento de destacar a criação de um processo de estudos que valoriza a presença física do corpo diferenciado com intersecção de marcadores em cena e não apenas a exibição da deficiência (Oliveira, 2018).

Sin lugar a dudas, el humor ha actuado como una estrategia para desestabilizar e interrogar certezas aparentemente inobjetables y conceptos rígidos impuestos por la cultura o el sentido común. Sátira, caricatura, ironía, parodia, sarcasmo, humor negro, todas estas formas del ingenio que desconciertan al receptor, pueden llevarlo a ver lo que no veía, a reír de lo que teme o venera y a atreverse a considerar que quizá sus ideas, actos o principios puedan estar equivocados; también han sido la vía para señalar o juzgar sutil o acremente, rebajando y ridiculizando (Vincent, 2022, p.268).

Desta maneira, o humor com sua multiplicidade de expressividades tem papel significativo nos saberes e práticas artivistas, como táticas de desestabilização, desalojamento e interrogação, das estruturas fixas e estabelecidas, podendo criar modos alternativos e múltiplos de visão de mundo elaboradas com o riso, ou, com a ironia, ou, com a indignação, ou, com a compaixão... (Lippard, 2006). Assim, os efeitos perfilados pelo humor enquanto ânimos variáveis dos corpos em relação ao ativismo, renúncia a centralidade, as fixações e produz acontecimentos (Delgado, 2013) diversos e relacionais entre emoções, sentimentos e corporeidades. Juntamente, aos trabalhos personalizados através da imagem que se converte em uma ferramenta coletiva, buscando uma consciência social e processos de direcionamento da atenção. Além do conteúdo visual que gerado, em forma de fotomontagem, fotografias, vídeos, peças teatrais e dançadas, gravações domésticas dos familiares e vídeo-performance (López-Ganet, 2022). Propõe transformar a forma em que as pessoas veem determinada situação, pelo questionamento que intervém nas relações de poder construindo espaços críticos de discussões, onde são expostas diversas opiniões, através das ações artísticas que expressam resistência cultural, que possibilita trabalhar com a realidade (Bordin, 2015). Realidade que apresenta diversas alternativas materiais (Galindo, 2022).

Os processos e as funções educacionais podem auxiliar o ativismo nesta construção de realidades, inclusive aquelas que questionam o capitalismo. As funções educativas do ativismo proporcionam: posições ativas de produção de sentido no mundo, e deste modo com capacidade de intervir na sociedade; produção de linguagens e ampliação dos modos de expressão, ainda gerando compreensão e maneiras prática de como proceder e como intervir; apreender éticas sociais e por consequências plurais; a integração das pessoas com a construção dos espaços e dos contextos coletivos (Aladro-Vico; Jivkova-Semova; Bailey, 2018); que os protestos convertam o espaço público em plataforma de desenvolvimento; reflexões sobre a relação social e as diferentes intervenções artísticas (Ortega, 2015). Deste modo, projetos como o *ativismo respiratório* consiste em exercitar a recusa da transformação de estudantes em somente estatísticas, corpos que morreram pelo vírus, pela crise da saúde pública, pela violência, pela desigualdade racial, pelas tensões de gênero e social (Rachel; Marques; Mariano, 2023). Não podemos esquecer que o coronavírus¹³ gerou diversas

¹³ A pandemia de Covid-19, a partir 2020, do vírus Sars-Cov-2, sem que ainda houvesse tratamentos eficazes houve em decorrência rápida disseminação, gerando no mundo aflição, sofrimento e luto. Tendo como consequência o distanciamento social como medida para combater a propagação do vírus, o que reorganizou os modos de viver, inserindo as tecnologias digitais e plataformas de relacionamento no ciberespaço, com centralidade na viabilização das relações interpessoais. O

reconduções nos modos de vida, que por consequência fez com que houvesse diversos modos de protestos com as insatisfações com as crises de saúde públicas, de educação, de convivência, da virtualidade no Brasil em seu primeiro ano de pandemia. Dentre diversas formas de protesto algumas manifestações artístico-políticas, ocorreram e podem ser caracterizadas como ativismo. Estas manifestações artivistas se expressam com diferentes aspectos, dentre eles: o performático, o musical, os audiovisuais, os visuais e os literários. Pode-se observar que o ativismo teve como função informar, sensibilizar, provocar reflexões, divertir, arrecadar doações, ajudar coletivamente, mobilizar corpos... Fundamentalmente, abordando questões das populações vulneráveis, que se interseccionavam entre si, com diversidade de marcadores subjetivos, políticos, sociais, ambientais, econômicos locais e nacionais (Silva, 2022). Esta experiência alavancada entre o ativismo interligados e temas sociais, principalmente nas circunstâncias articuladas a saúde, como a exemplo as tensões ocasionadas pelo COVID-19, ou, debates sobre a identidade, potencializam espaços propícios de protestos e articulação com as Psicologias.

3.2. Psicologias, Artes e Políticas: articulações com o ativismo

Retomo que o ativismo é um território constituído entre a articulação entre artes e políticas, no intuito transformação e enfrentamento social, sendo que diversas subjetivações e sociabilidades se mobilizam em um mapa móvel de produção de práticas que visam alterar realidades. Neste contexto, objetivasse aqui reconhece como as artes e as políticas, borram seus campos e migram a Psicologia, mesmo que as pesquisas aqui presentificadas, não necessariamente são apontadas como práticas artivistas. Num primeiro momento é importante sinalizar que as aproximações entre as Psicologias e as Artes, não são recentes e não necessariamente estão articuladas aos saberes e práticas políticas. Inclusive, os debates entre estes campos de saberes-práticas, a experiência estética foi o espaço propício, principalmente ocupando-se dos aspectos subjetivos, valorizando os elementos heterogêneos, como o prazer, a sensibilidade, os impulsos, os sentimentos e as emoções. Numa análise panorâmica a Psicologia da Arte institucionaliza-se no início de 1950, desde então há inúmeras pesquisas que tendem a construir relações entre as Artes e as Psicologias (Frayze-Pereira, 2005) e mais na contemporaneidade, por meio, de diversas críticas, tensionamentos e crises (ao que seria mencionado como neutro, distanciado, impessoal e a serviço da elite), tramasse aos saberes-práticas políticas, sendo aqui advertido que é por este viés que este texto se consolida, e que se evidenciará algumas pesquisas no campo psicológico.

que constituiu o migrar do ambiente físico para o ciberespaço, por meio de plataformas virtuais de comunicação (Meneses, 2020).

A arte é política na Psicologia, baseia-se em recortes de tempo e espaço, o que constitui formas de ocupação desses tempos e espaços por pessoas e objetos, em relação ao espaço do privado e do público. Estes recortes interferem em cada período histórico, a forma de percepção se transforma, e assim também se transformam os modos de existência. Atualmente a arte na representatividade da dança, como Guzzo e Spink (2015) sinalizam, pode acionar uma forma de resistência. E essa resistência da arte define, assim, uma política própria, interligando comunidade, a experiência viva e sensível. A resistência na arte tampouco é uma forma metafórica para expressar um sentido físico de resistência. Ela implica designar a relação íntima entre uma obra de arte e uma ideia política. Há uma tensão entre as duas formas de propor uma disposição de mundo e assim colabora para manter vivo o tensionamento.

Assim pensar o ativismo é compreender este contexto, a historicidade e pensar na materialização da prática vital interligada as sociedades democráticas e os tensionamentos ocasionados por grupos oprimidos em relação a hegemonia dominante. Deste modo, não distante constitui-se múltiplas derivações que se entrelaçam, como resultantes de uma interconectividade dos desejos de emancipação e do cuidado de si (Galindo, 2022), espacialidade propícia para contribuições do ativismo em interface com a Psicologia, em que desdobrasse enquanto intenção multiplicação de pessoalidades estéticas dispostas aos movimentos de criação e de devir, abertas à (des)construção de outros universos de referência, assim como à (re)significação de si e do mundo (Stubs et al., 2015), tendo por vezes o próprio corpo/experiência como obra e ponto de partida para falar de um corpo social, dos corpos de muitos/as sujeitos/as subalternos/as às hegemonias (Stubs, Teixeira-Filho, Lessa, 2018). O ativismo trabalhado nas dinâmicas educacionais contribui para o desenvolvimento de uma reflexão crítica sobre as colonialidades do ser, poder e saber, na contemporaneidade.

Os ativismos que se inserem em lutas de minorias marginalizadas podem ser, portanto, dependências artísticas decoloniais, desde que a diversidade de movimentos artistas, sejam eles educacionais, sociais e/ou culturais, tornam-se necessários não somente para resistir à colonialidade contemporânea, porém, para mostrar que é possível reinventar a existência para além dos regimes de governança da vida, tais como o capitalismo, a heteronormatividade, a branquidade (Almeida; Marques, 2021), a corpo normatividade, dentre outros. Assim, a partir destes embates a Psicologia pode estar articulada as artes e as políticas, fomentada por uma abordagem decolonial, resistindo, questionando, inventando devires outros e linhas de fuga as realidades dominantes, que capturam a vida e fomentam espaços de morte.

Notabilizo uma investigação na Psicologia realizada por Soares et al. (2014), que propõem um teatro-experimentação, descrita a partir das vivências de uma estagiária em Psicologia, com um grupo de mulheres em situação de cárcere. A proposta deste teatro-experimentação, articulou as noções de corpo, a arte e a clínica, visando possibilitar que linhas de fuga sejam criadas, produzindo espaços para uma multiplicidade de vozes e devires ecoarem. O devir aqui é acionado como desterritorialização de si, ao experienciar vivenciar práticas teatrais e ser tomado por diversas conexões de fluxos,

intensidades, desejos ocasionados no encontro. Reconhecendo a si, porém, deslocar-se em encontro a outras possibilidades de modos de existir. O método empreendido foi a cartografia em que se acompanhou os caminhos em movimento de todas envolvidas nesta experimentação, mapeando diversas espacialidades: espaço-corpo, espaço-afeto, espaço-máquina, espaço-imanente, espaço-imagem, espaço-não espaço (Soares et al., 2014).

Outra pesquisa que sinalizo, parte dos processos acerca de (in)visibilização social da população em situação de rua e a experimentação teatral. Tratou-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, com pistas do método da cartografia em diversas frentes investigativas, sendo as principais a análise de experiências, a revisão bibliográfica, entrevistas com moradores de rua que participaram de oficinas teatrais e com atores de rua. A pesquisa instiga a conhecer como se daria a vivência dos sujeitos nesses espaços e quais as reverberações possíveis do teatro em suas vidas. Ressalta-se, que as oficinas de teatro, para os sujeitos entrevistados, parecem preencher de sentido vidas fragilizadas por condições materiais e/ou sociais. A arte, neste viés, garante expressão aos sujeitos que se apropriam dela, que consequentemente gera visibilidade à população em situação de rua. A aposta na arte não exclui outras mobilizações políticas. As experimentações teatrais com a população em situação de rua vêm anunciar a possibilidade destas minorias sociais expressarem-se através das próprias vozes e dos próprios corpos. Essas duas vias de expressão e de sensibilização social não se anulam, mas são complementares e tendem a convergir em seus efeitos: a produção de outros regimes de visibilidade e a constituição de novas formas de convivência (Delfin et al., 2017). Posiciono aqui que esta mobilidade social, suas intenções, ressignificações e nomeações, faz muito sentido ao que se busca numa prática clínica psicológica e ativista decolonial, ao intervir nas lógicas da colonialidade do ser, poder e saber.

Se deste modo, mesmo que não sinalizada como ativista a pesquisa desenvolvida por Lobo e Cassoli (2006) merece aqui ser pontuada, em que articula psicologia ao circo social, tendo como objetivo à inclusão social de jovens das periferias através das artes do circo. E por outra ótica metodológica que não cartográfica, fomenta a partir desta articulação oportunidades para que surjam efeitos de resistência, ou pelo menos, distanciamento das marcas deixadas pelas desigualdades sociais, materializadas por via da pobreza e da violência.

O tema de arte e política na Psicologia, também expandisse as vivências da loucura e da cidade. Desta maneira, estes debates são constantemente revisitados desde a Reforma Psiquiátrica, com efeitos diferentes mediante a diversidade de possibilidades que tal conexão pode proporcionar. Possibilita reconhecimento na urgência das micropolíticas que põem em movimento outras formas de convivência com a diferença, com o território e com a experiência estética e sensível, materializando em outros modos de subjetivação, saúde e sociabilidades (Liberato; Dimenstein, 2013). E assim, o ativismo mostrasse enquanto prática potente que pode corroborar com tais objetivos, efeitos e ainda como ferramenta operacional para com a resistência nas Psicologias com diferentes subjetivações, espacialidades e produções de mundos.

Frente a esta trajetória, este capítulo potencializa e verticaliza ao mesmo instante que transversaliza, a construção da noção ativista, operacionalizando de modo conceitual e prático, os limites e as abrangências, que esta noção pode colaborar com a construção de uma Clínica Psicológica Decolonial. O ativismo produz uma psicologia, ou clínica, com possibilidade plástica de se colocar para além de instrumento e ferramenta, porém, como saber-prática autônoma comprometida com o enfrentamento, a resistência e a transformação social, mediante aos inúmeros conflitos, aqui já elencados.

É este saber-prática que transmuta e se multiplica em infinitas formas, que transita por meio das derivas e encontros de uma clínica-política e de artes-políticas, que constitui territorialidades propícias ao deslocamento e a nutrição das produções de diferenças que expandem em multiplicação a ética, a estética, os processos de cura. A psicologia, numa perspectiva pluralizante, é este espaço privilegiado em lidar com as coletividades e principalmente com as localidades individualizantes, como o *setting* clínico.

E o ativismo como podemos aqui perceber, orienta entradas e saídas múltiplas sobre as diversidades de aspectos sócio-históricos, de geoeconomias, de temas, de emoções, de tensões, de traumas, de imaginários, de estéticas, de corpos e de identidades. O ativismo pode auxiliar as psicologias a redefinirem diversas noções, multiplicando seus modos de operacionalização, compartilhamento, pertencimento, autonomia, respeito e convivência humana. Colaborando, até na redefinição da noção de saúde e cura, por meio de uma ótica que articule arte e a política. Se assim, esta pesquisa não se aproxima em sua elaboração ao ramo da arteterapia, apesar de poder se articular e correlacionar, sua distância ocorre uma vez não sendo referenciada numa matriz epistemológica, filosófica e política deste saber e prática arte-terapêutica.

É importante lembrar como Alice Reis (2014) propõe a partir da psicologia se embasa na noção do uso da arte como meio à expressão subjetiva na arteterapia. Expressividade conjugada a partir das tensões entre a interioridade e as reflexões da exterioridade, ou ainda, questionamentos a respeito da posição que a expressividade é uma representação do conteúdo e processo psíquico. Na perspectiva histórico-cultural em Psicologia, a atividade criadora e transformadora, compreendida como processo pelo qual o sujeito organiza sua experiência, recombina e gerando outras dinâmicas vitais.

O que evidencia a arte como ferramenta de reconstrução de si mesmo (Reis, 2014). Essa visão ressalta o papel da arte não apenas como uma forma de expressão, mas também como uma ferramenta para reconstruir o próprio eu. Por meio da arte, os indivíduos podem explorar e reinterpretar suas experiências, promovendo um processo de autodescoberta e desenvolvimento pessoal. Assim, a proposta de Reis destaca a importância da arte como uma via para a expressão subjetiva e a reconstrução do self, oferecendo aos indivíduos uma maneira única de compreender e responder às complexidades da experiência humana.

4 ...Este capítulo se compromete em trazer os *storyboards crips*, produzidos por todos os participantes do espetáculo e das curtas cenas, além, de alguns registros fotográficos. Relembrando que os *storyboards crips*, são estes roteiros produzidos em coletivo pelos participantes desta pesquisa, que descrevem as possibilidades de performances dispostas nas materialidades (iluminação, som, figurinos, objetos cênicos, corpos, maquiagens/máscara corporal e espacialidades) das experimentações e cenas, presentificando aspectos subjetivos do cotidiano, tais quais: desejos, movimentações corporais, organizações perceptivas, medos...

Durante a produção dos encontros que ocorriam as experimentações artistas, os objetivos foram variados, dentre eles estavam: experimentar no corpo e para a cena, os desejos artistas; desenvolver alguma estrutura escrita que pode sinalizar o que seria feito a partir das diferenças; compreensão das linguagens artísticas cênicas; ensaiar e repetir as cenas, para apresentar para outras pessoas, além dos participantes.

Neste capítulo, abaixo está disposto os *storyboards crip*, isto é, tanto os roteiros de como ocorreriam a experimentação artista tanto do espetáculo, como das cenas curtas. Evidencio aqui que a produção destas textualidades advém de diversos diálogos, desejos e acordos, de todos, todas e todos (Isabela Gontijo, Assafe, João Vitor, Vinicius Marques, Camila Monego, Mayara, Ana Clara, José Arnaldo Pereira, Pedro, Álvaro Oiano)¹⁴, caracterizando como uma produção coletiva dos participantes da experimentação artista. O que contextualiza a textualidade ser escrita em diversas conjugações e variações de sujeitos. Abaixo poderá ser visualizado os roteiros elaborados, algumas fotografias retiradas do dia oficial de experimentação artista, onde compartilhamos as produções com público.

¹⁴ A interseccionalidade é uma abordagem teórica e metodológica que busca compreender como diferentes aspectos da identidade humana interagem e se sobrepõem, criando experiências únicas e complexas para cada indivíduo. No contexto contemporâneo, a análise das identidades interseccionais é fundamental para entender como as escolhas, modos de estar no mundo, aspectos estéticos e desejos são moldados por fatores como sexualidade, expressão de gênero, etnia/raça, deficiência/neurodivergência e idade. Nesta pesquisa estes marcadores identitários são confluídos por meio da interseccionalidade que destaca que esses aspectos não funcionam de maneira isolada, mas se entrelaçam, criando camadas de experiências que são únicas para cada indivíduo. Estes marcadores influenciam diretamente as escolhas que os indivíduos fazem e seus modos de estar no mundo. As escolhas podem variar desde decisões cotidianas, até escolhas mais significativas, destacando os modos de estar no mundo, que se referem à maneira como as pessoas se posicionam socialmente e como navegam pelas estruturas e normas sociais. Nesta pesquisa também é considerado que aspectos estéticos e os desejos, também são moldados pelas identidades interseccionais. As preferências estéticas, que incluem estilo de vestimenta, arte e expressão visual, foram e são frequentemente influenciadas pelas experiências culturais e sociais de cada indivíduo. Da mesma forma, os desejos e aspirações pessoais são profundamente enraizados nas identidades interseccionais, refletindo as influências de diferentes culturas, tradições e experiências de vida. Os códigos culturais e sociais que surgem das identidades interseccionais são plasmados nas discursividades empreendidas pelos indivíduos. Essas discursividades incluem as narrativas e modos de comunicação que refletem e expressam as experiências de vida interseccionais. No contexto dos *storyboards crips*, que representam as vivências de pessoas com deficiências, essas narrativas tornam-se ainda mais significativas. Os *storyboards crips* podem revelar as sutilezas das experiências interseccionais, desde as manifestações mais sutis até as mais profundamente evidentes. Tais manifestações podem incluir pequenos gestos, movimentações, escolhas estéticas, de iluminação, de vestimentas, maquiagens ou comportamentos que, embora possam passar despercebidos por muitos, têm um significado profundo para aqueles que os vivenciam. Por outro lado, as manifestações profundamente evidentes são ações e expressões que têm um impacto claro e visível, frequentemente desafiando normas e expectativas sociais estabelecidas.

Ressalta-se ainda que o roteiro é uma possibilidade flexível de sintetizar na escrita as coordenadas cênicas e os acordos das diferenças, porém, na sua efetivação ele pode se desdobrar em outras formas e modos de fazer. Estes *storyboards crip*, se propõe a assumir em suas produções artísticas e ativistas, as estéticas específicas dos marcadores sociais e corporais, daqueles e daquelas que propõem, assim nesta pesquisa as lentificações de movimento, as estereotipias (estalar de dedos, caminhada sem sentido, sonorizações, espalmar das mãos, bater ao peito), as comunicações não verbais e os medos individuais, compuseram todas as experimentações artivistas, seja no espetáculo *A tribo*, seja nas *cenas curtas*, favorecendo e valorizando a produção das estéticas das diferenças.

A criação do *storyboard crip* envolveu um processo colaborativo e dinâmico, onde a representação corporal e a escrita se desenvolveram simultaneamente. A produção simultânea e interativa do *storyboard crip* ocorreu de forma paralela ao desenvolvimento das cenas. Nesse contexto, a ordem das ações não era fixa; às vezes, a representação corporal precedia a escrita e, em outras ocasiões, a escrita vinha primeiro. Isso permitiu uma flexibilidade criativa onde ambos os elementos podiam se influenciar mutuamente.

Para facilitar a colaboração, foi criado um documento no *Word*, armazenado no *OneDrive*, onde todos os participantes tinham permissão para editar. Esse documento funcionava como um espaço coletivo de construção e ajuste das cenas. As regras para edição eram simples: todas as alterações deveriam ser feitas em cores diferentes para identificar quem fez o quê. Isso garantiu transparência e facilidade de rastreamento das mudanças feitas por cada participante.

Evidenciamos que o documento online era frequentemente impresso e levado para os ensaios. Durante esses ensaios, as alterações necessárias eram discutidas e realizadas no papel. Posteriormente, essas mudanças eram transferidas para o documento online. Esse ciclo contínuo de atualização e revisão entre o meio digital e o impresso permitiu que todas as negociações, disputas e acordos fossem registrados de maneira organizada e acessível, integralizando o documento impresso e online, bem como, a valorização das diferenças dos participantes.

Inicialmente, as representações das cenas na escrita eram múltiplas, fragmentadas, incoerentes, ambíguas e conflitantes, refletindo a diversidade de perspectivas e a individualidade dos desejos de cada participante. No entanto, com o progresso dos ensaios, essa "roupagem" inicial foi se transformando organicamente. Aos poucos, surgiram continuidades, linearidades e resoluções cênicas, permitindo que as cenas se tornassem mais coesas e estruturadas.

Um aspecto significativo para a elaboração do *storyboard crip* foi estabelecer prazos e organizações, assim um marco temporal importante foi: duas semanas antes da apresentação no Teatro SESI Ferreira Pacheco, o *storyboard crip* deveria ter uma estrutura mais fechada, coerente e direcionada. Surpreendentemente, o grupo conseguiu atingir essa meta, organizando a escrita coletiva dentro do prazo estipulado. Esse período final de ajustes foi crucial para garantir que o *storyboard crip* refletisse um acordo coletivo sólido. Todavia, é importante também evidenciar o nível de comprometimento com a edição do documento variou entre os participantes. Alguns se dedicaram mais

à revisão e adequação do conteúdo, enquanto outros tiveram uma participação menos intensa. Essa dinâmica de envolvimento diferenciada é comum em projetos colaborativos e pode refletir diferentes níveis de interesse, disponibilidade e habilidades entre os membros do grupo.

Na construção do *storyboard crip*, não foram utilizados o *WhatsApp* ou cadernos individuais como materiais de apoio e colaboração. Toda a comunicação e ajustes foram centralizados no documento do OneDrive, o que pode ter contribuído para uma maior concentração de informações e facilidade de acesso, evitando dispersão e perda de dados.

O processo de criação do *storyboard crip* foi caracterizado pela colaboração intensa, flexibilidade criativa e adaptação contínua. Através da interação entre representações corporais e escrita, e do uso de um documento colaborativo no *OneDrive*, o grupo conseguiu transformar ideias fragmentadas e conflitantes em uma narrativa coesa e bem estruturada. A capacidade de adaptação e o comprometimento dos participantes foram cruciais para alcançar os objetivos dentro do prazo, culminando em um produto disposto neste capítulo, que reflete a essência do acordo coletivo e a diversidade de suas experiências.

Por sua vez, as fotografias sintetizam e capturam em visualidade aquilo que foi acordado em escrita, bem como, performado pelo corpo, é um outro suporte de produção e exposição da experiência, outra camada sensorial, outro modo de tornar visível o que foi vivenciado na produção desta pesquisa, a imagem não necessita necessariamente ser traduzida em palavras, pois, ela perpassa um regime de visibilidades, uma lógica da percepção estética-visual e nos afeta de um modo próprio, com afetos propositivos da experiência visual. Mediante, este argumento algumas fotografias desta pesquisa, são dispostas e intercaladas no entre do *storyboards crip*, por vezes como uma ilustração daquilo que se negociou de modo colaborativo e compartilhado na textualidade.

4.1. Título do espetáculo - A Tribo

Sinopse: Tribo. Tribo de diferentes! Procura. Procura interna. Ato. Ato de coragem. Contra o quê? Os medos. Pessoas que buscam defender tudo que tem. Como defender? E defendem? E sentem medo? Do que temos medo e como podemos nos defender?

Cena 1 – PERDA E BUSCA

A+ Inicia com uma fotografia mais literal (um bloco de pessoas a centro-direita do/no palco, olhando para frente, tentam segurar se agarrando uns aos outros, a mão de uma personagem, que está de costas a plateia. A personagem esta laçada, pelo quadril, e é puxada para coxa, por uma corda).

A-1+ Camilla sai da cena.

B+ O grupo nesta fotografia é separado de uma das suas integrantes, o que faz gerar uma movimentação de desorganização. Assim deslocam-se para frente-direita com esta movimentação de desorganização ainda em bloco, onde as duas primeiras estereotipias serão demonstradas, desencadeadas, sendo a primeira, um estalar constante de dedos, mesclado a uma expressão facial angustiante, e a seguir, um estalar das mãos. Depois, com o grupo ainda à fundo na direita ainda com movimentação de desorganização, porém, o bloco começa a se desfazer, com a terceira estereotipia, do andar constante, e o peito-estala- bate, reproduzindo um bater nos próprios braços, peito, palmas, ou até mesmo isso tudo mesclado as duas estereotipias feitas ainda quando o grupo estava reunido. Com estas duas últimas manifestações de angústia, a tribo já terá sido desaglomerada. Depois se locomovem com movimentação desorganizada, fundo esquerdo, bloco mais desfeito. E por último esquerda frente, o bloco já está quase todo desfeito.



Fonte: fotografia do acervo de Joathan Custódio, experimentação artista ocorrida no ano de 2022.



Fonte: fotografia do acervo de Joathan Custódio, experimentação ativista ocorrida no ano de 2022.



Fonte: fotografia do acervo de Joathan Custódio, experimentação ativista ocorrida no ano de 2022.

C+ A procura começa dispersa por todo o palco. Outras pessoas adentram ao palco para correr em busca incessante por algo, a personagem que foi laçada é o que lhes move. Vários sons.

Corridas, caminhadas, ocorrem em todos os planos do palco. Até que um dos personagens do bloco para de uma vez no lugar onde está (Vinícius). Logo em seguida e com a percepção de todos, é esperado que parem todos os demais integrantes em seguida, no lugar em que estão. E no lugar em que estão, se movem só com a coluna buscando olhando para os lados e para as demais personagens em busca da personagem que foi laçada, para que a livre circulação pelo palco só volte a acontecer quando o Vinícius voltar a se mexer. As estereotipias citadas em parágrafos anteriores, com ênfase no andar frenético e no peito-estala-bate, voltam a ser utilizadas, até chegar a vez da segunda pessoa a realizar uma pausa, reiniciando o ciclo. Este ciclo de movimentos perdurará por cinco vezes.

Ciclo 1 - Vinícius [Que sai de cena após terminar a pausa dos integrantes, ou seja, quando der início as movimentações dos integrantes no palco, neste primeiro ciclo.]

Ciclo 2 - Mayara

Ciclo 3 - Álvaro [A partir deste, seria importante demonstrar cansaço no ato da procura.]

Ciclo 4 - João

Ciclo 5 - Asafe [Na última parada as pessoas que entraram no palco saem, permanecendo só os integrantes da tribo.

D+ Somente os integrantes da tribo: estão extremamente cansados da busca. Ainda parados representam extrema fadiga. Se locomovem extremamente devagar e com respirações profundas. Um indo de encontro ao outro. Um ajudando os outros. Muito devagar param todos ao centro-direito. Se abraçam, se olham, se percebem.

Adendo no tangente ao final da Cena 1:

Accordamos que os abraços sejam em duplas, entre os integrantes da tribo que estiverem em pontos mais próximos ao longo dos passos que forem dados em direção ao Asafe.



Fonte: fotografia do acervo de Joathan Custódio, experimentação ativista ocorrida no ano de 2022.



Fonte: fotografia do acervo de Joathan Custódio, experimentação ativista ocorrida no ano de 2022.

Cena 2 – DO CLAMOR E VAGALUMES

A+ Todos integrantes se abraçam no mesmo lugar que estavam. Anna Clara entra em cena, realizando uma caminhada, e por repetidas vezes vai até a coxa para pegar, e entregar lampiões a cada um dos integrantes que estavam ao centro do palco. Após a entrega, ela se

fixa em lugar e entoa um canto com intenção de pedir ajuda, para que possam reencontrar a personagem laçada.

A+ Anna Clara, entoa um canto triste/clamor-oração pelo retorno e sai do palco, aos poucos.



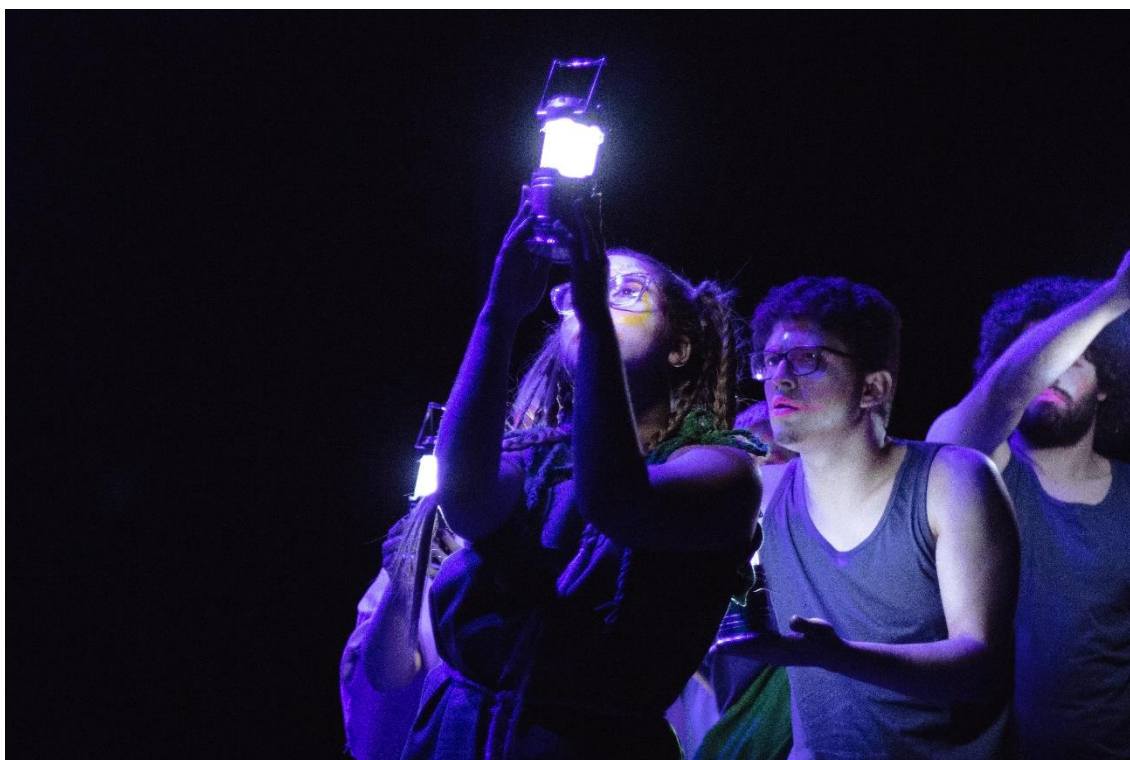
Fonte: fotografia do acervo de Joathan Custódio, experimentação ativista ocorrida no ano de 2022.

B+ As personagens cada qual com seu lampião caminham em bloco, fascinados pela presença da personagem da Anna Clara, além dos objetos luminosos que lhe haviam acabado de ser entregues, contemplando os lampiões, ato simbólico representando o revigoramento e o acender de uma esperança, esperança de encontrarem a personagem da Camilla. Se deslocando a próximo da coxia, um personagem conduzirá a cinco lugares no palco. Ao pararem em cada ponto os demais personagens imitaram a postura deste personagem (importante usar níveis baixo, médio e alto). Sendo que o quinto lugar, será a frente-esquerda do palco (bloco nível baixo).

B+ Álvaro será a pessoa que conduz deste movimento por um período, onde ele mesmo fará uma pausa depois, dando lugar a outro integrante da tribo, tomar a sua posição e orientar os demais nesta nova procura. Importante mostrar otimismo, alegria, determinação e energia nesta segunda procura, para que esta cena não fique excessivamente parecida com a anterior, onde havia cansaço extremo. Duas opções foram cogitadas de como ocorrerá essa troca de lideranças na condução. Uma delas, através de quem estiver mais próximo do condutor anterior. Já a segunda, seria alguém que de forma intensa, estando mais atrás, mostraria seu entusiasmo e tomaria algum tipo de iniciativa para assumir tal posto.



Fonte: fotografia do acervo de Joathan Custódio, experimentação ativista ocorrida no ano de 2022.



Fonte: fotografia do acervo de Joathan Custódio, experimentação ativista ocorrida no ano de 2022.

Cena 3 – DO REENCONTRO

A+ A personagem laçada sai de um canto do palco, confrontada e ainda segurada pela corda. Ela enrola e se desenrola, ao centro direito, com foco de luz sobre ela. Consegue se libertar da corda. A personagem sofreda e ainda cansada empurra a corda até seu bloco que esta a frente-esquerda do palco. Anna Clara reaparecerá, desta vez fazendo uma chegada mais sutil, de

modo que Camilla, já esgotada, não note sua vinda. Anna deixará um lampião no chão, enquanto expõe preocupação pelo semblante, aguardará que Camilla o pegue, dará um sorriso, seguindo de u” "tchau" com a— mãos. - OBS: Tudo o que fora destacado em verde, é apenas uma sugestão de como o editor do roteiro, eu, João, vejo que poderia ser possível da Anna Clara fazer para expor preocupação com a personagem até então, raptada, para gerar mais impacto e imersão no atuar.

B+ Aproximando-se ainda cansada e empurrando a corda até o bloco. É recebida com surpresa e alegria. É abraçada, cumprimentada. E um tecido surge envolvendo todo o bloco que está em nível baixo, inicialmente envolvendo a personagem anteriormente laçada. Em primeiro momento mostra-se um jogo de partes do corpo que se mostra. Primeiro somente cabeças, depois braços, depois pernas, depois, tudo some... movimentos sutis embaixo do tecido e aos rápidos acontecem. O tecido começa a desenrolar, PORÉM, simultaneamente a gravação de:

+ Som de muitas araras. Misturado ao receio. E gravações simultâneas dos
“Ainda tenho medo de...” “Tenho medo de...” Do que temos medo...? (áudio colagem dos medos reais dos participantes da experimentação ativista)

Cena 4 - PAJÉ, RE-SOLUÇÃO E RECEITA CONTRA MEDOS

A+ Vinicius retorna ao palco, auxiliado por Anna Clara.

A+ Todos ainda meio que saindo do tecido e ouvindo sobre o medo. Uma personagem retorna, é o pajé. Aparece com seu caldeirão, em meio aos sons de pássaros e dos medos dos integrantes do bloco. As personagens saindo debaixo do tecido, demonstram extremo respeito por esta personagem. Ali é enrolada a corda por todos, com extremo cuidado e colocado dentro do caldeirão. O tecido é afastado. O pajé mexe no caldeirão e transforma tudo em uma poção.

4. 2. Cenas Curtas

–Cena 1 - Vinícius Marques

Cenário: Banco (tamborete), 5 kg de jornal

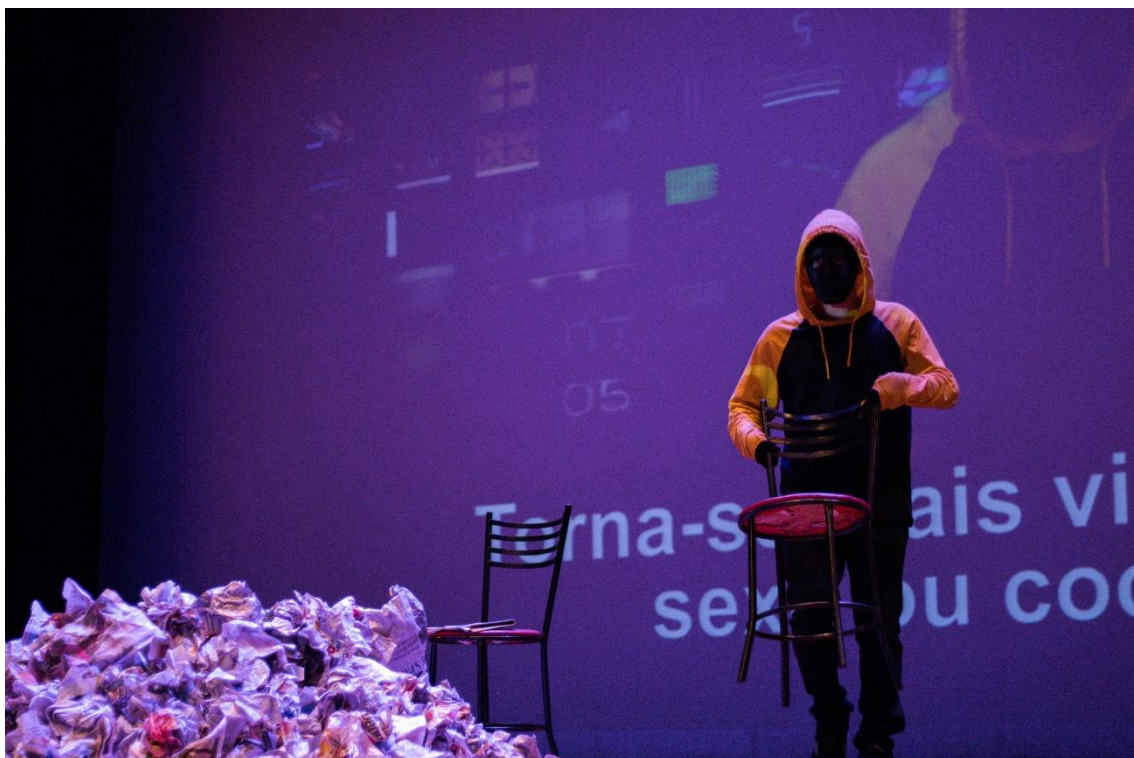
Figurino: calça e camisa escuras

O que ocorrerá: A personagem aparece ao fundo-direito do palco. Ao centro do palco uma pilha/morro de jornal amassado, e também neste morro um banco para ele sentar-se. A personagem está com muito medo, aterrorizado... caminha ao som de urubus. Senta no banco. Os sons aumentam. A variação de luzes enquanto sofre, transmite ideia de passagem de tempo. Levanta-se, faz que irá sair do palco, rumo a frente-esquerda. Porém, refaz o trajeto para o fundo-direito do palco. Refaz esta mesma cena três vezes, só que na terceira realmente sai. A um foco/geral de luz vermelha na cena, após a saída por 40 segundos e depois apagasse a luz.

Blekaut (retirada jornais)



Fonte: fotografia do acervo de Joathan Custódio, experimentação artivista ocorrida no ano de 2022.



Fonte: fotografia do acervo de Joathan Custódio, experimentação artística ocorrida no ano de 2022.



Fonte: fotografia do acervo de Joathan Custódio, experimentação artística ocorrida no ano de 2022.

Cena 2 – Camila

FIGURINO: tecido amarelo mostarda, 5 samambaias

CENARIO:

O que ocorrerá: entra uma pessoa lendo o meu poema com a música depois tocando e entro em cena com roupas amarelo cor mostarda tecidos sentada na cadeira começo a me movimentar conforme música tocando com o vento assoprando o caminho das samambaias e com bolhas de sabão sendo soprando. Com cenário cheio de cores no fundo com luz amarelo e fecho com agradecimento deixando mensagem de alegria felicidade para pessoas sentir feliz



Fonte: fotografia do acervo de Camila Monego, experimentação artivista ocorrida no ano de 2022.



Fonte: fotografia do acervo de Camila Monego, experimentação ativista ocorrida no ano de 2022.

Cena 3 – Mayara

Cenário: girassóis e balões de corações de gás hélio (30 a 50 unidades), tacos de madeiras

Figurino: vestido longo em cor provavelmente azul

O que ocorrerá: Antes das cortinas se abrirem eu já entro no palco todas as luzes apagadas quando as cortinas se abrirem e as luzes acenderem, eu já vou estar lá no meio do palco, no meio das flores o palco todo iluminado com uma cor que pareça um jardim e que atraia alegria a plateia, muita luz e brilho em mim no meu vestido que dê para ver a minha maquiagem. Quando começar a apresentação eu vou andar por todo palco girar com muita alegria sentir o aroma das flores, (se tiver como amarrar uma cordinha ou fita para ficar bem bonito os corações) eu não quero andar com eles no braço quero segurar pela fita vai ficar melhor apresentação e no final jogar os corações para cima ou para plateia se deixarem e sair.



Fonte: fotografia do acervo de Joathan Custódio, experimentação artista ocorrida no ano de 2022.



Fonte: fotografia do acervo de Joathan Custódio, experimentação artista ocorrida no ano de 2022.



Fonte: fotografia do acervo de Joathan Custódio, experimentação ativista ocorrida no ano de 2022.

5...Este capítulo se propõe a trazer contribuições a partir das reflexões, questionamentos e saberes-práticas constituídos nos capítulos anteriores que se tramam a cartografia, a clínica psicológica, a decolonialidade e ao ativismo. É importante ressaltar que esta parte da pesquisa se debruça em visualizar a experimentação ativista realizada com 10 pessoas, reconhecendo as intensidades sinalizadas a partir do enfoque no corpo do pesquisador, no que se denominou *corpos-telas em cenas sociais*.

Tal como supracitado, o grupo de participantes desta experimentação ativista foi organizado a partir de duas distinções: um grupo caracterizado como típicos, composto por pessoas com deficiências selecionadas com base em suas habilidades estético-artísticas, e outro grupo caracterizado como atípicos, composto por profissionais instrutores da mesma instituição. Retomando o contexto, o grupo típico, composto por profissionais instrutores da mesma instituição, não apresentava diagnósticos ou laudos específicos. Já grupo dos atípicos, foi composto por pessoas com deficiências selecionadas por suas habilidades estético-artísticas, sem critérios de diagnósticos específicos, trouxe variação de diagnósticos, dentre eles: Transtorno Bipolaridade, Transtorno do Desenvolvimento Global, Transtorno do Espectro Autista, Transtorno do Neurodesenvolvimento. Foram realizados 18 encontros, cada um com aproximadamente 150 minutos de duração, levando em consideração as necessidades específicas do grupo, como a lentificação do pensamento, o cansaço, a facilitação da linguagem, entre outras questões relacionadas à organização sensorial e emocional, e à autorregulação individual e do grupo.

O objetivo principal desses encontros foi a construção de experimentações cênicas, com base em uma inversão de posicionamentos e relações de poder entre os participantes, visando à construção e multiplicação de realidades ético-estético-políticas legitimadas. É importante ressaltar que a dinâmica desses grupos foi influenciada pelas tensões de poder entre o normal e o anormal, a capacidade e a incapacidade, as atitudes socialmente adequadas e inadequadas, e os direitos garantidos e as negligências, refletindo as desigualdades e privilégios presentes na sociedade.

Os participantes do grupo atípico foram identificados por nomeações autorizadas nesta pesquisa, apresentando uma variedade de características, incluindo idade, gênero, classe socioeconômica e características típicas e atípicas, conforme os critérios estabelecidos. É importante também mencionar que o grupo tal qual aconteceu não existia antes desta pesquisa, e que após esta pesquisa ele também foi alterado, devido serem

profissionais vinculados a uma empresa, foram modificados de cargos, horários e muitos inclusive saíram da instituição.

As experimentações ativistas foram conduzidas tendo como premissa inicial a proposição a reconfiguração das relações de poder, ocasionando até inversões e reajustes nas posições que os participantes no cotidiano ocupam numa lógica assimétrica entre a hegemonias e as Outridades, o que produz a recondução dos processos de marginalização, invisibilidade e deslegitimação. A experiência então é promovida demarcando que suas opiniões, ideias, comentários e questionamentos serão escutados e considerados, inclusive, sendo validados na produção de discursividades, temas, interesses, imaginários e estéticas, nas cenas. Toda a experiência ativista é conduzida na intenção de operacionalizar a compreensão e oferecer pistas sobre como produzir e valorizar as diferenças.

Nesta pesquisa, a partir da experiência vivenciada, o corpo do pesquisador torna-se este espaço de trânsito das intensidades das afetividades, e por meio destes deslocamentos, reconhecimento que os afetos são políticos. E são estas intensidades que foram aqui sinalizadas, enquanto, *corpos-telas em cenas sociais* sinalizadas em 8 (oito) intensidades: (1) Construção, distribuição e reconfigurações do poder; (2) Mobilizações entre Autoridade e Submissão: Um Olhar sobre as Dinâmicas do Poder e da Responsabilidade; (3) Sobre os corpos e suas particularidades: as urgências e prioridades são diferentes; (4) Experimentação ativista, as tensões de se estar sendo compreendidos e outras configurações de poder; (5) Vocês planejaram para dar errado? O mundo normativo planeja para que eu, um diferente, seja o erro!; (6) Experimentação ativista, produção de imaginários e impossibilidades impensadas, até então: se há oportunidade, é possível inventar!; (7) Como mobilizar as diferenças em prol de encontros, escutas e diálogos: tentativas de experimentações; e (8) Quando as diferenças atribuem estética, como podem se sentir os normativos?.

5.1. Construção, distribuição e reconfigurações do poder

Corpo-tela em cenas sociais: me vejo na sala da minha casa, no *setting* clínico, nas salas das empresas em que trabalho... e meu

desejo, enquanto, psicólogo em possibilitar/facilitar acessos a autoridade de modo imediato ao grupo de participantes.

Sempre houve o interesse de haver uma produção artística na Associação Espaço Vida Mais Amor (AEV+A). Durante alguns encontros na experimentação, ficou-se numa perspectiva de não se saber quais linguagens artísticas se tornariam apropriadas a trabalhar com o grupo em questão, isto é, seria dança, ou seria teatro, ou seria performance. Neste contexto, diante a construção da experimentação optou-se por ficar em um campo expandido¹⁵ de linguagens e saberes-práticas com efeitos cênicos, que contribuíam para uma produção artística que fosse expressa pelo corpo e com o corpo.

Foram muitos os diálogos questionando o que se estava fazendo, e encontro-a-encontro tornou-se perceptível que a manifestação teatral se destacava, juntamente pelo conhecimento primário de estar se apresentando no teatro, por outra via, por ser a linguagem acessível que predominava, porém, por uma perspectiva mais minuciosa outras linguagens cênicas ali estavam empreendidas e coarticuladas, os corpos se moviam, dançavam, estabeleciam jogos coreográficos, faziam improvisos com roteiros, buscavam palavras (assim gravando-as, inscritas em seus corpos-memórias, instauradas em suas histórias de vidas, e encarnadas em suas assinaturas de movimento) e movendo-se com elas, todas estas formas de acontecer produziam imagens, produziam ações, produziam afetos, produziam realidades.

Havia em comum também, e isto se tornou-se mais nítido o aspecto ativista. Sim, sem dúvidas se havia algo que não dava para questionar, era a intenção ativista, enquanto, abordagem extremamente presente e que guiava estes corpos a uma série de proposições, desmistificadoras, questionadoras, que requeriam espaços, direitos de serem visibilizados, de escuta, de opções, de escolhas de fazeres, que inclusive conseguiriam

¹⁵ O campo expandido ocorre quando algo ultrapassa os limites tradicionais, disciplinares ou categorias estabelecidas, e se manifesta de forma mais ampla, além das fronteiras que normalmente definem uma identidade e/ou linguagem artística específica. Esse conceito desafia as normas e categorias existentes, chamando a atenção para a diversidade e as diferenças que existem além dessas fronteiras. Por uma posição de arte expandida decolonial, buscassem romper com as limitações disciplinares, o campo expandido convoca as "outridades", que representam as diferenças e perspectivas não convencionais. Isso promove uma ruptura com o poder estabelecido, especialmente sob uma postura decolonial, que busca questionar e dismantlar as estruturas de poder colonialistas. Nesse contexto, a abordagem decolonial visa visibilizar e distribuir outras formas de estética, geopolítica afetiva e conhecimento que contradizem as narrativas dominantes de poder, saber, estéticas e identidade, que são frequentemente impregnadas de colonialidade. Em essência, é uma chamada para reconhecer e valorizar as múltiplas vozes e perspectivas que foram historicamente marginalizadas ou silenciadas. Bem como, inventar outros contextos e cenários possíveis (Pereira, 2021).

também se deslumbrarem com uma conduta artística enquanto profissão, de escolha de temas que gostariam de tratar e mostrar por meio de suas visões de mundo.

O ativismo, portanto, impulsionava as relações entre a arte e fazeres políticos, operacionados pelas especificidades destes corpos, acionado pelas suas diferenças. Os corpos presentificados nesta experimentação implementava um modo particular e ao mesmo instante múltiplo de encarar o mundo, por consequência de busca de estratégias cênicas para a construção de suas ações/cenas a serem postas em palco. Palco que variou entre uma sala comum, a um palco de uma sala de reuniões institucionais, até o palco do Teatro SESI, em Goiânia, Goiás, Brasil. Este grupo de diferenças alavancou também na relação entre arte e política, modos decoloniais sejam de mediação considerados nos modos de fala, outras visões estéticas, éticas, outras relações de saber, poder e ser, perfiladas nas especificidades de cada corpo.

E é neste viés, que desde o início almejou-se a proposição de inversão de poderes com ênfase na tomada de decisões (de corpos que seriam visibilizados, modos de serem visibilizados, narrativas, conteúdos, temas), deste modo os integrantes deste grupo que se mostravam com diversas cores, gêneros, classes e neurodiversidades, foram organizados para que os neurodivergentes (pessoas geralmente subalternizadas, inferiorizadas e marginalizadas) fossem os Diretores/Diretoras das cenas, isto criou, com intencionalidade o efeito de que eles seriam as pessoas com maior autoridade e autonomia no contexto da criação estética. Esta postura inicialmente foi implementada de modo radical, acessado por mim como modo ético-político de produção de cenário e realidades sociais. Todavia, diversas percepções apresentadas por mim constituídas e perpassadas no grupo que demarcaram um espectro de inseguranças, dúvidas, medos de exposição, angústias em assumir o poder deslumbrado.

Compreendi com o passar do tempo de maneira sutil, que o poder visibilizado, outorgado, não necessariamente foi aceito, e não necessariamente se permitiram. Compreendi também, que delegar poder, não necessariamente correspondia ao aceitar o poder. E mesmo quando aceito não corresponde a compreensão das responsabilidades, limites e manejo deles. Desta maneira, havia constantes estados de desconforto, de dúvidas e incertezas sobre suas escolhas estéticas, por exemplo. E pensando o manejo do poder, ele viria acionado pela pessoalidade e pela intersecção de marcadores que constitui o corpo daquele, daquela e/ou daquele, que o maneja.

Compreender, portanto, a complexidade expressada nas diversas dimensões e recombinações sociais, que produz o poder em articulação a estes corpos. Camadas de

expectativas, de imaginários e pensamentos, se desdobravam ao encontro de serem aceitos. De serem aceitos por seus amigos, familiares, colegas de suas igrejas, dos lugares que frequentavam, pessoas que integram a diferença de marcadores sociais, porém, também são orientadas pelas corponormatividades. E deste modo, mesmos os/as/us participantes desta experimentação reconhecendo em algum nível esta relação de interesse, as modulações das forças apresentavam intensidade significativa que os comovia a concordância com a estrutura colonizadora corponormativa, que por consequência ressoava em efeitos que se atualizavam em diversas instâncias. Foi reconhecendo este contexto e percebendo o não domínio técnico-especializado (de cenografia, iluminação, figurino, produção de arte, conhecimento da cena-corpo). Que a prática inicial e radical de entrega de poder, foi redefinindo e ajustando paulatinamente, considerando a particularidade e autonomia de cada participante. O que constituiu modificação contínua e diária, também para mediação de recursos na conquista de autonomia desde as diferenças de cada personalidade, abrindo uma gama de possibilidades para compreensão de responsabilidades, aspectos colaborativos, validação dos pontos de vistas presentes, posturas mais horizontalizadas e dialogadas.

5.2. Mobilizações entre Autoridade e Submissão: Um Olhar sobre as Dinâmicas do Poder e da Responsabilidade

Corpo-tela em cenas sociais: durante as experimentações inúmeras vezes lidei, com a construção e facilitação da autoridade as diferenças. Assim, os corpos das diferenças por vezes se invalidavam em suas percepções e ações. Criando assimetrias de legitimação entre opiniões, evidenciando as das pessoas típicas em detrimento as atípicas.

Corpo-tela em cenas sociais: na plateia do teatro, no dia da experimentação a ser compartilhada no teatro, uma das pessoas atípicas que participavam da experimentação ativista, me questiona com mediação de outrem participante sobre as relações de poder, isto é, *não seríamos nós os diretores, porque você também..?*

Percebo, que não é somente sobre distribuir poder, ou mesmo somente sobre o tornar acessível, nas interações e produções. Lidar com o poder, diz também sobre criar condições para manejá-lo. Quando se delibera uma possibilidade de poder outorgada pela proposição de inversão das figuras de autoridades, propondo para pessoas que em sua maioria das vezes são destituídas das tomadas de decisões, serem neste contexto ativista legitimadas e criadoras, enquanto, pessoas principalmente vistas com poder (por suas funções, hierarquia de trabalho, profissões, conquista de confiança), retiradas desta estrutura. Outro espaço é fomentado, outro regime é constituído, outros aspectos com relação ao poder são movimentados numa teia de disputa, negociações e tensões, outras combinações sociais são acionadas, outras éticas-estéticas-políticas são consideradas.

Mediante as especificidades que vão se desdobrando destas outras possibilidades de se estar e fazer mundos, outros acordos se constituem das interações, gerando uma constante movimentação de montagem e remontagem das pessoas que participaram deste processo. E neste sentido, diversas incertezas são consideradas, tais quais as responsabilidades e irresponsabilidades, sendo eu o psicólogo e o instrutor do grupo, este eco constituído das demais relações vivenciadas com o grupo, despertava por vezes a insegurança, o medo de perda de controle, o medo de como seríamos vistos (expostos), até que ponto poderia ser aceito determinadas ideia e operacionalizá-las, dentre outras derivas que serão apresentadas na constituição deste texto. Havia em algum nível, ou em vários níveis um sentimento de risco envolvido nestas incertezas.

Desta maneira, durante toda a experiência ao invés de entregar de modo abrupto como feito em situação anterior. Refleti, como construir juntos espaços de poder e participação, lembrando que todos, todas e todus portam poderes, sendo autoridades a partir de vivências diferentes. Que ninguém se isenta. Que coabitamos e somos corresponsáveis.

É certo que houve o argumento de redistribuição de poder nos encontros. E esta informação não passou despercebida. Porém, em simultâneo, atribuído a esta informação associou-se que a este modo haveria somente o ceder e o não questionar/opinar. O que constituiria sua circulação de modo hierárquico e rígido, nesta inversão de autoridades. Mobilizar os afetos, em busca daquilo que se havia compreendido, inclusive de uma total submissão almejada. Ao ser questionado *sobre a inversão de autoridades, porém, como eu assumiria ainda a autoridade*. Ao mesmo instante que o questionamento foi proferido não houve disponibilidade para diálogo. Quem moveu o diálogo não o sustentou. Nutriu perguntas, provocações e um diálogo aberto.

Situação dialógica que lembrava da inversão, demarcava a autoridade e acentuava a submissão. Neste contexto, foi assinalado e advertido: que mapa é este de poder, onde há autorização das autoridades serem invertidas, contudo, você ainda utiliza o poder? E eu retorno, que mapa é este em que você assume a autoridade e quer me expropriar de toda e qualquer decisão? Isso levantou questões sobre o uso do poder em um mapa onde as autoridades podem ser invertidas, mas ainda assim alguém mantém o poder. Retruquei, questionando o mapa onde alguém assume a autoridade e tenta expropriar todas as decisões.

É importante ressaltar que a inversão de autoridades em uma clínica-artivista-decolonial desafia as estruturas tradicionais de poder e visa promover uma abordagem mais horizontal e colaborativa para a gestão e tomada de decisões. Nesse contexto, as dinâmicas de responsabilidades, autonomias, desejos, submissões e hierarquias são profundamente afetadas, moldando uma cultura clínica-organizacional única e transformadora.

Me parece significativo neste contexto, que a redistribuição de responsabilidades ocorra de forma mais equitativa, com todos os participantes sendo encorajados a assumir papéis ativos na condução das atividades. Isso cria um senso de responsabilidade coletiva, onde cada indivíduo é valorizado por suas contribuições e capacidades, em vez de depender exclusivamente de uma figura de autoridade centralizada.

A autonomia é fomentada através da promoção da expressão livre de ideias e opiniões, desde que em diálogo com o coletivo, isto é, estabelecendo acordos entre os participantes de modo respeitoso. Com uma inversão de autoridades, os participantes se sentem empoderados para tomar decisões com base em seus próprios valores e conhecimentos, sem a necessidade de seguir ordens ou diretrizes impostas externamente, mas, guiados por uma lógica política-afetiva constituída a partir das legitimações das diferenças. Isso promove um ambiente onde a diversidade de perspectivas é celebrada e valorizada. A submissão cede lugar à colaboração e ao respeito mútuo. Com a inversão de autoridades, não há uma figura central de poder para a qual os participantes devem se submeter. Em vez disso, as decisões são tomadas de forma coletiva e democrática, promovendo um ambiente onde as vozes de todos são ouvidas e respeitadas, e colocadas como possíveis na vivência de experimentação ativista.

Os desejos individuais ganham destaque em uma clínica-artivista-decolonial que adota uma inversão de autoridades. Cada membro é incentivado a expressar seus anseios e aspirações, contribuindo para a definição de metas e objetivos que reflitam

verdadeiramente as necessidades e aspirações do coletivo. Isso promove um senso de pertencimento e engajamento, pois os participantes se sentem investidos no processo de criação e transformação. Passam a reconhecer suas autorias em resultados e em caminhos a serem percorridos, inclusive, especificando suas contribuições. Bem como, se tornam figuras de agenciamento de saberes e práticas, deliberando com propriedade funções e atribuições aos demais, o que visibiliza os desejos aliados as escolhas.

Por fim, as hierarquias tradicionais são desafiadas e substituídas por uma estrutura mais horizontal. Com uma inversão de autoridades, o poder e a influência são distribuídos de forma mais equitativa entre os participantes, diminuindo as barreiras de acesso e promovendo uma cultura de inclusão e justiça social.

Em resumo, uma inversão de autoridades em uma clínica-ativista-decolonial não apenas transforma as dinâmicas organizacionais, mas também cria um espaço de resistência e empoderamento onde a responsabilidade coletiva, a autonomia, os desejos individuais, a colaboração e a solidariedade são valorizados e cultivados. Essa abordagem desafia as normas estabelecidas, reconduz as dinâmicas de poder e promove uma prática mais inclusiva e transformadora, alinhada aos princípios fundamentais da decolonialidade.

5.3. Sobre os corpos e suas particularidades: as urgências e prioridades são diferentes

Corpo-tela em cenas sociais: com as diferenças os corpos que participaram desta experimentação ativista apresentam variáveis referencias, quereres, necessidades, dadas por meio de suas construções sociais e modos de subjetivar. Ora, o cabelo, ora a melhor roupa, ora os risos... Efetiva outras lógicas de prioridades e urgências.

O corpo apresenta multiplicidades de formas, de sentidos/significação, de interesses e por consequência variações de urgências e prioridades. As variações de construções socioculturais e modos de subjetivações, se alargam na contemporaneidade, a depender das articulações fomentadas. As produções clínicas e o ativismo, podem ser estes modos e manejos de produzir e compreender que as urgências são variáveis, e as

multiplicidades idiossincráticas. As diferenças não devem ser homogeneizadas e massificadas na diversidade, devendo ser reconhecidas na sua pluralidade em multiplicação. Neste contexto, assumir as importâncias dadas em suas singularidades, como: *organização dos cabelos* em momentos previamente avisados para outras funções; ou, fabricar roupas sendo que nitidamente a de quem fez, apresenta melhores recortes, acabamentos e feitura, do que dos demais integrantes; ou, ainda as risadas que ocorriam em inúmeros momentos sem o intuito de sinalizar a comicidade e/ ou desconforto. O gargalhar era sobre outra coisa, outras sensações, que aderiam as necessidades deste corpo em estar presente. Houve urgência do corpo sorrir, isto é, gargalhar, daquilo que hegemonicamente apresentaria outros códigos emocionais. Gerir urgências e compreender seus efeitos, fez parte em compreender a realidade a ser empreendida e as suas modulações de forças.

Inclusive, a associação das várias formas de humor ao ativismo é uma abordagem interessante e poderosa, pois o humor pode ser uma ferramenta eficaz para desafiar e subverter estruturas de poder e opressão, a partir de suas variedades de ânimos. Nesse contexto, houve o desejo de construção de uma cena para o espetáculo *A tribo*, mencionado nesta pesquisa, que circundava “o envenenamento do público”, com a ideia de uma poção que causaria uma grande diarreia nas pessoas que ali estavam, e estes seriam visibilizados como opressores, é um exemplo de como o humor com manifestação cômica e suas inúmeras outras formas de se manifestar, podem ser utilizados para transmitir uma mensagem política ou social de forma impactante e memorável.

Ao transformar a opressão em uma situação com humor cômico é relembrar que a comicidade é um emaranhado complexo com variáveis modos de manejos, que desta maneira a cena não apenas quebra a seriedade e o poder dos opressores, mas também convida o público a refletir sobre questões mais profundas relacionadas à justiça social, equidade e resistência. O uso da comicidade neste contexto pode ajudar a desarmar as defesas emocionais das pessoas e abrir espaço para uma reflexão mais crítica e inclusiva. Além disso, ao oferecer simbolicamente essa “cura-envenenamento” para o público, a cena também pode criar um senso de solidariedade e empoderamento, mostrando que a resistência pode ser divertida e libertadora ao mesmo tempo. Portanto, a interseção entre as variações de humor e ativismo podem gerar formas criativas, emocionais e eficazes de engajamento político e social, estimulando a reflexão e a ação transformadora de uma maneira acessível e cativante.

5.4. Experimentação ativista, as tensões de se estar sendo compreendidos e outras configurações de poder

Corpo-tela em cenas sociais: Inúmeras vezes a tensão *seremos compreendidos*, foi sinalizada (com palavras, com gestos, com expressões) na experimentação ativista mediante os argumentos, as expressões, as estéticas e poéticas escolhidas, esta tensão atravessada pelo medo, fazia-se presente principalmente pelas pessoas atípicas.

O grupo em suas diferenças, perseguiu intensamente o desejo de ser compreendido. Desejo que segue uma mágica una, e por consequente uma ética universal, contraria a multiplicação de visões de mundo, estéticas e éticas plurais. Constantemente me era questionado, através de falas e expressões como: “*será que entenderam?*”; “*gostaria muito de ser compreendido!*”; “*será que se fizermos assim, nos compreenderam?*”, dentre outras. Estes questionamentos geravam inúmeros tensionamentos sobre como se comunicar e serem compreendidas e compreendidos a partir de suas formas de produção de sentido uno. Um eterno retorno das diferenças a identidade, a Outridade buscando se adequar a normatividade. Busca que é instrumentalizada e orquestrada pela própria norma.

A normatividade posta pela hegemonia promulga a busca por compreensão perpassando não a ausência de órgãos e sensorialidades capazes de compreenderem as diferenças, porém, de uma construção de mundo que negligencia, não escutando e os tornando-os ininteligíveis. As compreensões das diferenças estão colocadas em sujeição ao jogo de lógicas normativas, ditas racionais. Quem e o que, a partir de uma lógica excludente, opressora e dominante, seria considerado entendível. E o oposto seria considerado desde uma intenção de modelagem e controle, a serviço da apropriação e normalização. Conhecimentos, imagens, comunicações que não atendiam aos domínios dos colonizadores era desconsiderada, de menor valia, atrasada, primitiva... Outro aspecto que se desdobra e que atravessa um espectro cheio de matizes e gradientes, de aceitação e passibilidades (interacionais, cognitivas, afetivas e sociais), em que algumas diferenças passaram menos despercebidas e outras não. O reconhecimento deste fenômeno diz respeito ao entendimento daqueles, daquelas e daqueles que conseguem se

pulverizar em certo nível aos diagramas de capturas. Com a apresentação não foi possível avaliar se sentiram compreendidos, porém, é nítido a percepção sensível de uma estética agradável e da produção de afetos positivos.

5.5. Vocês planejaram para dar errado? O mundo normativo planeja para que eu, um diferente, seja o erro!

Corpo-telas em cenas sociais: Uma pessoa atípica se prepara, produz uma cena para o palco do teatro ao qual ao fundo devesse projetar se uma produção videográfica com sua poesia. Em todos os ensaios a projeção ocorreu de modo certo. Porém, na experimentação oficial não se conseguiu exibi-la por inteiro, assim falhando. A reação foi extrema indignação, representadas em falas, expressões corporais, movimentações.

A noção de experimentação estabelece aliança com a multiplicação de modos de fazer. A experimentação diz respeito a diversidade de tentativas e de formas, que não se encerram e alargam alternativas. Porém, a formação na matriz colonizadora cria como efeito o certo e o errado, segregações rígidas, fracionamentos... Com este contexto, é negado o erro, o deslocando por vezes ao inaceitável. E parece que o erro, cometido pelo corpo visto como errado, assume proporção maior, a nível catastrófico. Por isso, não é permitido, é inaceitável o erro de todos aqueles e todas aquelas que marcam as Outridades! É inaceitável que os outros errem assim como é inaceitável que nos erremos. E esta lógica assombrará até mesmo produções que seguem outras lógicas, como a da experimentação. E que mesmo que autorize um processo em que não há certo e/ou errado, e valorize somente a multiplicação de oportunidades, o medo do errado e o sentimento de fracasso, permanecerá.

Na experimentação ativista uma pessoa atípica ao perceber que sua produção visual apresentou um defeito, vive e rememora sensações de fracasso e erro, gerando efeitos de frustração, constrangimento, decepção, culpabilização/responsabilização e indignação... O erro, é uma exposição que não havia previamente planejado e o resultado gera, todo este misto de sensações. Inclusive, com a dúvida recorrente se ao ser visualizado do modo *errado*, se as pessoas o teriam compreendido, retornando ao tópico anterior. Há também de modo surpreendente, uma sensação de que aquelas pessoas que o

havia auxiliado em sua produção, haviam planejado o erro. Ou seja, a atribuição de uma intencionalidade em lhe fazer errar e assim o expor como fracassado. E em algum nível, esta desconfiança com os típicos, estes que se enquadram aos padrões da normalização, se faz coerente. Normalização que se coloca como regra a ser seguida e guia de conduta. Somos nós típicos que nos apropriamos de uma matriz excludente e a colocamos como norma, que elaboramos um projeto de requintado para fazer com que os diferentes se sintam errados.

A normalização e normatização têm o objetivo de homogeneizar as diferenças, criando uma falsa sensação de igualdade ao colocar todas as experiências sob uma mesma régua. Essa tentativa de homogeneização é uma forma de exercer controle e poder sobre as Outridades, isto é, as diferenças que escapam às normas estabelecidas.

Quando as normas dominantes tentam impor uma única maneira de ser, as Outridades são frequentemente vistas como desvios, ameaças ou erros a serem controlados e corrigidos. Isso pode levar à desconfiança e à sensação de conspiração por parte daqueles que vivenciam essas experiências marginalizadas, como no caso do experimentador artista mencionado. Essa desconfiança se manifesta na percepção de que há uma conspiração para desmoralizar e controlar as Outridades, o que pode levar à reprodução e manutenção do poder normativo por parte daqueles que detêm o controle sobre as normas estabelecidas. É importante destacar, como as estruturas de poder operam para manter e reforçar as normas estabelecidas, mesmo que isso signifique suprimir e marginalizar as vozes, corpos e experiências divergentes.

5.6. Experimentação artista, produção de imaginários e impossibilidades impensadas, até então: se há oportunidade, é possível inventar!

Corpo-telas em cenas sociais: Há diversos corpos sentados, é solicitado que fechem os olhos, uma música é colocada, produzida por uma pessoa atípica. Peço com que a partir daquele som se permitam criar imagens, ações... Visualizam-se posteriormente ao questionar “Uma toupeira correndo rapidamente, escorregando e caindo (muitos risos)”, conflitos entre seres diferentes.

Corpo-telas em cenas sociais: todos sentados, é projetado imagens aleatórias, e questionado o que a partir delas podemos trazer para expressão de nossos corpos.

A diferença de corpos, com suas variações de sexo, gêneros, cores, geografias, classe econômicas, desejos, visão profissional e educacional, assumem variações e intersecções de marcadores sociais. Desta maneira, constituindo uma trajetória pessoal que deriva a uma assinatura de/no mundo subjetiva. Assim, a forma de captação de sons e imagens, ao adentrarem aos corpos são afetados e significados por estes marcadores, o que por outra via produz outras vias de significações e imaginários. O modo de sentir o mundo são diferentes, e neste contexto por meio dos saberes-práticas aqui empreendidos da cartografia, experimentação ativista e clínica decolonial, fomentam e legitimam a multiplicação destas referências, cruzamentos de códigos, narrativas... gerando surpresa à aqueles/aquelas que acompanham. As manifestações verbais e manifestações diversas de expressão, formulam e configuram alternativas variáveis de imagens, imagens em movimento e ações. Que inventam outras ficções de mundo. E são estas ficções que oferecem outros modos de subjetivação plasmadas em realidades sociais, que se alargam, torcem, fustigam e multiplicam as materialidades de imaginários e produções de sentidos.

Corpos-telas em cenas sociais: É sobre os quereres e suas possibilidades de realização. Uma pessoa atípica sinaliza quem a carregará em uma cena.

Corpos-telas em cenas sociais: Outra pessoa atípica após a cena, continua e menciona que queria ver pessoas específicas superiores profissionalmente em cargos visibilizados por ele, subordinadas ao mesmo, em cargos que apresentam menor visibilidade, a saber, a bilheteria e os serviços de limpeza.

É interessante perceber, que a partir das alternativas de configuração de forças, como emergem oportunidades em deslocar autoridades, e constituir outras possibilidades de subalternização na invenção de imaginários, o que demarca assimetrias, inferiorização, domínio e dependências. É certo, que se foi oportunizada possibilidades de reorganização dos papéis sociais, esta oportunidade será utilizada. O que talvez esteja em jogo, seja o se dar conta e/ou bancar a ocupação destas outras oportunidades de se estar no mundo e

mediante aos conflitos ocasionados, as responsabilidades, saber dos códigos destes outros lugares e até mesmo criar contextos para gerar outros códigos de conduta. As alternativas elencadas de ocupação oferecem pistas das relações-tensões vivenciadas e dizem respeito até as habilidades de comunicação, isto é, como será comunicado os desejos e as outras rotas de movimento. As relações-tensões vivenciadas afetarão, portanto, se a comunicação é imperativa, sendo fixa, ou, se será uma negociação, logo podendo ser dialogada. Estas novas configurações autorizam a visibilizar as parcerias, as inimizades, os desacordos, as opressões, os afetos constituídos e a se constituir. Experimentar situação como esta, amplia desejos e visibiliza como possibilidade aquilo, que estava na dimensão do impossível, como percebido nas seguintes falas dos participantes: Álvaro *“Um dos dias da minha vida que eu mais fiquei feliz, foi muito gratificante. Nunca mais vou esquecer!”*; ou, Vinicius Marques *“...Só sou o que sou, por causa das pessoas que acreditaram em mim. Muito obrigada pelas oportunidades!”*; ou Camila *“...muito emocionante foi ontem apresentar com todo mundo, todo mundo arrasou... todo mundo que se dedicou, por todos os ensaios, que valeram por nosso esforço e dedicação foi para poder realizar com esse evento tão maravilhoso. simplesmente amei!...”*; ou, Mayara *“minha família ficou muito orgulhosa... ficou tudo tão lindo e eu na verdade até agora tô muito emocionada eh os olhos, parece que eu tô dormindo e tô sonhando, e ainda não acordei. Então assim, eu tô muito feliz!”*. Aquilo que é impossível, se vivenciado, desloca a possibilidade material e concreta, produzindo e permitindo outros modos de subjetivação e constituição de realidades sociais, como visibilizadas nestas expressões e falas. Sendo que não encontramos nenhum relato de experiências negativas e/ou degradáveis.

Nessas expressões e falas, também encontramos a manifestação de sentimentos intensos e significativos que ressoam com uma perspectiva clínica-artivista-decolonial. Perspectiva que deixa nítida que a felicidade não é apenas um estado emocional individual, mas também uma produção às interações sociais e às oportunidades que são oferecidas. Bem como, o reconhecimento da gratidão expressa aqui a importância das circunstâncias que levaram à felicidade, mas também destaca a conexão com outros indivíduos que contribuíram para esse momento de alegria, enfatizando a importância do apoio social e as contribuições de outros para o desenvolvimento pessoal.

Ressalta também, a interdependência entre os indivíduos e a necessidade de reconhecer e valorizar as relações de apoio e solidariedade que sustentam o crescimento pessoal e coletivo. Destaca-se também o trabalho em equipe, o esforço coletivo e o

orgulho compartilhado de um projeto bem-sucedido. Aqui, a ênfase é colocada na colaboração e na celebração das conquistas alcançadas através do esforço conjunto. Na perspectiva clínica-artivista-decolonial, isso reflete a valorização da participação coletiva e do empoderamento mútuo na busca por objetivos comuns.

Por fim, nestas expressões também observamos a emoção profunda e a sensação de pertencimento que surge do reconhecimento e apoio da família, visibilizando o reconhecimento e fortalecimento dos sistemas de apoio social e emocional como parte integrante do processo de cura e empoderamento. Em resumo, essas falas ilustram como uma perspectiva clínica-artivista-decolonial amplia nossa compreensão das experiências humanas, ao reconhecer a interdependência, promover a solidariedade e valorizar as vozes e experiências marginalizadas. Ao considerar o contexto social, político e histórico em que essas expressões ocorrem, podemos compreender melhor não apenas as emoções individuais, mas também as dinâmicas de poder e as possibilidades de transformação social e pessoal.

5.7. Como mobilizar as diferenças em prol de encontros, escutas e diálogos: tentativas de experimentações

Corpos-telas em cenas sociais: Inúmeras vezes, durante a produção artivista, observei e refleti como, estabelecer compreensões e escutas, entre as diferenças, entre corpos com narrativas lineares, outras simultâneas, inconclusas e não verbais.

A colonização e suas ramificações contemporâneas fragmentam e separam conhecimentos, práticas e corpos, criando dicotomias e hierarquias que permeiam nossa sociedade. Nesse contexto, estabelecer diálogos e relações entre as hegemonias e as Outridades torna-se um desafio, pois implica em reconhecer e enfrentar as territorialidades e poéticas dos conflitos e discordâncias.

Estabelecer relações verdadeiras significa ressignificar o medo, a ameaça e o terror que muitas vezes estão presentes nessas interações. É um convite para inventar novas possibilidades de convivência e entendimento, sem ignorar as estruturas de poder que moldaram nossas percepções e relações até agora.

A diversidade de experiências e pontos de vista é não apenas fascinante na construção do mundo, mas também traz consigo desafios, como a necessidade de escuta verdadeira, compreensão mútua e desconstrução das hierarquias e opressões que permeiam nossa sociedade.

Para avançar nesse sentido, é crucial considerar a coletividade, a solidariedade e o respeito como fundamentos para a compreensão das diferenças. Isso implica em tornar as significações acessíveis, descentralizando a comunicação e valorizando todas as formas de expressão, sem privilegiar uma sobre as outras.

A abertura para múltiplos entendimentos e a humildade em reconhecer a multiplicidade de perspectivas são essenciais para criar espaços de encontro e compreensão genuína. Em última instância, quanto mais diversidade de formas de expressão comunicacionais existirem, mais oportunidades de encontro e conexão serão possíveis.

5.8. Quando as diferenças atribuem estética, como podem se sentir os normativos?

Corpos-telas em cenas sociais: Uma pessoa típica, se estranha ao ser travestida por outrens, isto é, por outras pessoas atípicas, assim, *usaram mais tinta em mim*, serei visibilizada não por mim, mas, por uma estética criada pelos diferentes, a Outridade, eu que sou tão igual (padrão). No palco, se esquiva, busca ficar em posições que fosse pouco vista, mais em perfil, ao lado, ao fundo, pouco almeja ser protagonista na cena das diferenças.

Nesta cena social, percebe-se como a colonialidade do ser não apenas coloniza o corpo, mas também influencia as estéticas, determinando o que é considerado aceitável e o que é deslocado para o inaceitável. Essa dinâmica gera um espectro que vai desde o que é próximo à normatividade e, portanto, mais socialmente aceitável, até o que está distante, sendo associado às Outridades e, conseqüentemente, sujeito a apagamentos e invisibilidades.

Quando algo é considerado inaceitável dentro dessa lógica, são frequentemente implementadas táticas de tolerância, que na verdade servem como mecanismos de coerção, correção, apagamento e invisibilização das estéticas e corpos considerados "fora

da norma". A tolerância, nesse sentido, não implica necessariamente em aceitação, reconhecimento ou respeito verdadeiros, mas sim em uma falsa sensação de acolhimento que mascara a manutenção das hierarquias de poder e identidade.

Diante disso, surge a questão: quais imagens são suportadas apesar do desgosto e da decepção? Geralmente, são aquelas que se encaixam nas exigências da normatividade imposta pelo regime do visível, que é produzido em uma matriz colonizadora e excludente.

Esse regime do visível gera poéticas de relação marcadas pelo conflito e tensionamento entre a hegemonia e as Outridades. No território desse conflito, há um constante medo de perder o poder e a identidade dominante, o que se manifesta em ameaças e intrigas que permeiam as relações sociais e estéticas.

Considerações finais...

A cartografia possibilita compreender que todas as entradas investigativas são possíveis, desde que as saídas sejam múltiplas, se orientadas em prol da vida e da mutabilidade. Sua atuação é prática e política, tendo a ver com o poder em suas técnicas de subjetivação. Se está em jogo a multiplicação de modos de subjetivação, por consequência também estão em jogo a pluralização de éticas (Rolnik, 2016), somando a multiplicação de estéticas.

A combinação da cartografia com a análise de implicações e o entendimento das interseccionalidades oferece uma abordagem poderosa para compreender as especificidades dos corpos e sua relação com os variados marcadores sociais. Pois, a cartografia, nesse contexto, refere-se a um mapeamento dinâmico e contínuo das experiências individuais e coletivas, levando em consideração não apenas as características físicas dos corpos, mas também as dimensões sociais, culturais e históricas que os constituem. Ao incorporar a análise de implicações, a abordagem reconhece a complexidade das relações de poder e as formas como elas afetam diferentes grupos de pessoas de maneiras distintas. Isso inclui o entendimento das interseccionalidades, ou seja, como diferentes sistemas de opressão (como raça, gênero, classe, sexualidade, entre outros) se sobrepõem e se entrelaçam, influenciando as experiências individuais e as estruturas sociais mais amplas.

Ao investigar as interseccionalidades e as implicações dessas dinâmicas, a abordagem cartográfica permite uma compreensão mais profunda da constituição socio-histórica-cultural dos corpos e das produções de sociabilidades. Ela reconhece que as identidades e as experiências individuais são moldadas por uma série de fatores contextuais e históricos, que intervêm nas interações sociais e na construção de relações de poder. Além disso, ao assumir as derivações e os impactos do domínio, da opressão e das assimetrias políticas, epistêmicas e estéticas, a abordagem cartográfica também confronta as desumanizações e as violências sistêmicas que afetam grupos marginalizados. Ela busca dar voz e visibilidade às experiências e perspectivas desses grupos, promovendo uma prática mais ética, sensível e empática. Em suma, a cartografia aliada à análise de implicações e ao entendimento das interseccionalidades oferece uma ferramenta poderosa para investigar e abordar as complexidades das experiências humanas e das relações de poder, contribuindo para uma compreensão mais profunda e

uma prática mais justa e inclusiva. Bem como, destaca a importância de reconhecer e valorizar esses múltiplos marcadores, como: as sexualidades, expressões de gênero, etnias/raças, deficiências/neurodivergências e etariedades, que se entrelaçam. Em que podemos desenvolver uma compreensão mais profunda e diversa das escolhas, modos de estar no mundo, aspectos estéticos e desejos dos indivíduos. Essa compreensão é essencial para a construção de narrativas e representações singulares, especialmente no contexto de *storyboards crips*, que refletem as ricas e variadas experiências de vida das pessoas com deficiências.

A interseccionalidade, quando aliada à cartografia e à análise de implicações, enriquece e qualifica a perspectiva do cartógrafo-pesquisador. Esse enfoque proporciona mais elementos para o manejo e orienta o profissional a adotar uma postura personalizada, com ênfase no cliente, nos marcadores sociais e no contexto. Simultaneamente, coloca em movimento e em jogo os processos de todos os envolvidos na cartografia das forças.

Esse processo orienta a atenção para o reconhecimento de privilégios, passabilidades, pactos, permissões/autorizações, legitimações e relações-conflitos de poder, temas recorrentes em discriminações e preconceitos. Além disso, acompanha os efeitos da estrutura socio-histórica-econômica-política que se manifestam, produzindo impactos que se inscrevem nos corpos através dos marcadores das diferenças.

Esta pesquisa possibilita ainda pensar o processo de constituição da estética ao longo das experimentações e como aspectos das diferenças vão sendo dispostos. Ela oferece uma perspectiva crítica sobre como a hierarquização da atipia influencia e redireciona as escolhas estéticas, especialmente na organização de cenas que consideram uma abordagem clínica-artivista-decolonial. Ao explorar a interseccionalidade, a cartografia e a análise de implicações, podemos observar como diferentes marcadores sociais (como raça, gênero, classe e sexualidade) interagem e se manifestam na estética e na criação artística. Essa abordagem permite identificar e questionar as normas e padrões estabelecidos, promovendo uma estética que valoriza a diversidade e a pluralidade de experiências. O que promove uma compreensão mais profunda e crítica das dinâmicas sociais e dos contextos específicos, permitindo ao cartógrafo-pesquisador desenvolver estratégias mais eficazes e inclusivas em seu trabalho. Ela reforça a necessidade de uma análise contínua e reflexiva sobre as próprias práticas e as implicações delas, visando uma atuação ética e transformadora.

A cartografia, portanto, está alinhada com perspectivas que se mobilizam a partir das multiplicações, pluralizações e diferenças. Estas que são contrárias aos modelos

rígidos e positivistas que propagam uma ética universal. A cartografia enquanto posicionamento de pesquisa-intervenção, possibilita e acredita em processos e movimentos. Bem como, é favorável a implicação e transversalização dos saberes-práticas, fomentando questionamentos as posturas puristas arraigadas em um modelo modernizante, com base em produção sociocultural-política colonialista. O colonialismo e seus efeitos desnudem, desmatam, esfacelam, reduzem, separam, e ambigualmente, produzem. Sim, produzem mortes! Um mundo parido e forjado pela colonização que se articula as desigualdades, opressões e as injustiças sociais. Pare e forja instituições, saberes-práticas, na intenção de se legitimar, fazer presente e manter-se. Em atualização sobre e através de permanências, manutenções e reproduções.

É nesse espaço-tempo e nesta matriz colonizadora, que se atraca a Psicologia. Psicologia que também serve, importa e produz colonizações. Todavia, esta psicologia se multiplica e pluraliza, com alternativas. E é sobre estas alternativas que tensionam, disputam e enfrentam, as identidades predatórias, o capitalismo com sua fome compulsiva, os epistemicídios, as necropolíticas, os altericídios, as lógicas do curral, os preconceitos, as discriminações, as catástrofes ambientais que efetivam crises na saúde pública, desigualdades sociais, ecossistêmicas, apagamento das culturas dos povos originários...todos estes fenômenos sob a égide do diagrama de captura e domínio.

A abordagem proposta nesta pesquisa redireciona a psicologia, para que esteja atenta aos procedimentos da decolonialidade e se alie ao ativismo, sendo uma resposta necessária aos desafios impostos pela sociedade colonizada e pela produção de traumas e injustiças sociais. Essa abordagem reconhece a importância de se confrontar e resistir aos sistemas de opressão, e busque ativamente formas de transformação e enfrentamento através da prática clínica, na condução e manejo das diferenças.

Ao estabelecer uma aliança com o ativismo, a psicologia amplia seu escopo de atuação e compreensão, reconhecendo que as manifestações artísticas e as linguagens expressivas são fundamentais para dar voz às experiências marginalizadas e promover a conscientização e a transformação social. Essa articulação moldável e diversificada permite que a psicologia se adapte às necessidades e interesses variados das comunidades e indivíduos com os quais trabalha, fornecendo ferramentas poderosas para enfrentar e combater as injustiças. A criatividade na formulação e inventar nomeações é uma parte essencial desse processo, pois permite que novos conceitos e práticas sejam desenvolvidos para responder às demandas emergentes da sociedade. Essas nomeações e junções epistemológicas, filosóficas e estéticas são dispositivos poderosos que podem ser

utilizados na clínica psicológica para desafiar as estruturas dominantes, promover a resiliência e a cura, e construir novas narrativas de resistência e empoderamento.

Esta abordagem propõe para a psicologia, integrada a decolonialidade e o ativismo, uma resposta corajosa e inovadora aos desafios contemporâneos. Ao reconhecer a interconexão entre os aspectos individuais e sociais da experiência humana, e ao adotar uma abordagem flexível e criativa, apresentando o potencial de promover uma mudança significativa e duradoura na prática clínica e na sociedade como um todo.

A invenção da noção *corpo-tela em cenas sociais*, aqui se coloca à disposição de uma articulação entre experimentações artistas, clínica psicológica, decolonialidade, como aproximações e distanciamento de noções e práticas, que se fizeram pertinentes ao longo e ajuste desta pesquisa. Reverenciar *corpo-telas em cenas sociais*, é oferecer pistas de corpos com suas profundidades, som, cores, formas, e se mobilizam nas intensidades das situações, que não necessariamente existe uma regularidade e repetição das ações, porém, ao acompanhar tais situações cartografadas, saltam como significativas, passíveis de análise. Estas corpos-telas em cenas sociais, dizem respeito aos perfilamentos da colonização, suas atualizações e a produção de traumas, que alastra dicotomias, distâncias, separações, prejuízos na compreensão, promovendo imaginários que minam a autoestima, a confiança, a segurança, dentre outros prejuízos psíquico-políticos. Tudo isso a favor da produção de fragmentação, inimizade e das mortificações, daqueles, daquelas e daqueles que são alocados com terror, violência, ameaças e visibilizados como perigosos, a hegemonia.

Esta pesquisa produziu *storyboards crips* do espetáculo e das curtas cenas, feito pelos participantes da experimentação artista, ressaltando na sua produção e formulação de uma estética coletiva inscrita a partir das diferenças dos participantes, ressaltadas também em fotografias. Bem como, esta pesquisa propiciou acompanhar nos *corpo-telas que se movem nas cenas sociais* 8 (oito) sinalizações de intensidades cartografadas de uma abordagem complexa e multifacetada sobre as dinâmicas do poder, a expressão artística e a busca por inclusão e diversidade.

Primeiro, no contexto da (1)*construção, distribuição e reconfigurações do poder*, a discussão se expande além das estruturas políticas convencionais, destacando o papel da arte como uma ferramenta de contestação e transformação social. O conceito de "ativismo" surge como uma expressão desse fenômeno, sublinhando a capacidade da arte de desafiar normas e promover mudanças significativas.

Depois, ao explorar as (2) *mobilizações entre autoridade e submissão*, emerge uma reflexão sobre a complexidade das relações de poder dentro de grupos que buscam desafiar hierarquias e responsabilidades estabelecidas. A proposta de inversão de autoridades levanta questões profundas sobre como o poder é exercido e contestado em diferentes contextos sociais e culturais, enquanto a discussão sobre responsabilidade destaca a importância de considerar as consequências das ações individuais e coletivas nesse processo.

A inversão de autoridades em uma clínica-artivista-decolonial desafia as estruturas tradicionais de poder, visando promover uma abordagem horizontal e colaborativa. Isso significa que os participantes têm responsabilidades equitativas e são encorajados a expressar suas ideias, em um ambiente de diálogo e respeito mútuo. Os desejos individuais ganham destaque, contribuindo para metas e objetivos que refletem as aspirações do coletivo. Hierarquias são substituídas por uma distribuição mais equitativa de poder, promovendo uma cultura de inclusão e justiça social. Em resumo, essa abordagem transformadora não só redefine as dinâmicas organizacionais, mas também cria um espaço de resistência e empoderamento, fundamentado nos princípios da decolonialidade.

A necessidade de reconhecer e respeitar a diversidade de corpos e suas necessidades específicas é enfatizada na discussão sobre (3) *as particularidades dos corpos e suas urgências*. Esta reflexão amplia o diálogo sobre inclusão e acessibilidade em diferentes esferas da sociedade, destacando a importância de reconhecer e atender às necessidades variadas de grupos marginalizados.

A análise das (4) *tensões* enfrentadas por aqueles que buscam se expressar de maneiras alternativas revela os desafios de desafiar normas sociais estabelecidas. A busca por compreensão e reconhecimento ilustra as dificuldades enfrentadas por indivíduos e grupos que buscam promover a diversidade e a inclusão, destacando a necessidade de criar espaços para o diálogo e a expressão livre.

O (5) *medo do fracasso e a necessidade de enfrentar as expectativas sociais e culturais*, são discutidos no contexto do planejamento para o fracasso. Esta reflexão destaca a importância de reconhecer e enfrentar os desafios e obstáculos que surgem ao desafiar as normas estabelecidas, abrindo caminho para a inovação e a criação de novas possibilidades. Nesta perspectiva, é pluralizado a noção do se será considerado o erro, bem como, se dá a construção a partir de um viés excludente.

A ênfase na (6) *produção de imaginários e na abertura de novos caminhos* revela o potencial transformador da arte como uma ferramenta para imaginar e criar um mundo mais inclusivo e diversificado. A discussão sobre (7) *estratégias para promover o diálogo e a compreensão* entre diferentes grupos sociais destaca a importância da coletividade, solidariedade e respeito mútuo na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Por fim, a reflexão sobre (8) *a relação entre diferença e estética* levanta questões profundas sobre as normas sociais e sua influência na percepção estética. Esta análise destaca a importância de reconhecer e valorizar a diversidade de experiências e perspectivas, promovendo uma maior compreensão e aceitação da pluralidade humana.

Estas 8 sinalizações contribuem para o desenvolvimento de uma pesquisa que explore uma Psicologia alternativa em aliança com a decolonialidade e o ativismo é crucial e relevante para o avanço da prática clínica e para a transformação social. Esta abordagem reconhece que o *setting* clínico não pode ser entendido como separado do mundo, mas sim como parte integrante da complexa realidade social em que vivemos. A clínica psicológica, ao se envolver com as tensões sociais, se compromete em repensar e redesenhar a poética das relações, a partir do reconhecimento do conflito como uma força motriz para multiplicar outros modos e mundos de existência e interação. Ao se aliar à decolonialidade e ao ativismo, a Psicologia alternativa adota uma postura ativa e engajada na luta contra as estruturas de poder opressivas e na promoção da diversidade, da justiça social, do acolhimento das diferenças e desconstrução do cânone opressor.

No cerne da clínica-artivista-decolonial e da desconstrução do cânone, reside um compromisso fundamental: multiplicar os imaginários e as estéticas de subjetivações. Este compromisso não é apenas uma questão de ampliar perspectivas, mas sim de reconhecer e celebrar a diversidade intrínseca às experiências humanas, muitas vezes negligenciadas ou suprimidas pela visão dominante do mundo. Ao propor a multiplicação de imaginários, a clínica-artivista-decolonial desafia a hegemonia de um único ponto de vista, desvelando as múltiplas formas de ser e estar no mundo. Isso implica em desaprender as narrativas unilaterais e monoculturais impostas pelo cânone colonial e abrir espaço para uma gama mais ampla de experiências, conhecimentos e expressões culturais. É um convite para explorar e valorizar as complexidades da existência humana, reconhecendo que não existe uma única verdade ou uma única maneira correta de viver.

A ampliação das narrativas e dos espaços de expressão é uma resposta direta à exclusão sistemática daqueles que não se encaixam nos moldes estreitos do cânone. Na clínica-artivista-decolonial, cada voz é uma peça essencial do mosaico humano, e cada

experiência tem valor e significado próprios. Isso significa criar um ambiente onde todas as vozes possam ser ouvidas e respeitadas, independentemente de sua origem, identidade ou história. É uma afirmação do direito de cada indivíduo de se expressar livremente e de ser reconhecido em sua plenitude.

A valorização e o respeito pelas diferentes vozes e experiências são a base sobre a qual a clínica-artivista-decolonial constrói sua prática. Reconhecer a importância de cada história, cada perspectiva, cada forma de conhecimento é um ato de justiça e solidariedade. É reconhecer que o conhecimento não é monolítico, mas sim diverso e multifacetado, refletindo as complexidades da vida humana em toda a sua riqueza e diversidade. Portanto, ao multiplicar imaginários e estéticas de subjetivações, a clínica-artivista-decolonial não apenas desafia o cânone colonial, mas também lança as bases para uma nova forma de pensar e agir no mundo. É um convite para explorar as fronteiras do conhecimento, abraçar a diversidade e celebrar a beleza da multiplicidade humana. É uma jornada de autoconhecimento, empatia e transformação, que nos convida a repensar quem somos, de onde viemos e para onde estamos indo.

Essa abordagem não apenas desafia as normas e os padrões dominantes da prática clínica tradicional, mas também busca criar outros modelos e práticas que reflitam uma compreensão mais ampla e inclusiva da condição humana. Ao se abrir para a complexidade e a diversidade das experiências individuais e coletivas, a Psicologia alternativa se posiciona como uma ferramenta poderosa para a transformação social e para a promoção do bem-estar e da dignidade de todos os seres humanos.

Essa pesquisa é fundamental para o reconhecimento da Psicologia como um campo em constante expansão, capaz de produzir e intervir em diversas realidades concretas, sociais e subjetivas. Ela destaca a importância das alianças estabelecidas entre a Psicologia, a decolonialidade e o ativismo, que não apenas geram novas posturas e posicionamentos, mas também fortalecem a produção de reflexividades capazes de desestabilizar a rigidez e as fixações impostas pelo domínio e pela captura colonial. Como também, critica as psicologias que compactuam com a colonização, questionando a falta de produções que abordem os efeitos advindos desse contexto. Nesse sentido, ela se posiciona como uma alternativa de munção para o enfrentamento desse contexto, ao destacar a importância de se reconhecer e lidar com os impactos coloniais na prática profissional da psicologia.

Ao trazer à tona essas questões e promover uma abordagem crítica e reflexiva, a pesquisa contribui para a construção de uma Psicologia mais engajada, sensível e ética,

capaz de enfrentar os desafios impostos pelo legado colonial e de promover uma prática mais inclusiva e emancipatória. Ela oferece uma oportunidade para os profissionais da psicologia se posicionarem de forma mais consciente e comprometida com a transformação social e a promoção da justiça e dos direitos humanos.

A clínica-artivista-decolonial é uma abordagem interdisciplinar e transformadora que combina elementos da prática clínica, ativismo social e decolonialidade. Ela surge da necessidade de reconhecer e combater as injustiças sociais, as estruturas de poder opressivas e as narrativas dominantes que perpetuam desigualdades. Essa abordagem busca não apenas tratar sintomas individuais, mas também entender e abordar as causas estruturais das questões de saúde e bem-estar. Ela reconhece a interseccionalidade das identidades e experiências das pessoas, levando em consideração fatores como raça, classe, gênero, sexualidade, entre outros.

A clínica-artivista-decolonial não tem um único inventor ou criador, pois é uma abordagem que surge da interseção de diversas disciplinas e movimentos sociais. Ela se baseia em princípios e práticas desenvolvidos ao longo do tempo por ativistas, profissionais de saúde, artistas e acadêmicos comprometidos com a justiça social, a decolonização e a saúde. Bem como, a vivência deste grupo e pesquisa, contribui com os processos atualização destas práticas.

Essa abordagem tem suas raízes em movimentos como o ativismo social, o feminismo, o movimento negro, os estudos decoloniais e a psicologia comunitária, entre outros. Surge da necessidade de criar alternativas às práticas clínicas tradicionais que muitas vezes reproduzem desigualdades e perpetuam estruturas de poder opressivas. Assim, a clínica-artivista-decolonial é mais um produto da colaboração e da convergência de diferentes perspectivas e experiências, do que uma invenção específica de uma única pessoa ou grupo. Ela continua a evoluir e se desenvolver através do trabalho coletivo de ativistas, profissionais de saúde e artistas comprometidos com a transformação social e a justiça.

A clínica-artivista-decolonial está comprometida com a potencialização das afetividades de pessoas e grupos historicamente marginalizados, buscando empoderar emocionalmente e socialmente esses grupos através de uma série de estratégias interconectadas. Dentre as táticas, a desconstrução das narrativas coloniais, que desumanizam e marginalizam diversos grupos, perpetuando estereótipos e invisibilizando suas histórias. Esta clínica se coloca como crítica para expor e desafiar essas representações opressivas. Além disso, incentiva a reapropriação da história, permitindo

que reconstituam narrativas de forma digna e empoderadora. Este processo é essencial para fortalecer tanto a identidade coletiva quanto a individual, restaurando a autoestima e a dignidade dos participantes, os deslocando da passividade a atividade como agentes.

Além disso, a ressignificação do corpo e da identidade se coloca como central na clínica-artivista-decolonial. O corpo é visto como um território de resistência contra as imposições coloniais. Práticas artísticas como dança, teatro e performance são utilizadas para explorar e afirmar a corporeidade e a identidade de maneira emancipatória. Além disso, a clínica promove a noção de identidade fluida e dinâmica, permitindo que os participantes explorem e afirmem suas múltiplas facetas identitárias. Esse processo é crucial para a desconstrução de estigmas e para a construção de uma autoimagem positiva e empoderada, bem como, reconhecimento da constituição de outros papéis sociais, dentre eles de sujeitos criativos, inventivos e criadores.

Esta pesquisa nesta ótica visou aprofundar a compreensão e a reflexão sobre o *storyboard crip*, abrangendo aspectos fundamentais da produção cênica, como a iluminação, a cenografia, a caracterização desdobrada na maquiagem e figurinos, bem como a sonoplastia. Ela utiliza uma abordagem clínica-artivista-decolonial para promover a reimaginação de produções artísticas que contêm outras narrativas, inventem novas realidades e tensionem ambientes cênicos de maneira contracolonial. Esse processo não apenas serve como um espaço de cura, mas também como uma fonte de resistência e enfrentamento.

Assim, esta pesquisa provoca-nos a pensar como a iluminação pode ser usada para realçar as nuances das performances *crip*, destacando expressões e movimentos que possam passar despercebidos em produções convencionais. A iluminação, portanto, não é apenas uma ferramenta técnica, mas um meio de dar visibilidade e valorizar as experiências e identidades daqueles e daquelas que participem de mediações com esta abordagem. Neste sentido, a cenografia é outro elemento central que a pesquisa aborda, considerando como os espaços podem ser desenhados para serem mais inclusivos e representativos das vivências *crip*. Isso inclui a adaptação de cenários para atender às necessidades específicas das pessoas com deficiências e outras diferenças que sejam pertinentes, além de criar ambientes que reflitam suas histórias e perspectivas únicas.

Na caracterização, que envolve maquiagem e figurinos, esta pesquisa se compromete a promover a criação de aparências que não apenas embelezam, mas que também têm significado e importância para os (as) participantes. A caracterização se

torna, assim, uma extensão da identidade, ajudando a contar suas histórias de maneira mais singular.

A sonoplastia também deve ser explorada como um elemento crucial para a construção de ambientes sonoros que complementam e enriquecem as performances *crip*. Sons, músicas e efeitos sonoros são escolhidos e desenhados para criar atmosferas que dialogam com as experiências dos participantes, contribuindo para uma narrativa mais imersiva e poderosa. Sendo assim, a iluminação, a maquiagem, figurinos, sonoridades e musicalidades, são temas e práticas a serem mais bem analisados, produzidos e desenvolvidos, coligados aos temas de uma clínica-artivista-decolonial em outras pesquisas e investigações.

A abordagem clínica-artivista-decolonial proposta por esta pesquisa sugere uma prática artística que não apenas se preocupa com a estética, mas também com a ética. Ela busca repensar e reformular imaginários, poéticas e éticas-estéticas, propondo narrativas que desafiam e tensionam as normas coloniais tradicionais. Essa prática reconhece o poder da arte como um meio de cura, mas também como uma arma de resistência e enfrentamento. Enfatizando a importância de criar espaços que simultaneamente funcionem como locais de cura e de resistência. Esses espaços são pensados para acolher as experiências e identidades dos participantes deste tipo de propostas, proporcionando um ambiente seguro onde eles possam expressar suas histórias e emoções. Ao mesmo tempo, esses espaços são projetados para desafiar e confrontar as narrativas hegemônicas, promovendo a resistência e o enfrentamento às opressões.

Esta pesquisa sobre o *storyboard crip* se propõe a oferecer uma profunda reflexão sobre os elementos fundamentais da produção cênica, propondo uma abordagem inclusiva e representativa que valoriza as experiências *crip*. Ao adotar uma perspectiva clínica-artivista-decolonial, a pesquisa promove a criação de novas narrativas, estéticas, poéticas e realidades, tensionando as ambiências cênicas de forma contracolonial. Assim, ela não só abre caminhos para a cura e o fortalecimento das identidades, mas também fornece as ferramentas necessárias para a resistência e o enfrentamento das opressões, visando a produção, valorização e multiplicação das diferenças. É certo, que a clínica-artivista-decolonial reconhece que a saúde individual e coletiva está intrinsecamente ligada à justiça social e à emancipação política, e busca promover a saúde e o bem-estar de todas as pessoas, especialmente daquelas que historicamente foram marginalizadas e oprimidas, caracterizadas dentro de um espectro daquilo que pode ser caracterizado como Outridades.

R eferências...

- Akotirene, C. (2019). *Cruzando o Atlântico em Memória da Interseccionalidade*. In: Akotirene, C. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, pp.: 18-55.
- Aladro-Vico, E.; Jivkova-Semova, D.; Bailey, O. (2018). Artivismo: Un nuevo lenguaje educativo para la acción social transformadora. *Comunicar*, vol. XXVI, núm. 57.
- Alice, T. (2016). Performances de arte relacional: uma revolução dos afetos. In: Alice, T. (2016). *Performance como revolução dos afetos*. São Paulo: Annablume. P. 123-144.
- Almeida, A. A., Marques, L. A. (2021). *Artivismo para uma existência moderna não colonizada*. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 8, n. 2, p. 478-490. Recuperado de <https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/revistagepadle/article/view/5228>
- Alvarez, J. & Passos, E. (2020). *Cartografar é habitar um território existencial*. In: Passos, E., Kastrup, V. & Escóssia, L. D. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, pp.: 131-149.
- Amao, M. (2022). “Artivismo: disputa estético-política por la memoria colectiva”. *Estudios del Discurso* 8.1, p.108-123
- Amato, B.; Carvalho, L. F.; Gesser, M. (2022). As teorias queer e crip no rompimento das epistemologias hegemônicas da Psicologia. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, vol. 56, núm. 3, pp. 1-20.
- Anzaldúa, G. (2009). Como domar uma língua selvagem. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa*, no 39, p. 303-318.
- Appadurai, A. El temor a los números pequeños. (2007). In: Appadurai, A. *El rechazo de las minorías: ensayo sobre la geografía de la furia*. Traducción de Alberto E. Alvarez y Araceli Mayra. Tusquets Editores: Barcelona, pp.: 67-110.
- Artesi, C. J. (2021). Artivismo y resistencia: lo político en una experiencia teatral en la Ciudad de Buenos Aires. *Dossier: Historia y problemas del siglo XX | Año 12, Volumen 15*, p. 148-167.
- Azeredo, S. M. M. (2002). O político, o público e a alteridade como desafios para a psicologia. *Psicol. cienc. prof.* [online]. vol.22, n.4, p. 14-23. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/55tmhWNRwnfbYPJcx4LqWpB/?format=pdf&lang=pt>> Acesso: 11 de jun de 2023.

- Barros, L. P. & Kastrup, V. (2020). *Cartografar é acompanhar processos*. In: Passos, E., Kastrup, V. & Escóssia, L. D. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, pp.: 52-75.
- Barros, R. B. & Passos, E. (2020). *Diário de bordo de uma viagem-intervenção*. In: Passos, E., Kastrup, V. & Escóssia, L. D. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, pp.: 172-200.
- Bernadino-Costa, J. *Decolonialidade*. (2023). In: Rios, F.; Santos, M. A.; Ratts, A. (2023). *Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva. pp.: 99-104.
- Bicalho, P. P. G.; Magalhaes, K. C.; Cassal, L. C. B. and GeraldinI, J. R. (2012). Cinquenta anos de produção do conhecimento: práticas políticas da pesquisa em Psicologia. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2012, vol.32, n.spe, pp. 264-275.
Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/pcp/a/c9ggjz6TN8w87V8KqTXFgPL/?format=pdf&lang=p>
t> Acesso: 11 de jun de 2023.
- Boas, A. G. V. (2015). *Artivismo: Arte + Política + Ativismo - Sistemas Híbridos em Ação*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como requisito para a obtenção do título de mestre em Artes Visuais, sob orientação do Prof. Dr. Agnaldo Valente Germano da Silva.
- Brasileiro, C. V. (2022). *Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude*. São Paulo: n-1 edições; Editora Hedra.
- Bordin, V. B. (2015). Artivismo – borrando fronteiras entre vida e arte. *Zona de Impacto*. ano 17, volume 2, 126-135. Recuperado de chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/http://www.revistazonadeimpacto.unir.br/2015_2_ARTIGO_ARTIVISMO.pdf
- Bulfinch, T. (2002). *O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis*. Tradução de David Jardim Júnior — 26a ed. — Rio de janeiro.
- Buratto, A. M. G. (2016). Considerações acerca dos Interstícios entre Arte e Ativismo. *Ponto Urbe [Online]*, 18. Recuperado de <https://journals.openedition.org/pontourbe/2989>

- Butler, J. (2019). *Corpos que importam*. Trad. Veronica Daminelli; Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo edições.
- Cahen, M. (2018). *O que pode ser e o que não pode ser a colonialidade*. In: Cahen, M.; Braga, R. (orgs) Para além do pós(-)colonial. São Paulo: Alameda, p. 31-73.
- Cahen, M.; Braga, R. (2018). *Anticolonial, pós(-)colonial, decolonial: e depois?* In: Cahen, M.; Braga, R. (orgs) Para além do pós(-)colonial. São Paulo: Alameda. p. 09-30.
- Cerasoli, J. F. (2018). Pensar por pluralidades. In: Jacques, P.B., Pereira, M.S. *Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo I – modos de pensar* [online]. Salvador: EDUFBA, pp. 262-287.
- Césaire, A. (2022). *Discurso sobre o Colonialismo*. In: Textos escolhidos: A tragédia do rei Christophe; Discurso sobre o colonialismo; Discurso sobre a Negritude. Org. José Fernando Peixoto de Azevedo; Trad. Sebastião Nascimento. Rio de Janeiro: Cobogó. p. 159-210.
- Cohen, R. (2004). *Work in Progress na cena contemporânea*. São Paulo: Perspectiva.
- Collins, P. H. & Bilge, S. (2021). *Interseccionalidade*. Tradução de Rane Souza. 1.d. São Paulo: Boitempo.
- Colomina-Molina, T. (2021). Artivismo feminista y *flashmob*: lenguaje corporal en el mundo oriental. *ex æquo*, n.º 44, p. 205-220.
- Costa, M. A., Coelho, N. (2018). A(r)tivismo feminista – intersecções entre arte, política e feminismo. *Confluências: Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito*. volume 20, n.º 2., 25-49. Recuperado de <https://periodicos.uff.br/confluencias/article/view/34558>
- Cusicanqui, S. R. (2021). *Ch'ixinakak utxiwa: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores*. In: Cusicanqui, S. R. (2021). *Ch'ixinakak utxiwa: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores*. Traduzido por Ana Luiza Braga, Lior Zisman Zalis. São Paulo: n-1 edições. p.: 87-116.
- Deleuze, G. (1997). *Devir-intenso, Devir-animal, Devir-imperceptível*. In: Deleuze, G. (1997). *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 54.
- Delfin, L., Almeida, L. A. M., & Imbrizi, J. M. (2017). A rua como palco: arte e (in)visibilidade social. *Psicologia & Sociedade*, 29: p. 1-10.

- Delgado, D. L. (2015). En torno a *the file room* de Antoni Muntadas: um exemplo pionero de ciber-artivismo. *Congresso sobre Movimientos Sociales y TIC*. p. 218 - 231.
- Escobar, S.; Aguilar, M. (2019). *Artivismo* en la cultura digital. Dos casos em México: #ilustradoresconayotzinapa y #noestamos todas. *INDEX* #08, p.142-150.
- Fanon, F. (2008). *O preto e a psicopatologia*. In: Fanon, F. (2008). *Pele negras, máscaras brancas*. Trad. de Renato da Silveira. Salvador: UDUFBA.
- Fanon, F. (2022). *Guerra colonial e distúrbios mentais*. In: Fanon, F. (2022). *Os condenados da terra*. Trad. Ligia Fonseca Ferreira; Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, pp.: 250-319.
- Ferdinand, M. (2022). *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. Trad. Leticia Mei. São Paulo: UBU Editora.
- Ferreira, G. B. (2015). Margeando artivismos globalizados: nas bordas do *mujeres al borde*. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 23(1), p. 207-218.
- Fischer, S. (2017). Mulheres, Performances e Ativismo Feministas Decoloniais. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis.
- Foucault, M. (1977). *Ver, saber*. In: Foucault, M. (1977). *O nascimento da clínica*. RJ: EDITORA FORENSE-UNIVERSITARIA. p.: 121 – 140.
- Frayze- Pereira, J.A. (2005). *A Psicologia entre a Estética e a História da Arte*. In: Frayze- Pereira, J.A. (2005). *Arte, Dor: inquietudes entre estéticas e psicanálise*. São Paulo: Ateliê Editorial, p. 31-54.
- Galindo, A. E. (2022). Consideraciones sobre arte y activismo: la singularización del deseo multitudinário. *Estudios del Discurso*. Vol. 8 Núm. 1. pp. 34-47.
- Glissant, E. (2021). *Poética da relação*. Trad. Marcela Vieira; Eduardo Jorge de Oliveira. 1. Ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Glusberg, J. (2013). *A arte da performance*. São Paulo: Perspectiva.
- Goldberg, R. (2015). *A arte da performance: do futurismo ao presente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Gómez, L. P. (2017). *Artivismo* y potencia política. El colectivo Fuerza Artística de Choque Comunicativo: cuerpos, memoria y espacio urbano. *telóndefondo* /26, p. 48-62.

- Greiner, C.; Sanches, T. (2023). Dramaturgias crip: o ambíguo desfazimento do corpo-organismo em cenas anti-anthropocêntricas. *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 3, n. 48, set. 2023.
- Greiner, C. (2023). *Corpos Crip: instaurar estranhezas para existir*. São Paulo: n-1 edições.
- Grosfoguel, R. (2020). *Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada*. In: Bernardino-Costa, J.; Maldonado-Torres, N.; Grosfoguel, R. (2020). *Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico*. 2º Ed. Belo Horizonte: Autêntica. p. 55-77.
- Guzzo, M. S. L. & Spink, M. J. P. (2015). Arte, dança e política(s). *Psicologia & Sociedade*, 27(1), p. 3-12.
- Haseman, B. (2015). Manifesto pela pesquisa performativa. *Resumos do Seminário de Pesquisas em Andamento -PPGAC/USP*, v. 3.1. Recuperado de: [https://ppgipc.cienciassociais.ufg.br/up/378/o/Manifesto_pela_pesquisa_performativa_a_%28Brad_Haseman%29.pdf](https://ppgipc.cienciassociais.ufg.br/up/378/o/Manifesto_pela_pesquisa_performativa_%28Brad_Haseman%29.pdf).
- hooks, b. (2022). *Mais uma vez: a segregação precisa acabar*. In: hooks, b. (2022). *Pertencimento: uma cultura do lugar*. Trad. de Renata Balbino. São Paulo: Elefante, p. 116 – 141.
- Hur, D. U. (2007). A Psicologia e suas entidades de classe: histórias sobre sua fundação e algumas práticas no Estado de São Paulo nos anos 70. *Revista Psicologia Política*, 13 (1).
- Hur, D. U. (2012a). Políticas da psicologia: histórias e práticas das associações profissionais (CRP e SPESP) de São Paulo, entre a ditadura e a redemocratização do país. *Psicologia USP*, 23(1), 69-90.
- Hur, D. U. (2012b). O dispositivo de grupo na Esquizoanálise: tetralência e esquizodrama. *Revista do NESME*, v.9, n. 1, pp. 18-26.
- Hur, D.U. (2013). Esquizoanálise e política: proposições para a Psicologia Crítica no Brasil. *Teoría y Crítica de la Psicología*, (3), 264-280.
- Hur, D.U. (2015). Corpocapital: códigos, axiomática e corpos dissidentes. *Lugar Comum*, 45, 232-245.
- Hur, D. U. (2021). Cartografia das intensidades: pesquisa e método em esquizoanálise. *Práxis Educacional*, 17(46), 1-18.
- Hur, D. U. (2021). *Psicologia, Política e Esquizoanálise*. Campinas: Alínea.
- Hur, D. U. (2023). *Esquizoanálise e esquizodrama: clínica e política*. Campinas: Alínea.

- Kastrup, V. & Barros, R. B. (2020). *Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia*. In: Passos, E., Kastrup, V., Escóssia, L. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, p.76-91.
- Kastrup, V. (2020). *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*. In: Passos, E., Kastrup, V., Escóssia, L. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, p.32-51.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Klein, R.; Rius-Ulldemolins, J. (2021). Prácticas culturales y espacios públicos como lugares de interacción social y política. Un análisis del activismo en Barcelona y València. *Arte, indiv. soc.* 33(3) p. 753-767.
- Liberato, M. T. C. & Dimenstein, M. (2013). Arte, loucura e cidade: a invenção de novos possíveis. *Psicologia & Sociedade*, 25(2), p. 272-281.
- Lippard, L. R. (1983) «Caballos de Troya: arte activista y poder», en MARZO, J. L. (ed.) *Fotografía y activismo*, Gustavo Gili, Barcelona, 2006, pp. 55-82.
- Lobo, L.; Cassoli, T. (2006). Circo social e práticas educacionais não governamentais. *Psicologia & Sociedade*; 18 (3). p. 62-67.
- Macedo, J. P. & Dimenstein, M. (2011). Expansão e interiorização da Psicologia: reorganização dos saberes e poderes na atualidade. *Psicol. cienc. prof.* [online]. Recuperado em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/kMcBjnTf9Jt39LPnvqRR5s/?format=pdf&lang=pt>> Acesso: 11 de jun de 2023.
- Maldonado-Torres, N. (2020). *Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas*. In: Bernadino-Costa, J.; Maldonado-Torres, N.; Grosfoguel, R. (orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2º Ed. Belo Horizonte: Autêntica. p. 27-54.
- Martins, L. M. (2021). *Performances do Tempo Espiral: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Massmann D., Silva, J. W. F. S., Batista, J. N., Santos, J. J. (2021). Ativismo de gênero: discursos de/sobre a mulher no “feminejo”. *Leitura (Dossiê Especial “Discurso, Gênero, Resistência”)*, Maceió, n. 69, mai./ago. p. 343-355.
- Mbembe, A. (2018). *A crítica a razão negra*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n.1 edições.

- Mbembe, A. (2020). *A sociedade da inimizade*. In: Mbembe, A. (2020). Políticas da Inimizade. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n.1 edições.
- Mbembe, A. (2021). *A dominação universal*. In: Mbembe, A. (2021). Brutalismo. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n.1 edições.
- Meneses, E. S. (2020). Estalqueando verônica: ativismo e mediação sociocultural da transgeneridade em meio à pandemia. *CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, Juiz de Fora, n. 31.
- Mello, A. G. de, & Nuernberg, A. H. (2012). Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. *Revista Estudos Feministas*, 20(3), 635–655.
- Mignolo, W. D. (2008). Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, no 34, p. 287-324.
- Mombaça, J. (2021). *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Moreira, J. O.; Romagnoli, R. C.; Neves, E. O. (2007). O Surgimento da Clínica Psicológica: Da Prática Curativa aos Dispositivos de Promoção da Saúde. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 27 (4), 608-621.
- Nascimento, M. L.; Manzini, J. M. and Bocco, F. (2006). Reinventando as práticas psi. *Psicol. Soc.* [online]. 2006, vol.18, n.1, pp. 15-20. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/psoc/a/kVZvS6SmJDZc59Fm5JH98TS/?format=pdf&lang=pt> > Acesso: 11 de jun de 2023.
- Neto, R. G. L.; Vasconcelos A. K. L. C.; Lima, G. S. et al. (2022). “Corporeidades insurgentes: decolonizando corpos e "Deficiências", *International Journal of Development Research*, 12, (08).
- Oliveira, F. H. M. (2018). Corpos diferenciados em performance: Corpo, Diferença e Ativismo. *CAD. GIFE CIT*, Salvador, ano 22, n 41, p 131-148.
- Ortega, V. (2015) El ativismo como accion estrategica de nuevas narrativas artísticopolíticas Calle14, 10 (15) pp. 100 – 111.
- Passos, E. & Barros, R. B. (2020). *A cartografia como método de pesquisa-intervenção*. In: Passos, E., Kastrup, V. & Escóssia, L. D. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, pp.: 17-31.
- Paulon, S. M. (2005). A análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção. *Psicologia e Sociedade*. 17(3).
- Pedron, D. (2013). Performance e Escrita Performática. *Cadernos de Subjetividade*. Recuperado de: <http://ken.pucsp.br/cadernossubjetividade/article/view/38520/26180>

- Pedroni, R. & Vieira, M. S. (2019). Enfrentamentos permanentes em ativismos artísticos. *Urdimento*, Florianópolis, v.3, n.36, 423-448. Recuperado de <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/14708>
- Pelbart, P. P. (2019). *Cartografia da danação urbana*. In: Pelbart, P. P. (2019). *Ensaio do Assombro*. São Paulo: n-1 edições, pp.: 220-232.
- Pereira, J. A. (2021). *Arte expandida decolonial: tensões entre a arte-vida, o corpo, a dramaturgia e as possibilidades de performar a si mesmo*. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 143 f.
- Pereira, J. A. (2022). Como homens racializados podem se manter vivos? Danças, processos de ensino-aprendizagem, corpos, trauma colonial e cultura de si. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 7, edição virtual. *Anais eletrônicos [...]*. Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – Editora ANDA, p. 889-897.
- Pereira, J. L. & Lima, F. E. N. (2017). *Estranhamentos e desestabilizações no debate jurídico sobre deficiência: possíveis contribuições da teoria crip à (des)construção da capacidade legal*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (*Anais Eletrônicos*), Florianópolis.
- Rachel. D. P.; Marques, D. A.; Mariano, B. K. (2021). Ativismo respiratório: uma proposta de educação remota no país irrespirável. *Manzuá: Revista de Pesquisa em Artes Cênicas*, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 18–45. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/manzua/article/view/22725> . Acesso em: 20 mar. 2023.
- Raposo, P. (2015). “Artivismo”: articulando dissidências, criando insurgências. *Cadernos de Arte e Antropologia*, Vol. 4, nº 2, pag. 3-12.
- Reis, A. C. (2014). Arteterapia: a Arte como Instrumento no Trabalho do Psicólogo. *Psicologia: ciência e profissão*, 34 (1), 142-157. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/pcp/a/5vdgTHLvfkzynKFHnR84jqP/?format=pdf&lang=pt> > Acesso: 11 de jun de 2023.
- Reis, C. & Guareschi, N. M. F. (2010). Encontros e desencontros entre Psicologia e Política: formando, deformando e transformando profissionais de saúde. *Psicol. cienc. prof.* [online]. vol.30, n.4, pp. 854-867. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/pcp/a/v9vTMJFTjctStpT9WPKDP8k/?format=pdf&lang=pt> > Acesso: 11 de jun de 2023.
- Rocha, M. L. E Aguiar, K. F. (2003). Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: ciência e profissão*, 23(4), 64-7.

- Rolnik, S. (2016). *Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo*. 2º edição, Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS.
- Rolnik, S. (2018). Insurgências macro e micropolítica: dessemelhanças e entrelaçamentos. In: Rolnik, S. *Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, p. 99-145.
- Romagnoli, R. C. (2009). A cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicologia & Sociedade*; 21 (2): 166-173.
- Romão, L. (2021). Também guardamos pedras aqui. São Paulo: Editora Nós.
- Rufino, L. (2021). *Vence-demanda: educação e descolonização*. Rio de Janeiro: Mórula.
- Sakamoto, C. K. (2011). Clínica psicológica: o manejo do *setting* e o potencial criativo. *Boletim de Psicologia*, vol 61, n 135, Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432011000200003
- Sánchez-Arenas, B. S. (2019). La acción creativa del artivismo para uma educación artística crítica y social. *Revista Visuais: Revista do Programa de Artes Visuais da UNICAMP*: nº 8, v5.
- Santos, B. S. (2022). *Descolonizar: abrindo a história do presente*. Trad. Luis Reyes Gil. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Boitempo.
- Santos, E. F. (2019). Corpo Livre: Corpo e arte como formas de ativismo em São Paulo. *Giz: Gesto, imagem e som*. São Paulo, v. 4, n.1, 125-156. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/152114>
- Sarr, F. (2019). *Curar-se, Nomear-se: exigência de dignidade*. In: Sarr, F. (2019). *Afrotopia*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, p. 89-96.
- Silva, J. B. P. (2022). Artivismos na pandemia. *Revista Estética e Semiótica*. Volume 12, Número 1.
- Silva, T. T. (2014). *A produção social da identidade e da diferença*. In: Silva, T. T. (org); Hall, S.; Woodward, K. (2014). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, p. 73-102.
- Soares, G. P., Félix-Silva, A. V., & Figueiró, M. E. S. S. (2014). Teatro-menor: cartografia em arte e experimentação de mulheres em situação de cárcere. *Psicologia & Sociedade*, 26(n. spe.), p. 89-99.

- Spivak, G. C. (2010). *Pode o subalterno falar?* Tradutores: Almeida, S. R. G.; Feitosa, M. P.; Feitosa, A. P. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- Stubs, R., Teixeira-Filho, F. S., Galindo, D. & Milioli, D. (2015). Corpos, subjetivações estéticas e arte e feminismos: passagens na pesquisa em Psicologia. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 27, n. 3, p. 211-218. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/fractal/a/vbdptPd4ssTvsLg43rbCYnt/abstract/?lang=pt>
- Stubs, R., Texeira-Filho, F. S. & Lessa, P. (2018). Artivismo, estética feminista e produção de subjetividade. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 26(2). Recuperado de <https://www.scielo.br/j/ref/a/Tv5hVNZ5W98QhbHNVV753vS/abstract/?lang=pt>
- Theodoro, H. C. S; Denari, F. E. (2023). Teoria queer-crip no Brasil e a sexualidade de pessoas com deficiência: uma revisão de literatura. *Revista Cocar*. V.19. n. 37, p. 1-18.
- Trói, M. (2018). *Corpo dissidente e desaprendizagem: do Teatro Oficina aos a(r)tivismos queer*. Dissertação de mestrado (Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade), Universidade Federal da Bahia, 2018.
- Veloso, C. T. (2021). Arte asociacionista cubano para un fin de siglo: artivismo, performance y revolución. *Arte y Políticas de Identidad*. Vol.25, p. 33-51.
- Vincent, N. (2022). Artivismo con humor en *Las miserables* de Las Reinas Chulas. Valenciana, núm. 30, pp. 253-282.
- Viana, M. F. V. B. (2021). “Artivismo” e Performances em marcha: Análise antropológica da Marcha das Vadias de Recife, 2019. *RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*. V. 07.
- Vidal, Y. (2020). Artivismo feminista: aproximación en tres casos del 8 de Marzo en Uruguay. *Telóndefondo*, 31, p. 49-65.
- Yamamoto, O. H. (2012). 50 anos de profissão: responsabilidade social ou projeto ético-político?. *Psicol. cienc. prof.* [online]. vol.32, n.spe, p. 6-17. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/cBdQj3p5tNcRM8fSGh9mWtr/?format=pdf&lang=pt>> Acesso: 11 de jun de 2023.
- Zandomenico, Y. (2021). Modos de descolonizar: o trauma é brasileiro, de Castiel Vitorino Brasileiro. *Revista de Comunicação e Linguagens Journal of Communication and Languages*. N.54, p. 296-323.